



# Universidade de Brasília

Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação

Maria Vitória Canesin Lovato

**Descendo pela toca do coelho:  
O processo lógico-abduutivo como inauguração de pensamento**

Brasília, 2011



# Universidade de Brasília

Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação

Maria Vitória Canesin Lovato

**Descendo pela toca do coelho:  
O processo lógico-abduutivo como inauguração de pensamento**

Monografia apresentada à Banca  
Examinadora da Faculdade de Comunicação  
como exigência final para obtenção do  
título de Bacharelado em Comunicação Social – Audiovisual

Orientador: Pedro Russi Duarte

Brasília, 2011

**Descendo pela toca do coelho:  
O processo lógico-abduutivo como inauguração de pensamento**

Maria Vitória Canesin Lovato

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Pedro David Russi Duarte  
Orientador

---

Prof. Dr. Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho

---

Prof. Dr. Walter Romero Menon Jr

## **AGRADECIMENTOS:**

Ao professor Pedro Russi que, como diz Peirce (sobre o bom professor de raciocínio), por alguma extraordinária conjunção dos planetas, me ensinou e me ensina muito sobre a inauguração do pensamento, sobretudo por, desde 2007, provocar em mim a pergunta ‘Como eu Penso’, também por me apresentar Peirce e me introduzir a semiótica, pela paciência bem humorada com minha desorganização e por confiar e deixar que eu confie no meu trabalho. Aos colegas do Núcleo de Estudos em Semiótica – NESECOM, que não cansam da minha tagarelice nos encontros, principalmente quando o assunto é Peirce, especialmente ao Flávio, pelas respostas tão imediatas e carinhosas, por se entusiasmar comigo e me entusiasmar com provocações. Pela companhia insubstituível da Mariana, minha irmã, sem a qual eu, com certeza, estaria um passo atrás: mais chá mais chá! À Ludmilla pelo infinito que nos trança e que se encontra nesse espaço limitado de palavras, e ela sabe; a Minhoca, outra irmã que ganhei bem cedo na vida, que me conhece profundamente e, mesmo sem nunca ter ouvido falar de Peirce, aguentou diariamente minhas reclamações e minha bagunça. À Camila por ter começado e terminado junto comigo - ainda que nunca termine. A todas as pessoas que tão presentemente estiveram sempre comigo nessa caminhada brasiliense e que me mostraram que nem sempre uma família tem o mesmo sobrenome. À minha família toda que eu carrego continuamente nos meus traços e no meu ser, ainda que eu esteja longe e as vezes ausente, especialmente meu pai querido e minha irmã Maria Pia pelo apoio e amor incondicional, ainda que à distância e à minha mãe, meu espelho, que não está mais, mas é o tempo todo comigo, tão presentemente que sem ela não haveria nem força e nem vontade. E finalmente ao Miguel, meu amor, por toda doçura com que me acalmou durante as crises, por todo esforço e paciência que dedicou para me ajudar nas traduções peirceanas, pela atenção dada ao meu texto, pela companhia maravilhosa que não me deixa perder as estribeiras e pela certeza que me faz descobrir diariamente o quão a vida é intensa e ilimitada e que o amor, assim como a razão tem uma propriedade intrínseca: o crescimento.

Obrigada.

“Porque mistério sempre há de pintar por aí” Gilberto Gil

“Não se pode alcançar o menor avanço no conhecimento além da fase de olhar livre,  
sem fazer uma abdução a cada passo” Charles Sanders Peirce

### **Resumo:**

Sob a luz do Pragmatismo de Peirce, este trabalho propõe uma reflexão sobre o processo lógico-abdutivo que, originado da singular experiência do Musement, nos permite conhecer o que ainda não conhecemos, viabilizando criativamente o surgimento de uma idéia nova. Veremos como o ser que pensa aparece sempre aberto ao mundo sendo capaz de, através de sua razão criativa, inaugurar um pensamento que ultrapasse os determinismos e tenha lugar na imaginação. Abordaremos também o ideal de razoabilidade de Peirce, que nos mostrará que a razão é um contínuo processo de aperfeiçoamento e que envolve todas as dimensões do ser. Para isso, iremos nos apropriar do movimento de Alice que, ao descer pela toca do coelho ao País das Maravilhas, se envereda em um processo de descoberta, manifestando na abudção sua unidade e incompletude, a fim de entender uma situação, o mundo e a si mesmo.

**Palavras-Chaves:** Abdução, Musement, Razoabilidade, Alice no País das Maravilhas, Criatividade, Descoberta, Semiótica, Peirce

### **Abstract:**

In light of Peirce's Pragmatism, this work puts a reflection about the logic-abductive process which, originated from the unique experience of the Musement, allow us know what we yet don't know, enabling creatively the emergence of a new idea. We will see how the being that thinks appears always opened to the world and capable of, through his own creative reason, inaugurating a thought that surpasses the determinism and holds a place on the imagination. Peirce's ideal of reasonableness will also be approached. It will show us that reason is a continuous process of improvement and that it involves all the being's dimensions. For that, we will take part of Alice's movement, who, when goes down the rabbit hole, engages a process of discovery, manifesting in abduction her unity and incompleteness, so to understand a situation, the world and herself.

**Key words:** Abduction, Musement, Reasonableness, Alice in Wonderland, Creativity, Discovery, Semiotics, Peirce.

## SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO: .....	2
CAPÍTULO 1 – A dúvida de Alice.....	8
1.1 – A via de entrada para inquirição.....	11
1.2 – Este mundo e não outro: uma perspectiva anticartesiana .....	19
CAPÍTULO 2 – Alice e a subjetividade inquiridora .....	25
2.1 – O reconhecimento do <i>eu</i> como signo .....	25
2.2 – Abertura .....	30
2.3 – Ações Autocontroladas e a plasticidade do hábito.....	32
2.3 – Temporalidade, <i>Sinequismo</i> e Incompletude.....	45
CAPÍTULO 3 – O processo lógico-abdutivo .....	55
3.1 – Abdução em Peirce.....	56
3.2 – Abdução e Experiência. ....	62
3.3 – Abdução e <i>Musement</i> .....	66
3.4 – Abdução e Pragmatismo .....	71
3.4 – Abdução e Imaginação .....	74
3.5 – Abdução, criatividade e inteligibilidade.....	78
CAPÍTULO 4 – Alice e o ideal de razoabilidade .....	82
4.1 – O ideal de Razoabilidade.....	83
4.2 – Abdução e Razoabilidade.....	85
4.3 – O processo logico-abdutivo de Alice .....	90
4.4 – Razoabilidade, uma busca lúdica .....	95
CONCLUSÃO.....	100
Referências Bibliográficas: .....	107



## INTRODUÇÃO:

Mas estou tão pouco preparada para entender. Antes, sempre que eu havia tentado, meus limites me davam uma sensação física de incômodo, em mim qualquer começo de pensamento esbarra logo com a testa. Cedo fui obrigada a reconhecer, sem lamentar, os esbarros de minha pouca inteligência, e eu desdizia caminho. Sabia que estava fadada a pensar pouco, raciocinar me restringia dentro de minha pele. Como, pois, inaugurar agora em mim o pensamento? E talvez só o pensamento me salvasse.<sup>1</sup>

Este é um estudo que procura compreender conceitualmente a inquirição e a inferência abdutiva como processos vivos necessários para pensar o conhecimento e a descoberta. Todo processo de descobrimento é baseado na coragem de desafiar toda nossa vida dócil e organizada em prol de algo que, no entanto, ainda não sabemos o que é. Não é um grito de Eureka!, mas uma processualidade que envolve todas as dimensões do nosso ser e nossa inerente relação com o mundo. Conhecer é também criar. Não é um ato, mas uma atitude (postura) criativa. Nenhum resultado dissociado de seu processo pode abarcar o todo da descoberta. Esse estudo é, então, um estudo sobre o processo.

Compreender envolve a coragem e a liberdade de assumir a incompreensão e, não satisfeitos com o que já conhecemos, ultrapassar as determinações, correr atrás de algo que ainda não sabemos exatamente o que é, mas amamos e perseguimos. Não entender é uma desorganização profunda que abre-nos para as possibilidades ilimitadas do pensamento afim de conhecer o novo. Arriscamos então, toda nossa esperança acomodada para desviar dos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares e que por isso, nunca nos leva tão longe. Arriscamos em favor de um alargamento do olhar para, inconformados com a terra parca que nos foi dada, não abrir mão do imenso terreno que temos por conquistar. Viver é um risco. Os primeiros navegadores tiveram a bravura de abrir mão da terra firme e lançar-se ao mar

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, C. *A Paixão Segundo G.H.*, 2009. Rio de Janeiro: Rocco p. 10

lançando-se também a um risco maior: de conquistar e compreender o que não compreendiam. Assim, Alice<sup>2</sup> também se entrega para toca do Coelho.

Foi igualmente perseguindo o que eu não compreendia que comecei os primeiros pensamentos sobre este trabalho. Eu queria compreender justamente o que nos leva a compreender alguma coisa – e não compreender já era uma boa pista. Devo dizer que, embora Magritte esteja presente apenas indiretamente neste trabalho, ele foi meu grande inspirador. As telas dele perseguiam um mistério e desafiavam a ‘sensatez’ de um estado de coisas que não deveria e nem poderia ser tão estável e rígido. Era como se em cada objeto que pintava deixasse transparecer sempre um elemento por descobrir do qual seus quadros não poderiam dar mais que uma resposta incerta. Não eram só as telas que me intrigavam, mas sobretudo meu estado em relação a elas: seduziam-me penosamente a uma busca por tentar entender, um estado vivo de dúvida. Em poucas palavras: despertavam-me a inquietação.

Descobri, então, que queria estudar esse estado/processo que nos arrebatava quando tentamos compreender algo. A situação inquieta e incômoda da dúvida. Foi então que me lembrei de Alice se aventurando pelo desconhecido e misterioso País das Maravilhas e, bem dizendo, foi assim que Alice me escolheu. Quais os processos que levavam a menina a entregar-se daquele modo ao que não compreendia e como se desenrolava esse processo na medida em que ia compreendendo? O que faz com que nos levantemos de uma sombra tranquila e confortável a beira do lago para perseguir obstinadamente algo que mal compreendemos? É essa obstinação que nos leva a enxergar além da nossa miopia cômoda de ‘como as coisas devem ser pensadas’ – a miopia da estabilidade e facilidade das coisas – para descobrir e vivenciar maravilhas, permitindo então que enxerguemos longe e amplamente, buscando, sobretudo, uma maravilha maior: o conhecimento.

---

<sup>2</sup> CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&MP, 1998

Como chega nossa inteligência a supor algo realmente novo e capaz de mudar o curso da história? Como e por que somos capazes de supor situações fantásticas e nos colocar a disposição delas tal qual Alice atrás do coelho branco? O que permite que essas suposições vívidas, ainda que na imaginação, provoquem crescimento do *eu* e conseqüentemente do mundo? De que maneira, diante algo que nos surpreende, poderíamos questionar o estado corrente das coisas, sem precisar por abaixo todo nosso edifício do conhecimento? É como se, quando algo surpreendente nos arrebatasse, perdêssemos algo que nos parecia necessário, mas que já não é. E assim então me apareceu G.H. a personagem de Clarice que, tal como Alice, teve coragem de experimentar o novo:

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitara de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar procurar.<sup>3</sup>

Essa descrição metafórica de Clarice elucida muito bem como um fato surpreendente, que vai contra nossas expectativas, nos desestabiliza, mas no entanto, nos faz caminhar na procura. Também o fato da perna perdida ser justamente a terceira, nos leva, é claro, a Peirce: o fato novo desestabiliza a terceiridade, os hábitos que nos permitem entender o mundo, manifestando a principal característica deles: a plasticidade, e nos deixando em um estado um pouco assustador chamado inquirição.

Meu primeiro contato com Semiótica foi em 2008, na disciplina “Semiótica e Comunicação” que se deu em forma de seminário e foi também meu primeiro contato com Peirce. O interesse pelo assunto levou a formação do Núcleo de Estudo em Semiótica da

---

<sup>3</sup> LISPECTOR, C. 2007. p. 10

Comunicação – NESECOM – no qual compartilhei momentos de riquíssimas discussões que me provocavam a compreender melhor a teoria deste excêntrico filósofo e cientista. De certa maneira, também escolhi Peirce para buscar compreendê-lo. Um dos desafios deste trabalho é fazer um recorte objetivo de sua teoria para avançar no caminho que propus.

A obra de Peirce é extensa e, em boa parte, pouco conhecida. A maior parte de seus escritos foram organizados postumamente, coligidos nos *Collected Papers*, e refletem o processo de um falibilista autocrítico que se autocorrigia e aperfeiçoava continuamente seus conceitos. Os *Collected Papers* não são organizados cronologicamente, mas por temática, o que algumas vezes resulta em uma busca confusa atrás de conceitos que só podem ser entendidos em relação uns aos outros, tornando impossível uma leitura linear. A formação em química o levava a explicações herméticas sobre, por exemplo, o que a reação do protoplasma ao ser tocado tem a ver com nosso processo de formação de hábitos, o que nos leva a outro desafio: a falta de tradução para língua Portuguesa.<sup>4</sup>

Traçados os desafios, este trabalho pretende, sob a luz do Pragmatismo de Peirce, fazer uma reflexão sobre o processo lógico-abduutivo que, originado da singular experiência do *musément*, nos permite conhecer o que ainda não conhecemos, viabilizando criativamente o surgimento de uma ideia nova.

Veremos como o ser que pensa aparece sempre aberto ao mundo sendo capaz de, através de sua razão criativa, inaugurar um pensamento que ultrapasse os determinismos e tenha lugar na imaginação. Abordaremos também o ideal de razoabilidade de Peirce, que nos mostrará que a razão é um contínuo processo de aperfeiçoamento e que envolve todas as dimensões do ser.

---

<sup>4</sup> A leitura em inglês resulta difícil por conta dos hermetismos, e nesse sentido O Grupo de Estudos Peirceanos, da Universidad de Navarra, muito contribuiu com traduções para o espanhol, que se aproxima mais da nossa língua.

Alice irá ilustrar nosso pensamento. Seu movimento e seu processo de descoberta enriquecerá nosso estudo. No entanto, é preciso deixar claro que esse trabalho não pretende analisar a narrativa ou o curso da história de Alice, tampouco partir para psicologismos da personagem, mas ao contrário, olhar seu movimento, sua travessia em busca de conhecer melhor aquele país. O espírito de descoberta de Alice será uma espécie de fio condutor que ilustrará os conceitos articulados neste estudo, enriquecendo nosso pensamento. A aventura no País das Maravilhas aparece como uma oportunidade de pensar a racionalidade humana a partir de alguns conceitos de Peirce, sem apartar dela a imaginação e o sentimento resultando numa razão criativa capaz de chegar a ideias novas.

Clarice Lispector, com seu livro *A Paixão Segundo G.H.*, também aparecerá no curso da pesquisa. Assim como em Alice, não exploraremos a narrativa, mas a fecunda descrição e teorização que a personagem faz sobre seu processo de descoberta. No livro em questão, a autora é capaz de transformar em palavras situações difíceis de descrever, intimamente ligadas a situação de inquirição. G.H compartilha com Alice o descobrimento e a transformação do conhecimento, e aparece aqui como um referencial teórico adicional para nossa pesquisa. Essa escolha, embora ousada, me parece pertinente e acertada, pois há algum tempo tenho percebido nas obras de Clarice um pensamento interessante com, inclusive, um potencial teórico que muito dialoga com as teorias de Peirce. Mas esta é outra história.

No primeiro capítulo deste trabalho, “A dúvida de Alice”, procuraremos explorar como Alice é despertada de seu estado tranquilo ao lado da irmã na beira do lago e sem hesitar entra pela toca do coelho branco em direção ao que não conhece. Este movimento inicial nos levará a pensar a dúvida e a inquirição – que nos desperta para a descoberta – partindo de inquietações gerais sobre como pensamos e como é necessário superar o pensamento racionalista cartesiano para avançar no estudo.

No segundo capítulo, “Alice e a subjetividade inquiridora”, nos focaremos na subjetividade semiótica. Ilustrados novamente por Alice, vamos tentar compreender como o

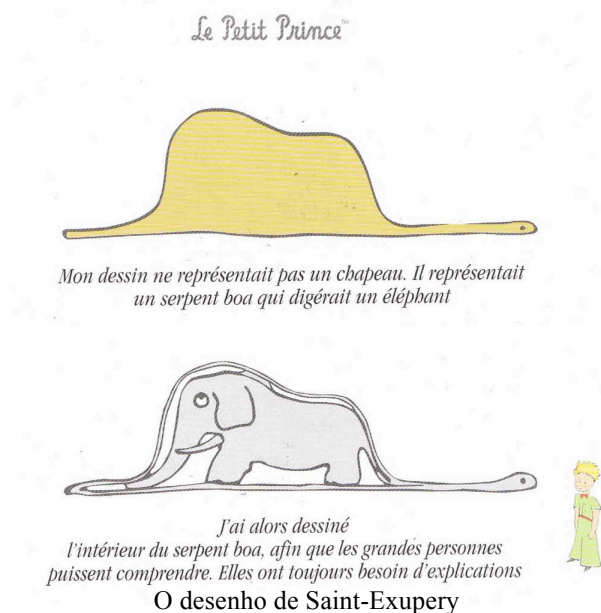
ser humano se apresenta e se reconhece no mundo sob uma visão pragmática peirceana e como suas ações podem resultar criativas. O capítulo três, intitulado “O processo lógico-abdutivo”, é o mais conceitual. Tentaremos explorar a lógica abdutiva e a particular experiência do *musément*. Procuraremos entender como, a partir dela, é possível descobrir, criar e conhecer, o que nos permitirá avançar para o quarto capítulo: “Alice e o ideal de Razoabilidade”, onde iremos ver que todo movimento de nosso pensamento, assim como o processo de descoberta de Alice caminham para um ideal: o de razoabilidade. Devemos tornar razoável o mundo que vivemos, e só podemos fazer isso com uma abdução a cada passo.

\* \* \*

Para que o texto ficasse mais fluido, optei por traduzir livremente os textos em Inglês e Espanhol quando não houvesse tradução em português publicada.

Cabe observar que o termo Reasonableness (e sua tradução em espanhol, Razonabilidad) foi traduzido como Razoabilidade, que apesar de ter um sentido corriqueiro que possa diminuir sua força, abarca um sentido maior, correspondente a palavra original, além disso, essa tradução já vem sendo usada também em outras publicações em português.

## CAPÍTULO 1 – A dúvida de Alice



Todos os dias acordamos sem qualquer inquietação no espírito. Fomos educados a uma mera acumulação de conhecimento e cognições. Ocupamo-nos não raro, quando nos damos o trabalho de pensar, de uma razão que deixa de lado sentimentos, que não se alia a imaginação. Enquanto isso, mentes criadoras e atenciosas são identificadas como gênios, loucos ou no mínimo raros. Nosso ‘como experimentamos’ o mundo está fadado a um conformismo. O que chamamos de pensar tem tido caráter reacionário, efeito anestésico. Deixou de ser a mola propulsora que opera revoluções para habitar uma entidade pouco produtiva. Muitas vezes fazemos esforços para conservar nossas ações diante as coisas sem questiona-las. Todas as infinitas possibilidades se tornam desfocadas aos nossos olhos educados pela lente da expectativa óbvia.

Somos herdeiros de um pensamento racionalista que apartou da razão todas as outras dimensões do ser e conduziu-nos por uma educação fragmentária e reducionista que ignora, negligencia e muitas vezes se coloca contra um pensar que englobe os diferentes níveis do ser humano. O isolamento e reificação do intelecto racionalista levou a um tamanho descompasso entre o pensamento e a própria vida e é de se esperar que os docentes e

discentes, adultos e crianças tenham uma dificuldade enorme em articular unitariamente o pensar e o viver. Dificilmente conseguem entender e ensinar que o que se aprende em sala de aula guarda alguma relação com nossa maneira de ordinária de pensar e vivenciar nossas experiências. Essa herança acabou por desumanizar o pensamento e a educação acabou se tornando uma mera acumulação de conhecimentos – cartilhas e manuais nos ensinam a pensar. Não se problematiza a dúvida apenas se ensina resoluções. “Acho surpreendente que os professores de ciência, mais do que os outros, se possível fosse, não compreenda, que alguém não compreenda”<sup>5</sup>.

Nos ensinam cedo o ditado popular que diz que curiosidade matou o gato, e então ao invés de levarmos a adiante as perguntas, devemos, o quão antes, nos familiarizar com as respostas sem mais problematização. Uma criança pinta o céu de rosa, então alguém a corrige dizendo que o céu, na verdade, é azul. A criança então questiona o porquê e tem como resposta um dedo apontado pro céu que diz: ‘porque é assim’. Azul é então a cor do céu pro resto de sua vida, ainda que o universo jamais se permita pintar o céu do mesmo modo ao fim de cada tarde. Empobrecemos nosso espírito porque somos educados para preferir o que confirma nosso saber àquilo que o contradiz, nos familiarizamos com a resposta e então a questão ganha uma clareza abusiva e se torna “fator de inércia para o espírito”<sup>6</sup>. É essa inércia que, como uma lente que limita a visão, faz com que nenhum adulto veja, no desenho de Saint-Exupery, uma jiboia engolindo um elefante.

É necessário nos livrarmos do obstáculo da inércia para seguir adiante no conhecimento. Isso só se fará possível com a superação dos dualismos e da noção cartesiana de razão. Descobrimos o mundo pela experiência e não é preciso ser nenhum especialista em

---

<sup>5</sup> BACHELARD, Gaston. *A noção de obstáculo epistemológico*. In: A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 p.23

<sup>6</sup> Ibid., p. 18



ciência para notar que apreendemos nossas vivências com todas as expressões de nossa sensibilidade. Experimentamos o mundo com emoção, imaginação e sentimento. Se superarmos a separação entre razão e imaginação e considerarmos o ser humano como um todo que faz parte e vivencia o universo, estando sempre aberto à experiência, podemos entender melhor como compreendemos o mundo que nos cerca e a nós mesmos. Do contrário, tampouco entenderíamos como, olhando incansavelmente para o céu e superando a inércia das respostas que lhe foram dadas, Copérnico pode supor que era a Terra que girava em torno do Sol.

Nessa perspectiva de superação do racionalismo moderno e do pensamento dualista, encontramos em Peirce uma noção integradora da razão e do ser humano que procuraremos desenvolver ao longo do trabalho a fim de entender como podemos inaugurar verdadeiramente um pensamento que não se esgote em respostas prontas. Peirce nos mostrará que o homem é criativo e imaginativo por natureza. Nós carregamos a tendência de crescer, desenvolver novas maneiras de enxergar e compreender o mundo. Se não obstruirmos – com inércia ou com regras – o pensamento, manifestaremos livremente essa tendência o tempo todo, seja na ciência, nas artes e até nas ações de nossa vida cotidiana. A visão peirceana do ser como signo e a admissão da abdução como inferência lógica, que estudaremos nos capítulos que se seguem, serão chaves para entendermos, ilustrados pelas descobertas de Alice, como podemos conhecer o novo.

As – infelizes – pessoas grandes que desaconselham Saint-Exupéry a seguir uma vida de pintor e deixar de lado seus desenhos de jiboias abertas ou fechadas, perderam cedo a vivacidade no olhar. Ora, não é de se negar que o desenho nos lembre mesmo um chapéu. Isso acontece talvez porque, sem dúvida, estamos mais familiarizados com chapéus que com jiboias engolindo elefantes. Mas não é por uma falha do desenho que não enxergamos a cobra, mas porque fomos acostumados a limitar nosso olhar à ver só o que já se viu e custamos em nos entregar à possibilidade da descoberta. É preciso uma espécie de coragem

para entrar de supetão tal qual Alice entra na toca do coelho, movida por um sentimento que não se aquieta facilmente e que no entanto vivemos a sufoca-lo com nossa pressa de entender. Ser flexível para enxergar novas ideias pode parecer muito difícil e trabalhoso, então é mais fácil seguir enxergando chapéus. Ver as coisas com mais atenção para conseguir ver quantas são as possibilidades do mundo seria desorganização profunda demais para essas pessoas grandes com o olhar tão pequeno. Mas não seria essa a verdadeira atribuição do intelecto?

Uma ideia como a de chapéu, de tão difundida, perde sua insistência. Estamos tão acostumados com a ideia de tal coisa que chegar a ver um chapéu comum dificilmente resultaria em alguma impressão nova que vá além do tédio. Está certo que se Alice vivesse rodeada por apressados coelhos com relógios, tais como chapéus, provavelmente nem ia notá-lo e seguiria ao lado da irmã com a preguiça de um livro sem figuras.

Neste capítulo, tentaremos articular algumas reflexões iniciais para entender como a possibilidade improvável de encontrar um coelho vestindo coletes com um relógio no bolso permite o acontecimento maravilhoso que abre as portas para Alice entrar num estado de extrema curiosidade e inquietude, o estado desconfortável da dúvida que faz com que ela largue tudo, se desfaça rapidamente da preguiça, e sem medir esforços vá atrás do coelho até por fim entrar na sua toca. “Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer”.<sup>7</sup>

### **1.1 – A via de entrada para inquirição**

Só restava a Alice entrar, “sem nem sequer pensar como é que iria sair da toca de novo”<sup>8</sup> e entregar-se a queda:

Ou o poço era muito fundo, ou ela estava caindo muito devagar, pois teve bastante tempo para olhar ao redor enquanto caía e para se perguntar o que

---

<sup>7</sup> SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa, 2004. Rio de Janeiro: AGIR. p.12

<sup>8</sup> CARROLL, 1998 p. 12

iria acontecer a seguir. Primeiro, tentou olhar pra baixo e descobrir onde ia chegar, mas estava escuro demais para ver alguma coisa.<sup>9</sup>

Esse primeiro movimento de Alice, o de querer saber onde vai chegar antes de mal ter se dado conta da queda é nossa conduta cotidiana e banal, e reflete quanto estamos habituados a viver sem mistério. É a inércia, o receio da dúvida, “que faz os homens agarrarem-se espasmodicamente às posições que ele já têm”<sup>10</sup>, que nos faz seguir apenas por caminhos que já conhecemos. “O homem julga que, se conseguir manter-se fiel a crença sem vacilar, isso será inteiramente satisfatório.”<sup>11</sup>

Estamos acostumados a já saber onde vamos chegar quando escolhemos determinado caminho e certamente essa é a escolha mais confortável, no entanto dessa forma chegamos apenas aos mesmos lugares. “Devido a diversas circunstâncias peculiares, uma boa instrução de raciocínio é algo extremamente raro”<sup>12</sup>. A experiência, ela mesma que é ilimitada e maravilhosa, fica enclausurada em jaulas pela atuação mecânica e engessada de como as coisas devem ser pensadas. É um pensamento mecanicista que transmite teoremas da

---

<sup>9</sup> CARROL, 1998. p.13

<sup>10</sup> PEIRCE, C. P. *A fixação da crença*. Popular Science Monthly, New York, v. 12, nov.1877 Tradução Anabela Gradim p. 10 -Disp.em: <<http://www.lusosofia.net/textos/peirceafixacaodacrenca.pdf>> . Acesso em: 25/11/2011

<sup>11</sup> Ibid. p. 10. Neste artigo de 1877, Peirce chamará esta forma de se fixar a crença e evitar a dúvida *de método da tenacidade*, onde se adota uma posição tenaz a respeito de suas crenças, mantendo sistematicamente fora de seu campo de visão tudo o que poderia causar uma mudança nas suas opiniões, dando o célebre exemplo do avestruz que, ao ver o perigo enfia sua cabeça na areia e calmamente diz que o perigo não existe. No mesmo ensaio descreve quatro métodos pelos quais podem-se estabelecer crença: tenacidade, autoridade, método a priori e o método científico do qual Peirce aponta a superioridade. Embora eu não vá explorar diretamente estes métodos, podemos dizer que Alice se aproxima da postura adotada pelo método científico, ao atender a uma dúvida viva, começa com fatos observados para prosseguir para o desconhecido, na intenção de descobrir, através de seu raciocínio, como as coisas realmente são.

<sup>12</sup> PEIRCE, Charles Sanders. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. CP 1.657 [ A abreviação dessa obra será citada a partir daqui como: CP, seguido pelo número do volume e número do parágrafo, assim, CP 1.657 se refere ao parágrafo 657 do primeiro volume dos Collected Papers]

matemática de forma que fiquemos tão familiarizados com as resoluções que desempenhamos, em um automatismo cego, a tarefa de resolve-los para, então, obtermos bons resultados nas avaliações.

Levamos em consideração a provocação de Peirce sobre o que se tem ensinado sob o nome de lógica (digo ‘se tem’ no presente, pois apesar do texto datar de 1898 ele é profundamente atual):

É verdade que matemáticos ensinam um ramo da razão. Isto é, de fato, seu principal valor na educação. Mas quão poucos professores entendem a lógica da matemática! E quão poucos entendem a psicologia do aluno atordoado! O aluno encontra uma dificuldade em Euclides: dois para um que a razão é que existe um defeito lógico. O garoto, entretanto, está consciente apenas de um misterioso obstáculo. Ele não consegue contar ao professor qual é sua dificuldade; o professor deve ensiná-lo. Agora, bem, o professor provavelmente nunca captou realmente a verdadeira lógica da passagem. Mas crê que capta pois, devido a uma longa familiaridade, ele já perdeu o senso de encarar a barreira invisível que o garoto sente. Se o professor tivesse alguma vez conquistado a dificuldade lógica ele mesmo, claro que ele reconheceria o que era, e então preencheria pelo menos a primeira condição para poder ajudar. Mas não conquistando a dificuldade, mas apenas tendo desgastado o senso de dificuldade pela familiaridade, ele simplesmente não consegue entender porque o garoto sentiria qualquer dificuldade; e tudo que ele pode fazer é exclamar, “Oh, esses burros, burros garotos!” Como se um médico exclamasse, “Oh, esses pacientes terríveis, eles não vão melhorar!”<sup>13</sup>

Não está justamente na reflexão sobre esse misterioso obstáculo – que é na verdade, um convite a solucioná-lo – e não na própria solução a característica mais importante ou, no mínimo, indispensável ao raciocínio todo? E não é exatamente nesse precioso obstáculo, o estado atordoado do aluno, que se encontra Alice? Esse estado-sentimento é marginalizado em favor de um resultado óbvio e tedioso e é verdade que nos esquecemos com frequência da

---

<sup>13</sup> CP 1.657

importância dele que, ainda que obstáculo, é a fonte de energia a para a pesquisa e para o raciocínio a respeito do mundo e de nós mesmos.

Alice se encontrava em um estado estável e preguiçoso, sentada ao lado da irmã à beira do lago, um estado de espírito que Peirce chamará crença, “um estado calmo e satisfatório que não desejamos evitar”<sup>14</sup>. A crença não nos faz agir imediatamente, mas apenas faz com que nos comportemos de determinada maneira ou de outra quando sugere a ocasião. É um estado onde, na ausência de qualquer fato que o contrarie, estamos satisfeitos e agimos ordinariamente e sem questionamentos através dos hábitos pelos quais estamos familiarizados.

Mas, como o coelho branco de Alice, a experiência pode nos confrontar com uma surpresa que nasce da quebra de uma expectativa. Instaura-se então a dúvida, um estado de desconforto do qual lutamos para nos libertar, nos estimulando para destruí-la. A irritação da dúvida causa então uma luta, uma busca pelo estado de crença que Peirce denominará inquirição.<sup>15</sup> Alice, quando vê aquele animal olhando o relógio de bolso, sai de um estado confortável para se entregar a um desconforto profundo. Esse sentimento de dúvida, que resulta da desorganização do que antes era organizado e fácil, instaura a inquirição e faz com que ela entre mesmo sem saber pra onde dá essa entrada. “É difícil perder-se”.<sup>16</sup>

Ainda assim, ela mecanicamente olha pra baixo para saber onde vai chegar. Essa é uma atitude que tomamos rotineiramente sem pensar. Mas ‘saber onde vai chegar’ é algo que não faz tanto sentido diante o novo. Precisamos educar o espírito a olhar para o mistério e tomar conhecimento de que pensamos, nos perguntarmos como pensamos, antes de estarmos convencidos de que alguma coisa só pode ser o que sempre foi ou o que – por motivos de hábito – deveria ser. E antes que uma solução mecânica faça com que isso passe

---

<sup>14</sup> PEIRCE, 1877 p. 7

<sup>15</sup> Ibid., p. 8

<sup>16</sup> LISPECTOR, 2009, p. 10

desapercebido, é preciso reeducarmos a respeito do resultado. Porque, por outras razões diversas, esperam de nós – e muitas vezes nós mesmos esperamos – não a prática do raciocínio, mas resultados tangíveis e demonstráveis.

A entrega de Alice ao coelho é uma coragem. Uma coragem que nos mostra essa coisa sobrenatural e maravilhosa que é experimentar a vida sem mecanismos. Uma atitude corajosa que é entregar-se ao ‘ir sendo’ e abandonar aquele viver que domesticamos para torna-lo familiar. A coragem de Alice de “não compor nem organizar. E sobretudo de não prever”<sup>17</sup> é o pensamento. É a mesma coragem de GH, no livro de Lispector, uma coragem viva, que ela descreve com precisão:

Até então eu não tivera a coragem de me deixar guiar pelo que não conheço e em direção ao que não conheço: minhas previsões condicionavam de antemão o que veria. Não eram anteveres da visão: já tinham o tamanho dos meus cuidados. Minhas previsões me fechavam o mundo.<sup>18</sup>

A coragem de Alice a levou até um mundo de possibilidades intermináveis – como é o nosso mundo mesmo. Um caminho que levava a vários caminhos, e não até um velho caminho já marcado pelo hábito, a descida pela toca do coelho se desenrola nessa coragem. Habituar-se meramente com um caminho ou uma ideia sem ter a menor hesitação em reconhece-la<sup>19</sup> pode se transformar em um – confortável – empecilho para o pensamento. Quando a experiência nos convida a conhecer o novo, precisamos driblar esse empecilho, não de maneira forjada e extravagante de modo que a coisa na qual pensamos se torne algo ininteligível, mas de maneira autêntica e vivaz, despertada pela própria vivência e capaz de tornar o mundo mais inteligível.

---

<sup>17</sup> LISPECTOR, 2009, p 15

<sup>18</sup> Ibid., p.15

<sup>19</sup> PEIRCE, Charles Sanders. Como tornar nossas ideias claras. Popular Science Monthly, New York, v. 12, nov. 1877 p.2 – Tradução António Fidalgo -Disponível em: Acesso em: 25/11/2011.

<[http://www.lusosofia.net/textos/peircecomo\\_tornar\\_as\\_nossas\\_ideias\\_claras.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peircecomo_tornar_as_nossas_ideias_claras.pdf)>

Assim era o estado de Alice: uma dúvida nascida na experiência, plantada no espírito, viva e genuína. Tal qual a interrogação que nos sugere Magritte em seu quadro “A Traição das imagens”<sup>20</sup>. O que seria aquele desenho senão um cachimbo? O que a palavra ‘Isso’ e a palavra ‘cachimbo’ na frase embaixo poderia designar? Dois hábitos cristalizados combinados inusitadamente em um quadro, unidos em forma de incerteza e surpresa, provocando o estado desconfortável da dúvida pelo simples fato de colocar em cheque nosso hábito escolar de encarar o desenho da cartilha como a coisa mesmo.



MAGRITTE, La Trahison des Images, 1929

O resultado do quadro é abrir nossos olhos para enxergar além da familiaridade. É um evento maravilhoso que nos coloca diante o mistério e as possibilidades, como em um jogo. Nos faz pensar na relação entre as coisas, uma relação que, sem esses olhos abertos, pode se fazer mecânica ou automática. Revela também um elemento misterioso ligado a essa relação, devido ao fato que, no curso de nossas experimentações havíamos adquirido a certeza que conhecíamos esses signos de antemão, mas esse conhecimento nada mais é que uma crença encarnada no espírito que nunca tinha sido, anteriormente, colocada em dúvida.

Colocados em relação, o desenho e a frase sob o cachimbo, desfazem a familiaridade e combatem o automatismo do pensamento – que não deixaria de ser exercido para diminuir a inquietação. É parecido com o que a combinação coelho + relógio e as outras mil

---

<sup>20</sup> MAGRITTE, La Trahison des Images, 1929

possibilidades de relações inusitadas do País das Maravilhas provocam em Alice: um estado de curiosidade muito esquisitíssimo<sup>21</sup>. Este estado confuso e desconfortável de dúvida, que nasce na experiência da menina, inaugura a inquirição: uma atividade aberta que não pressupõe a busca por algo definido ou uma resposta determinada, mas caracteriza-se por ser uma pergunta viva que, através da própria vivência, procura as possibilidades de entendê-la e acalmar o estado insatisfatório da dúvida. A inquirição de Alice, tal como Peirce entende, nasce de uma dúvida que tem origem na experiência e a move procurar maneiras que, embora falíveis, possam tornar aquilo que é confuso mais claro.

Alice desce pela toca do coelho e vai conhecendo o cotidiano daquele país a partir de possíveis tentativas. Na medida em que pensa nos diálogos completamente novos aos quais está sujeita ela entende melhor sua experiência. Alice está toda tomada de inquirição e procura entender o que está vivenciando a partir de sua própria vivência. Este exercício de conhecer, que é resultado de um processo abduutivo que discutiremos no capítulo três, está profundamente ligado a superação da tendência que temos de atuar mecanicamente diante o que nos é familiar e inaugura nosso pensamento através de uma atitude criadora que nos permite explorar o mundo que nos rodeia.

Poucas vezes nos damos conta de que o homem é criativo e imaginativo por natureza e quanto os nossos sentimentos estão atrelados a nossa razão. Carregamos a tendência de crescer e, tal como Alice, desenvolver novas maneiras de enxergar e compreender o mundo. Poderíamos manifestar livremente essa tendência o tempo todo, mas somos educados a não dar atenção a ela. A passagem de Peirce sobre a lógica, a qual me referi no início, continua:

Mas suponha que, por alguma extraordinária conjunção dos planetas, um professor muito bom de raciocínio tivesse sido nomeado, qual seria seu primeiro cuidado? Seria resguardar seus estudantes de um mal do qual a lógica usualmente padece, de forma que, a não ser que escoe assim como

---

<sup>21</sup> “ ‘Muito esquisitíssimo!’ gritou Alice (ela estava tão surpresa que por um momento esqueceu completamente como se fala a língua)” CARROLL, 1998 p. 23



água em um pato, esse mal certamente os fará os piores dos piores pensadores, a saber, falsos pensadores, e o que é pior, pensadores inconscientemente falsos, para o resto de suas vidas. O bom professor irá, todavia, tomar as mais profundas dores para prevenir os estudantes de ensoberbecerem-se com seus conhecimentos de lógica. Ele desejará impregná-los com a maneira certa de olhar o raciocínio antes que eles estejam cientes que aprenderam qualquer coisa; e ele não se importará em dedicar considerável tempo nisso, pois será de muita valia. Mas agora vem o examinador e o próprio aluno. Eles querem resultados, tangíveis a eles. O professor é rejeitado como um fracassado, ou, se a ele é dada outra chance, ele tomará conta de reverter seu método de ensino para dar-lhes resultados – especialmente, pois essa é a maneira preguiçosa. Estas são algumas das causas de termos tão poucos sólidos pensadores no mundo.<sup>22</sup>

Olhar para o raciocínio antes de estar certo que irá chegar em algum lugar, é para mim, o caminho que a Alice toma, ainda que involuntariamente<sup>23</sup>. A ansiedade, a curiosidade, a inquietação e o incômodo que sente Alice no País das Maravilhas, somados ao seu deslumbre, seus sentimentos, imaginação e criatividade – características centrais do raciocínio para Peirce – diante esse novo mundo em que se reconfigura o tempo todo são o que impulsionam a trajetória da personagem e, conseqüentemente, sintomas da inquirição. A menina se entrega para a dúvida no momento em que deixa-se descer pela toca do coelho.

Alice não duvida porque quer, não se trata de uma dúvida voluntária ou forjada, por esse motivo, ela não está a procura de uma resposta específica ou de vestígios que a levem a uma conclusão determinada. É natural da inquirição que lutemos incessantemente para sair desse estado, mas essa dúvida, como discutiremos a seguir, é como uma pergunta ainda não

---

<sup>22</sup> CP 1.657

<sup>23</sup> Isso se aproxima com a noção de vetor epistemológico de Bachelard: “O vetor epistemológico [...] vai do racional ao real e não, inversamente, da realidade ao geral, como era professado por todos os filósofos, desde Aristóteles até Bacon” (BACHELARD apud BOUDIEU, P. ; CHAMBOREDON J. e PASSERON, J. *O Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2004 p. 48)

respondida sobre uma situação que não se conhece mas processualmente e mediante hipóteses, se vai descobrindo.

Esse é um dos motivos que nos levam a tratar a história de Alice como uma travessia, como uma experiência que se realiza e vai se realizando em um caminho. E o fato de não saber exatamente onde vai chegar não é uma questão de ignorância, mas de pensamento, de entender que o caráter definitivo do mundo não está fixado. Isto permite que Alice inaugure seu pensar, superando a tendência de agir mecanicamente e se entregando ao exercício da procura e da potencialidade de conhecer o mundo, tomando uma atitude criativa diante sua vivência para tornar cada vez mais razoável o País das Maravilhas, ou seja, tornar possível entender e expressar esse mundo de possibilidades.

Aí está a chave para não nos equivocarmos ao procurar como Alice sairá da toca ou considerar que quando Alice acorda – supondo que é mesmo um sonho – ela volte exatamente para onde estava. Alice certamente não volta para o mesmo lugar ou para a mesma Alice que era antes, ela passa por uma transformação, por uma situação abdutiva que permite que ela configure, dentro da toca, possíveis caminhos de entender sua vivência e conseqüentemente entender a si mesmo, são essas possibilidades que a levam a entrar. O exercício da dúvida de Alice permite que ela chegue a muitos lados e se encontre em um continuo aperfeiçoamento do entendimento. O ato de encontrar uma saída, na verdade, é uma metáfora: a toca do coelho é sobretudo, uma via de entrada.

## **1.2 – Este mundo e não outro: uma perspectiva anticartesiana.**

Se supormos, ao final do livro, que se tratava de apenas um sonho que Alice teve enquanto dormia na beira do lago com sua irmã, teríamos razão suficiente para não embarcarmos em uma interpretação cartesiana da história, já que, para Descartes, “os sonhos que imaginamos quando estamos a dormir não devem, de modo algum, nos levar a duvidar da

verdade dos pensamentos que temos quando estamos acordados”<sup>24</sup> (ironicamente dizem que foram três sonhos que teve que o levou a desenvolver seu método). Apesar disso, não é difícil dar uma perspectiva cartesiana ao fato de Alice descer pela toca do coelho. Poderíamos propor que, como se pudesse duvidar de tudo menos de si, Alice colocaria abaixo todo seu edifício de crenças, as opiniões que até então aceitara, recusasse todo seu entendimento das coisas e reconstruísse seu próprio mundo.

É preciso cuidado para deixar claro como nos propomos a entender a travessia de Alice. Quando dizemos que Alice embarca em um mundo de possibilidades onde o olhar que tem diante as coisas torna-se aberto, longe do olhar mecânico a que estamos condicionados. Não estamos afirmando, de maneira alguma, que Alice adote uma posição cética, com a qual duvide de todos princípios em que acredita e se afasta do caminho comum de maneira que reforme seus pensamentos. Também não é o caso que o País das Maravilhas seja algo como um terreno ou mundo que é apenas dela, ou seja, que Alice se liberte de todas as opiniões que ela tinha antes como verdadeira e individualmente, ilhada em sua mente e razão cartesiana, conduza-se a si mesmo.

Descartes, seguindo o espírito de sua época, estava por demais abalado com as descobertas de Copérnico e Galileu que mostravam que certas crenças aparentemente indubitáveis, baseadas em dados sensíveis como a crença no movimento do sol em torno da terra, eram ilusórias. De fato, essa foi uma das maiores motivações que o levou a estabelecer novos critérios para a certeza. À procura de uma solução para o problema, Descartes vai pensar um critério de certeza capaz de resistir a qualquer possibilidade de engano, forjando a dúvida a um limite máximo: “julguei que era necessário (...) que rejeitasse como absolutamente falso tudo aquilo em que eu pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, depois disso, não restaria alguma coisa na minha crença que fosse inteiramente indubitável.”<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> DESCARTES, R. Discurso do Método. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960, p.101

<sup>25</sup> Ibid., P.88

A perplexidade de Descartes perante o movimento ilusório do Sol, que faz com que ele, a grosso modo, venha supor que tudo possa ser ilusório, poderia ser comparada com a perplexidade de Alice ao ver o coelho branco. Poderíamos supor, dessa maneira, que Alice desce na toca do coelho abandonando o mundo em que vivia antes e sua travessia fosse feita através de uma mente fechada em sua própria interioridade que reconhece a si própria como a única coisa indubitável, duvidando inclusive da própria experiência que está tendo.

Está certo que é a perplexidade da dúvida despertada pelo coelho branco que faz com que Alice entre em um estado inquieto que a impulsionará durante toda a travessia. Fica claro também a originalidade da solução cartesiana em começar uma investigação pela dúvida. No entanto, um dos problemas desta solução está em se tratar de uma dúvida imposta, forjada a nós mesmos que, como consequência, impõe que nos desfaçamos de tudo o que acreditávamos saber anteriormente. Não se trata de uma dúvida que nasce no nosso espírito a partir de alguma vivência, mas que nos é imposta como um estado constante que deve derrubar todo nosso edifício de crenças, enclausurando o homem nele mesmo.

Por esse motivo, a dúvida que motiva Alice não tem a ver com a dúvida cartesiana. Ela, ao contrário, não forjou nada ao cair pela toca do coelho mas, foi tocada pela experiência. Antes de duvidar da vivência que lhe ocorria e dos elementos que a ela compunha, Alice questionou seu próprio ser no mundo e questionou também seu conhecimento acerca das coisas, mas não colocou em questão a experiência vívida, tampouco desfez-se de seus conhecimentos para tentar entender o que lhe ocorrera. Pelo contrário, inaugurou em si – através, sim, da perplexidade da dúvida, mas de uma dúvida viva e genuína – um pensamento também vivo, que não se restringia dentro de sua pele.

A dúvida de Alice carrega a possibilidade de resultar em algo novo, possibilita a descoberta, sem que pra isso se precise trocar, de uma vez, todas as tábuas do barco em alto

mar<sup>26</sup>. O estado que Alice se encontrava era um estado de liberdade e abertura, não de prisão e isolamento como o estado proposto por Descartes. É no próprio mundo em que sempre viveu, e não em outro, que, considerando suas possibilidades, Alice vai encontrar meios de tornar as novidades razoáveis.

Procurando entender a dúvida de Alice dessa forma, deixamos de lado a busca de um critério de certeza e verdade como a de Descartes e partimos para um critério de significação. Dessa forma, nos aproximamos do pragmatismo de Peirce para procurar entender a maneira com que Alice compreende o País das Maravilhas através da experiência, no sentido em que é em nossa relação com o mundo e não apartados dele que podemos crescer, ou seja, conhecer e entender nossas vivências. Dessa maneira, como já dissemos, a inquirição peirceana também nasce da dúvida, uma dúvida viva e específica, não formal e genérica como a de Descartes. A postura de abertura de Alice, que permite novas maneiras de entender o mundo está atrelada a uma atitude criativa da personagem que a permite conhecer o País das Maravilhas sem precisar abandonar todo seu edifício de crenças.

O Pragmatismo de Peirce propõe uma conexão íntima entre pensamento e ação. A inquirição é uma atividade aberta e pressupõe uma atitude aberta de espírito do sujeito inquiridor. Não é um processo que busca algo definido, mas uma investigação nascida na experiência, que leva em consideração a potencialidade de entendermos a situação e conjecturar hipóteses que satisfaça, ainda que falivelmente, a dúvida instaurada. É também através do raciocínio lógico que levamos a inquirição adiante, mas como podemos ver em Alice, esta razão, superado o cartesianismo, deve ser entendida de maneira mais ampla, atrelada a imaginação e aos sentimentos.

Podemos refletir sobre isso tomando como exemplo novamente o quadro de Magritte. Nele não temos nada mais que um desenho simples, completamente reconhecível pelo hábito

---

<sup>26</sup> Refiro-me a metáfora do barco de Otto Neurath : "Somos como marinheiros obrigados a reparar o seu barco no alto mar, sem qualquer possibilidade de desmontar todas as peças e de o reconstruir em doca seca."

que somado a uma frase igualmente simples, corriqueira e completamente inteligível. Não se trata de uma coisa tão nova que não poderíamos entender, nem de uma grande ilusão que nos leve, para buscar mais compreensão, a abandonar inclusive o que temos acreditado ser um cachimbo.

O que faz com que nos coloquemos em dúvida diante o que vemos e que abre a possibilidade do novo, longe de duvidar do significado da frase propriamente dita ou do desenho, é a relação entre os dois, o fato de que não conseguimos definir o plano que devemos colocar a afirmação escrita na tela. Mas, para nos propor esse jogo de relações, que permite a perplexidade da dúvida, é preciso partir da nossa própria experiência, e não abandona-la. Nossa inquietação surge na tentativa curiosa de tornar aquilo inteligível, dar sentido a proposição dentro de um diálogo do antigo e do novo entendimento que a tela propõe. O quadro abre possibilidade de ir além das ações mecanizadas do conhecimento passado, porém existe por referência a algo antigo, a crenças já existentes.

Assim acontece com Alice ao estar diante àquela experiência tão nova tentando, o tempo todo, conjuga-la com toda sua experiência anterior. Desse modo, se Saint-Exupéry enxergava em seu desenho uma jiboia e não um chapéu, não era porque a noção que tinha de chapéu era uma ilusão e que por isso deveria ser abandonada ou ainda que aquele desenho era uma mera criação de sua mente que o levava a uma certeza indubitável. O País das Maravilhas não é fruto de uma mente que cria por ela mesma, fechada em si. Estar aberto às possibilidades do mundo que Alice experimenta não é lançar mão desse nosso mundo, pelo contrário, é estar mais aberto a ele. Dessa maneira a travessia de Alice não sugere um outro mundo possível mas, sugere sim, as maravilhosas possibilidades do nosso mundo.

Longe de sugerir uma individualização, a originalidade daquele evento maravilhoso está no quanto de Alice se encontra nele e em como é a experiência como um todo. No próximo capítulo, tentaremos entender o modo pessoal e característico que o *eu* de Alice se expressa na vivência, superando o *eu* particular e introspectivo fadado ao solipsismo como o

eu cartesiano. Veremos que é um *eu* apoiado sobretudo na abertura e na relação com o mundo, um *eu* sujeito a mudanças, falível e evolutivo, tais quais as hipóteses que Alice levanta em sua busca.

## **CAPÍTULO 2 – Alice e a subjetividade inquiridora**

Como vimos no capítulo anterior, o pragmatismo de Peirce propõe uma conexão íntima entre pensamento e ação. A inquirição é uma atividade aberta e pressupõe uma atitude também aberta de espírito do sujeito inquiridor, superando a visão introspectiva e individualista da visão cartesiana. Desta forma, neste capítulo procuraremos entender melhor esta abertura e quais são suas consequências.

A hipótese cartesiana de que nossa identidade pessoal, ou nossa alma, se encerra em nosso corpo é, sob o ponto de vista peirceano, por demais limitada e resulta na ideia de que estamos trancados em “uma caixa de carne e osso”<sup>27</sup>. Esta ideia decorre da estrita separação do pensamento moderno entre mente e corpo que concede à razão um caráter abstrato, apartado dos corpos físicos e independente do mundo, deixando de fora “tanto a experiência como a possibilidade de partir da vida”<sup>28</sup>.

Do ponto de vista de Peirce “o eu, a alma, não está encerrada dentro de um corpo, senão que pode conhecer a realidade tal e como é e entrar em contato com outras mentes.”<sup>29</sup> A partir disto, vamos procurar entender Alice como sujeito inquiridor. Procuraremos entender também como sua personalidade e subjetividade dão condições para ela se expressar e entender a si mesmo e o mundo criativamente, tornando-o mais razoável.

### **2.1 – O reconhecimento do *eu* como signo**

A recusa do ponto de partida cartesiano resulta em uma recuperação da unidade do ser humano, que sente, imagina, se reconhece e se define continuamente através de sua intertroca

---

<sup>27</sup> CP 7.591

<sup>28</sup> BARRENA, S.; NUBIOLA, J. Antropología pragmatista: el ser humano como signo en crecimiento Publicado en J. F. Sellés (ed.): Propuestas antropológicas del siglo XX, Eunsa, Pamplona, 2007, 39-58. Disp. em <http://www.unav.es/gep/II/PeirceArgentinaBarrenaNubiola.html> > Acesso em 25/11/2011

<sup>29</sup> Ibid.



com o outro e com o mundo. Dessa maneira, nossa identidade pessoal, como já comentamos, será encarada como aberta e inserida na malha do mundo. O sujeito da inquirição será sempre incompleto e irrealizável em um instante definido, já que se caracteriza essencialmente pelo constante desenvolvimento e consequente crescimento.

Superando o dualismo do pensamento moderno, para Peirce mente e matéria são dois aspectos da mesma realidade. Tal qual a superfície da cinta de Moebius, pensamento e mundo são contínuos um ao outro e “o ser humano, enquanto parte deste universo, possui a mesma unidade de mente e matéria”<sup>30</sup> já que a “matéria não tem nenhuma existência exceto como uma especialização da mente.”<sup>31</sup> Seria por isso um erro conceber os aspectos físicos e psíquicos do homem como aspectos completamente diferentes e separados:

(...) toda mente está direta ou indiretamente conectada com toda matéria e atua de uma maneira mais ou menos regular, de tal modo que toda mente participa em maior ou menor medida da natureza da matéria. (...) Observando a coisa de fora, considerando suas relações de ação e reação com outras coisas, aparece como matéria. Vendo-a desde o interior, olhando seu caráter imediato como o sentimento, aparece como consciente.<sup>32</sup>

Peirce nos oferece subsídios para pensar no homem de forma mais coerente e unitária e sua visão terá como “característica principal a tridicidade do ser humano, o caráter que possui o homem enquanto signo”<sup>33</sup>. Sob essa perspectiva semiótica, o ser humano aparecerá como intrinsecamente social e aberto, “inserido em uma rede de possíveis relações sem as quais não poderia compreender que é o homem”<sup>34</sup> e portanto, só através do conhecimento inferencial podemos conhecer nosso próprio *eu*.

---

<sup>30</sup> BARRENA; NUBIOLA, 2007.

<sup>31</sup> PEIRCE, La esencia cristalina del hombre, 1892. Traducción castellana de Carmen Ruiz. Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/MansGlassyEssence.html>> Acesso: 25/11/2011

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> BARRENA; NUBIOLA, 2007.

<sup>34</sup> Ibid.

Dizer que o *eu* só pode ser conhecido inferencialmente, significa dizer que só podemos entender o *eu* como signo, ou seja, “que se manifesta para fora, através dos fatos externos”<sup>35</sup>. Peirce dedicou longa parte de sua vida a lógica ou semiótica, o estudo geral dos signos. Os signos, em sua teoria, não são meros veículos de ideias ou “meras expressões do mental, senão que tudo é potencialmente signo: o mundo é signo e mesmo a mente é signo.”<sup>36</sup>

Analisemos então sua definição:

Um signo ou representamen , é algo que está por algo para alguém em algum aspecto ou capacidade. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um símbolo mais desenvolvido. Esse signo criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo está por algo, seu objeto. O signo está por algo não em todos os aspectos, mas em referencia a um tipo de ideia que, por vezes, denomino *ground* do representamen<sup>37</sup>

Como vimos, para Peirce, um signo não é só algo que está por outra coisa, mas que também está pra alguém. Nesse sentido tudo é signo, pois tudo aparece como capaz de manifestar algo para um terceiro. Fica claro, com isso, que o signo nunca se limita ao ser signo, mas transcende o ser em si mesmo, pressupõe uma relação com o que há além do signo, caracteriza-se pela mediação e pela abertura.

O *eu*, como signo, manifesta igualmente essas características, ou seja, não se limita em ser em si mesmo e pressupõe sempre uma relação com o outro. É sob esse ponto de vista peirceano que propomos uma reflexão sobre Alice que, enquanto manifestação individual da ideia geral de ser humano – como signo – aparecerá como sujeito que atua no mundo, aberta e

---

<sup>35</sup> BARRENA, Sara. La Razón Creativa - Crecimiento y finalidad del ser humano según C. S. Peirce. Madrid: RIALP, 2007. p.57

<sup>36</sup> BARRENA, Sara. La creatividad en Charles S. Peirce: Abducción y razonabilidad, 2003. Tesis doctoral, Universidad de Navarra, 2003. p. 56 - Disponível em:  
<<http://www.unav.es/gep/TesisDoctorales.html>> Acesso em 25/11/2011

<sup>37</sup> PEIRCE apud BARRENA, 2007 p. 57

em relação a esse mundo, dentro de uma malha de possibilidades onde ela entende a si mesmo e ao que está experimentando, sendo capaz de tornar o universo mais razoável. Sua subjetividade, que também é um signo, é marcada pela comunicação e interação com o País das Maravilhas e com os demais seres-sujeitos deste país. Alice está sujeita a crescer, exercer controle sobre si mesma e gerar novos hábitos para entender e organizar o novo que lhe é apresentado.

O sujeito semiótico também tem como característica a criatividade. Embora Peirce nunca tenha utilizado esse termo, para Sara Barrena<sup>38</sup> a criatividade aparece em sua teoria como a capacidade de gerar nova inteligibilidade, “a capacidade criativa é uma característica central e inseparável da razão humana”<sup>39 40</sup>. Assim, é através de um ato criativo que nasce a possibilidade de crescimento do ser humano enquanto parte de um universo que evoluciona constantemente. A atitude criativa de Alice é proporcionada pela possibilidade de aprender e de ir mais além do que já se é sabido. Através de seu poder criativo pode tornar as coisas mais razoáveis, permitindo que ela se expresse e entenda o mundo que vivencia.

Um estudo da subjetividade da personagem do ponto de vista semiótico não poderia significar um mergulho no interior de uma mente que se encontra escondida em algum órgão do cérebro, mas exatamente o contrário, deve procurar entender uma mente que se coloca em relação ao mundo e que se manifesta. Desse modo, Alice age de maneira criativa para entender o mundo que a cerca. O fato de que Alice ainda não [re]conheça o mundo que se abriu ao descer a toca do coelho não significa que ele não possa ser conhecido, assim também é quando ela procura responder a pergunta ‘quem sou eu’: um processo de descoberta que carrega consigo as características da inquirição. Há algo que ainda não compreendemos mas

---

<sup>38</sup>BARRENA, 2007 p. 12

<sup>39</sup> Ibid., p. 12

<sup>40</sup> Abordaremos no capítulo 4 como essa razão integradora é entendida por Peirce.

amamos e procuramos formas de entendê-lo, Clarice descreve poeticamente o olhar pra si, fora de si, saber que há algo incompreensível, mas não fora de se alcance:

E o primeiro verdadeiro silêncio começou a soprar. O que eu havia visto de tão tranquilo e vasto e estrangeiro nas minhas fotografias escuras e sorridentes – aquilo que pela primeira vez fora de mim e ao meu inteiro alcance, incompreensível mas ao meu alcance.<sup>41</sup>

Na verdade a mente nunca “atinge um estado definitivo além do qual não possa progredir”<sup>42</sup>. É justamente porque Alice não é um ser isolado, e seu pensamento não é enclausurado em si mesmo – como não é sua subjetividade – que ao descer pela toca do coelho e se entregar a uma vivência que desorganiza, de certa forma, algumas de suas crenças e lhe apresenta uma infinidade de possibilidades na medida que foge do engessamento dos parâmetros que rotineiramente vemos as coisas, que ela – em relação a esse mundo e estimulada por sua vivência – é levada a se perguntar ‘quem sou eu’.

Alice pegou o leque e as luvas e, como o saguão estava muito quente, ficou se abanando durante todo o tempo em que continuava a falar. ‘Meu Deus, meu Deus! Como tudo é diferente hoje! E ontem tudo era exatamente como de costume. Será que fui eu que mudei a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: Quem é que sou? Ah, essa é a grande charada!’<sup>43</sup>

“Tendências incertas, estados instáveis de equilíbrio são condições *sine qua non* para a manifestação da Mente”<sup>44</sup>. “Peirce conta com a limitação e a imperfeição como passos do crescimento e desenvolvimento”<sup>45</sup>. Nesse sentido, como disse a própria Alice, ‘quem sou

---

<sup>41</sup> LISPECTOR, 2009, p.62

<sup>42</sup> CP 7.381

<sup>43</sup> CARROLL, 1998, p.26

<sup>44</sup> CP 7.381

<sup>45</sup> BARRENA, 2003. p. 403

eu?’ é a grande charada. Ela tem o incompreensível ao seu alcance e, ao tentar organizar esses estados instáveis em que se encontra no País das Maravilhas passa também por uma transformação criativa, muito bem explicada por G.H: “O que me acontecia? Nunca saberei entender mas há de haver quem entenda. E é em mim que tenho de criar esse alguém que entenderá”<sup>46</sup>. Esse movimento é interessante para entender como, na medida que o mundo aparece de maneira desorganizada para Alice, ela também se desorganiza e coloca em manifesto seu pensamento sobre as coisas e sobre si mesmo.

O Pensamento, que também é uma variedade de signo, possui um caráter dialógico, que é encontrado na pergunta de Alice, uma classe de diálogo entre o *eu* de um momento e o *eu* de agora, um “diálogo entre diferentes fases do ego”<sup>47</sup>, mudando de certa forma a consciência. “Não é possível portanto um conhecimento intuitivo direto e imediato do eu”<sup>48</sup>, que para Peirce, como já mencionei, só pode ser conhecido por inferência, desta forma, “todas as modificações da consciência são inferências”<sup>49</sup> e portanto todo nosso conhecimento sobre nós mesmos tem caráter inferencial.

## 2.2 – Abertura

Ao rejeitar o isolamento, Peirce confere à subjetividade humana uma característica essencial: a abertura. Por sua própria definição, um signo é caracterizado por seu caráter de mediação, ou seja, por sua capacidade de estar em relação com outro.

Alice, diante da perspectiva semiótica, sendo signo, aparece como inacabada e sua identidade vai se forjando na medida que se manifesta em relação ao País das Maravilhas. Assim como o sujeito peirceano, Alice se encontra “dentro de um panorama de crescimento

---

<sup>46</sup> LISPECTOR, 2009. p. 44

<sup>47</sup> CP 4.6

<sup>48</sup> BARRENA E NUBIOLA, 2007

<sup>49</sup> Ibid.

ilimitado”<sup>50</sup> pelo qual se manifesta e se relaciona com o mundo, “se verte até fora e constitui ao mesmo tempo sua própria identidade”<sup>51</sup>

A negação da ideia cartesiana de que somos capazes de intuição ( no sentido de uma cognição que não é determinada por cognições prévias) e de introspecção (como uma percepção direta de um mundo interno) não significa que não possamos conhecer a nós mesmos. O entendimento do *eu* como signo, como dissemos anteriormente, significa que este *eu* pode ser conhecido por inferência. São as mesmas capacidades que nos permitem conhecer e reconhecer o mundo que nos fazem capazes de conhecermos a nós mesmos. A abertura de Alice diz respeito a sua propriedade de relação com o mundo, pois é só em relação com outros *eus* ou outros símbolos que o *eu* se reconhece. “A relação com os outros *eus* é constitutiva de nossa identidade: esta se constitui precisamente nessa relação com os demais”<sup>52</sup>.

Os signos não são meros veículos de comunicação pelos quais o homem expressa seu pensamento, isso seria supor que o pensamento está enclausurado dentro de nós. Para Peirce os pensamentos e sua expressão não são coisas diferentes e, dessa maneira, eles se comunicam com o mundo através do corpo, o *eu* é um agente comunicativo. O próprio homem é pensamento. Nos diz Peirce:

Em que consiste a identidade do homem e qual é o assento da alma? Me parece que estas questões recebe, com frequência uma resposta muito estreita. Costumamos ler que a alma reside em um pequeno órgão do cérebro não maior que a cabeça de um alfinete. A maior parte dos antropólogos dizem agora mais racionalmente que a alma está ou bem estendida por todo corpo ou que está toda no todo e toda em cada parte. Mas, estamos encerrados em uma caixa de carne e osso? Quando comunico meus pensamentos e meus sentimentos a um amigo com quem estou em perfeita sintonia, de modo que meus sentimentos entram nele e eu sou consciente do que ele sente, não vivo em sua cabeça tanto quanto ele na minha, quase literalmente? É verdade, minha vida animal não está ali, mas minha alma,

---

<sup>50</sup> BARRENA, 2003 p. 76

<sup>51</sup> Ibid., p. 76

<sup>52</sup> BARRENA, 2007 p. 60

meu pensamento atento e senciante estão. Há uma noção pobremente materialista e bárbara segundo a qual um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo; como se fosse uma coisa! Uma palavra pode estar em diversos lugares ao mesmo tempo, porque sua essência é espiritual; e eu creio que, um homem não é de nenhum modo inferior a palavra nesse aspecto.<sup>53</sup>

Cabe observar que este entendimento semiótico da subjetividade, quando nega a existência de algo interior icognissível, não nega a importância da interioridade, mas procura afirmar que um signo não se limita ao ser signo. Dessa forma, “não afirma que o mental se limite a sua expressão externa, pois as ideias são realidades vivas na mente”.<sup>54</sup> Assim, nossa relação com os outros e com o mundo fazem parte do que somos. Muito bem diz a Duquesa para Alice:

‘Seja o que parece ser’... ou, se você quer que eu fale de forma mais simples... ‘Nunca imagine que você não é senão o que poderia parecer aos outros que o que você foi ou poderia ter sido não era senão o que você tinha sido que lhes teria parecido diferente’<sup>55</sup>

### **2.3 – Ações Autocontroladas e a plasticidade do hábito**

Se entendemos o *eu* sempre em relação a um terceiro, um eu que se manifesta, somos levados a pensar na ação do sujeito no mundo, sua manifestação. Poderíamos nos perguntar, entendendo que pensamento e mundo são um contínuo, o que diferencia ações de Alice de eventos que naturalmente ocorreriam no País das Maravilhas mesmo que Alice não estivesse por lá? Como se diferenciam as ações da mente humana das ações da natureza? Certamente, a resposta mais intuitiva é que Alice tem controle de suas ações e é justamente estar sujeito ao controle das ações uma das principais características do ser humano racional. Nesse sentido, o autocontrole é a primeira característica que diferencia a ação do *eu* enquanto signo. “Assim,

---

<sup>53</sup> CP 7.591

<sup>54</sup> BARRENA, 2003. p. 84

<sup>55</sup> CARROL, 1998, p.123

não se considerariam propriamente humanas aquelas ações que estão completamente além de nosso controle, como está o crescimento de um pelo, e que portanto não podemos aprovar nem desaprovar”<sup>56</sup>

O auto controle está estreitamente ligado ao hábito, afinal, para Peirce estes são, resumidamente, regras gerais de ação que levam o homem, em ocasiões generalizadas, a atuar ou não de certa maneira. Ao mesmo tempo que levam Alice a agir de determinado modo, os hábitos são gerados a partir da sua própria conduta, a partir de sua experiência. Diante uma postura crítica a respeito do resultado de suas ações anteriores, a menina, ao longo da travessia, se sentirá estimulada ou não a repetir ou modificar esses efeitos, não de um modo mecânico, mas de maneira viva. “Os hábitos são portanto princípios gerais que influenciam no modo de se comportar do homem, e que por sua vez se formam através dessa atividade, ou seja, que crescem por sua própria ação. Peirce os considera como algo real e vivo”<sup>57</sup>.

“Aquilo que nos determina, a partir de premissas dadas, a tirar uma inferência ao invés da outra, é o hábito da mente, quer seja constitucional ou adquirido”<sup>58</sup>. Simplificadamente é um hábito, por exemplo, que nos leva a não colocar a mão no fogo, visto que as consequências práticas dessa ação não seriam vantajosas para ninguém.

De maneira mais ampla, nosso autocontrole é orientado pelo hábito. Dentro dessa perspectiva um hábito pode conduzir-nos ou não a determinadas inferências e dessa forma conduzir nosso raciocínio. Assim, um homem que só trate de assuntos de sua rotina, do qual está mais que familiarizado, poderia ter todas suas inferências regidas por hábitos e pensar sobre os princípios que conduzem seu raciocínio seria para ele de pouca utilidade, no entanto, deixem um homem aventurar-se num campo pouco familiar, ou onde os seus resultados não são continuamente verificados pela experiência, e toda a

---

<sup>56</sup> BARRENA; NUBIOLA, 2007.

<sup>57</sup> BARRENA, 2007. p. 71

<sup>58</sup> PEIRCE, 1877. p.5



história mostra que o mais másculo intelecto perderá por vezes a sua orientação e desperdiçará os seus esforços em direções que não o aproximam do seu objetivo, ou desviam-se mesmo inteiramente dele.<sup>59</sup>

O País das Maravilhas é este campo pouco familiar, onde Alice, a partir de inferências procura tornar o que é confuso mais claro na tentativa de reestabelecer a ordem, ou seja, criar um hábito que a leve a agir coerentemente com seus objetivos. Mesmo que perca, como perde, a orientação e desperdice esforços em direções tortuosas, ela está aberta para que o fortuito da situação permita elaborar ou reconfigurar um hábito. É essa tendência incerta que faz com que o intelecto se manifeste verdadeiramente, levando Alice a levantar hipóteses para tentar organizar sua vivência.

Está certo que, dedutivamente, camundongos não falam. Mas ao se encontrar com um camundongo Alice não hesita em tentar falar com o animal. A medida que este animal responde a sua tentativa –manifestada através de uma ação autocontrolada – Alice tem a tendência a reorganizar seus hábitos de maneira que possa entender aquela situação. No decorrer da história ela fala com várias criaturas e vai se familiarizando com essas circunstâncias até que, em certo ponto, elas se tornam naturais.

Será que adiantaria falar com este camundongo? Pensou Alice. ‘Tudo é tão estranho aqui embaixo que acho muito provável que ele saiba falar. De qualquer modo, não vai fazer mal nenhum tentar. Por isso ela começou: ‘Ó Camundongo, você sabe como sair desta poça? Já estou cansada de nadar por aqui, Ó camundongo! (Alice achava que essa devia ser a maneira correta de falar com um camundongo. Ela nunca fizera nada parecido antes mas lembrava-se de ter visto, na gramática latina do irmão, ‘o camundongo – do camundongo- ao camundongo – um camundongo – Ó camundongo.)’<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> PEIRCE, 1877. p.5

<sup>60</sup> CARROLL, 1998, p. 30 e 31

Podemos visualizar também, que a tentativa de Alice de falar com um camundongo faz parte de sua transformação. Quando ela sai de um cotidiano ao qual estava habituada e entra nesse mundo de possibilidades, ela procura, através de tentativas, entende-lo melhor ou tornar a possibilidade que é múltipla, em uma regra de ação ou lei. Bem, se tudo é tão estranho neste País das Maravilhas, pode ocorrer que um camundongo fale, então ela infere que ele fala. “Um ato de inferência consiste no pensamento de que a conclusão inferida é verdade, porque em qualquer caso análogo, uma conclusão análoga seria verdadeira”<sup>61</sup>. Alice observa sua vivencia e tenta estabelecer regras que tornem esse mundo mais familiar, e quando percebe que existe a possibilidade do camundongo falar, um velho hábito é questionado e deve ser reconfigurado em um novo. Ela então recorre ao seu conhecimento anterior, as vivencias anteriores, para entender essa situação, lembra-se da gramática do irmão e pensa que talvez esse conhecimento possa ser útil na hora de configurar esse novo hábito.

Pois bem, o camundongo falar, ou não, independe de sua vontade, ou seja, é algo que ela não pode nem aprovar nem desaprovar. Mas submeter a possibilidade à experiência. Tentar falar com o animal, é uma ação autocontrolada da qual Alice dispõe para organizar esse fato do qual ela não tem controle.

Há operações mentais que estão completamente além do nosso controle como o crescimento do nosso pelo. Aprová-las ou desaprová-las seria inútil. Mas quando instituímos um experimento para testar uma teoria, ou quando imaginamos uma linha extra a ser inserida em um diagrama geométrico para determinar a questão em geometria, esse são atos voluntários que nossa lógica, independente de ser do tipo natural ou científica, aprova.<sup>62</sup>

Assim que acaba a queda Alice se vê em um saguão ‘longo e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto. Havia portas ao redor de todo saguão, mas

---

<sup>61</sup> CP 5.130

<sup>62</sup> Ibid.

estavam todas trancadas’<sup>63</sup>. Cada uma dessas portas era uma possibilidade, mas todas elas estavam fora de seu controle: ela não possuía a chave. Então, Alice encontra sobre uma mesa de vidro uma diminuta chave de ouro e descobre uma portinha por de trás de uma cortina bem baixa e exercita novamente sua tentativa. Alice tentou enfiar a chavinha na fechadura e, “para sua grande alegria serviu”.<sup>64</sup>

Ao abrir a porta, Alice descobre um corredor com um jardim encantador. Sua vontade era sair daquele lugar escuro, onde a dúvida era tão incômoda, e “passear entre as fontes tranquilas e os canteiros de flores”<sup>65</sup>, mas do tamanho que estava não passaria nem a cabeça. Aparece, aqui, mais uma vez, a circunstancia da inquirição. Essa irritação da dúvida, quando nossos hábitos estão instáveis diante uma situação nova, é como se fossemos de um tamanho maior que a passagem. A duvida move Alice a uma ação capaz de acalma-la e a estimula a destruí-la a através da formação de um novo hábito. “Nenhuma tendência mental é tão fortalecida pela ação do hábito como a tendência a adquirir hábitos”<sup>66</sup> que nos possibilite entender a situação que vivenciamos. O jardim que Alice vê pela fechadura é o lugar da crença estabilizada e tranquila e para que a menina se torne passável na portinha ela precisaria transformar seus hábitos diante uma dúvida tão viva. Teria que meditar sobre essa dúvida e “conceder à reflexão a totalidade de seu peso”<sup>67</sup> compreendendo que o estado das coisas ultrapassou suas velhas crenças e ela deveria então se transformar, e através de ações autocontroladas, viabilizar essa transformação.

Alice então deseja fechar-se feito um telescópio. Já que tantas coisas estranhas estavam acontecendo por lá, “Alice começava a pensar que bem poucas coisas eram

---

<sup>63</sup> CARROL, 1998 p. 17

<sup>64</sup> CARROL, 1998, p.17

<sup>65</sup> CARROL, 1998, p.18

<sup>66</sup> PEIRCE, 1892.

<sup>67</sup> PEIRCE, 1877 p. 20

realmente impossíveis”<sup>68</sup>. Essa era também uma possibilidade, porém não era coisa que pudesse se submeter a uma ação autocontrolada. De maneira que dizer que o ser humano é dotado de autocontrole não significa que o mundo ou seu corpo, se comporte de acordo com nossas volições, embora, através delas, podemos pensar e entender o mundo.

Alice volta a mesa e encontra uma garrafinha com uma etiqueta amarrada no gargalo escrito: “BEBA-ME”. A ordem era expressa, mas Alice, inteligente que era, não faria isso sem pensar duas vezes. Pensar duas vezes significava acessar controlada e criticamente seu ‘pacote de hábitos’, ou seja, assim como no caso do camundongo, adotar uma posição pragmática para tentar entender a garrafinha. A menina busca, então, hábitos que havia adquirido ao longo da sua vida considerando quais os efeitos que concebivelmente tivessem repercussões práticas<sup>69</sup> poderia atribuir aquele líquido:

‘Não, vou olhar primeiro’, disse ela, ‘para ver se não está escrito veneno em algum lugar’. Pois ela tinha lido várias histórias excelentes sobre crianças que foram queimadas ou devoradas por animais selvagens, além de outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembraram das regras simples que os amigos lhes tinham ensinado, tais como: um atizador vermelho de tão quente vai queimar a sua mão, se você segurar por muito tempo; (...) E ela nunca se esquecera que se alguém bebe muito de uma garrafa marcada com a palavra veneno, é quase certo que vai passar mal mais cedo ou mais tarde.<sup>70</sup>

Através dos hábitos o homem – e Alice – autocontrola e modifica suas ações, assim como entende suas experiências. Então, “o homem enquanto signo aparecerá como um

---

<sup>68</sup> CARROL, 1998, p 18

<sup>69</sup> Em seu artigo *Como tornar nossas idéias claras* publicado em 1871 Peirce anuncia sua máxima pragmatista: “Parece, pois, que a regra para atingir o terceiro grau da clareza de apreensão é a seguinte: considere quais efeitos, que podem ter certos comportamentos práticos, que concebemos que o objeto de nossa concepção tem. A nossa concepção dos seus efeitos constitui o conjunto da nossa concepção do objeto.” p.12

<sup>70</sup> CARROLL, 1998, p.18 e 19

conjunto de hábitos através dos quais cresce: o homem é um pacote de hábitos”<sup>71</sup>. Este ‘punhado de hábitos’ tem a autoconsciência como seu centro<sup>72</sup> de modo que o intelecto consiste na plasticidade desses hábitos<sup>73</sup>. Através de condutas deliberadas, analisamos a possibilidade de mudança ou revisão de nossos hábitos de ação sempre que eles se encontram submetidos a uma tensão, isto é quando nos encontramos em um estado de dúvida.

Dizer que uma conduta é deliberada implica que cada ação, ou cada ação importante, seja revisada pelo agente e que seu juízo seja exercido sobre ela a respeito de que se deseja que sua conduta futura seja dessa forma ou não. Seu ideal é a classe de conduta que o atrai na revisão. Sua autocrítica, seguida de uma resolução mais ou menos consciente que por sua vez provoca a uma determinação de seu hábito, modificará, com ajuda das sequelas, uma ação futura.<sup>74</sup>

Como não estava marcada a palavra veneno na garrafinha, Alice trata de beber. Para sua surpresa, o efeito do líquido diminuiu seu tamanho e ela passava a ter agora apenas vinte e cinco centímetros de altura, o tamanho exato para passar pela porta. Mas, pobre Alice, esquecera a chave sobre a mesa, e com esse tamanho, jamais a alcançaria. Embora Alice pudesse aprovar ou desaprovar o ato de beber o conteúdo da garrafinha e expor-se a seus efeitos, como já dissemos anteriormente, crescer ou diminuir era algo que fugia do seu controle. Então, embaixo da mesa a menina descobre uma caixinha de vidro contendo um bolo com as palavras “COMA-ME”. Com base em sua vivência anterior, se deu conta que um dos efeitos possíveis, se comesse, seria alterar seu tamanho novamente.

Comeu um pouquinho e disse ansiosamente para si mesma: ‘Para que lado? ‘para que lado?’, com a mão sobre o topo da cabeça para sentir se crescia ou diminuía. E ficou bem surpresa ao descobrir que continuava do mesmo tamanho. Sem dúvida, é o que geralmente acontece quando se come um bolo, mas Alice já estava tão acostumada a esperar apenas coisas

---

<sup>71</sup> BARRENA; NUBIOLA, 2007,

<sup>72</sup> CP 6.228

<sup>73</sup> CP 6.86

<sup>74</sup> PEIRCE apud BARRENA; NUBIOLA, 2007

extraordinárias que lhe parecia bastante monótono e estúpido que a vida continuasse no ritmo normal. Por isso pôs-se a comer e logo, logo acabou o bolo<sup>75</sup>

Alice se abriu como o maior telescópio que já existiu. E portanto já tinha compreendido: a ação de comer ou beber alguma coisa poderia levar a uma mudança de tamanho. Havia estabelecido um hábito que a levava a entender melhor aquele País. Alice passa então a utilizar essa regra de ação durante toda a travessia a seu favor.

É necessário dizer que o estabelecimento de um hábito ou regra de ação, assim como ocorreu com Alice, tem suas raízes na experiência de modo que, nenhuma ação, ainda que rotineira, pode ser considerada necessária ou invariável. Toda inferência abdutiva (como veremos no terceiro capítulo) é uma inferência provável e incerta. É claro, que diante situações banais e repetitivas de nossa vida, somos levados, quase mecanicamente, a agir sempre da mesma maneira, mas se todos nossos hábitos fossem inextirpáveis, de forma que não houvesse “lugar para a formação de novos hábitos, a vida intelectual chegaria a um rápido fim.”<sup>76</sup> Esta plasticidade é conferida pela incerteza da ação mental<sup>77</sup>, no sentido desta ser sobretudo uma possibilidade de ação que por ter suas consequências conhecidas tem a tendência a ser mais segura, mas nunca é uma ação necessária.

Daí que a incerteza da lei mental não é um mero defeito seu, mas, pelo contrário, pertence a sua essência. A verdade é que a mente não está sujeita a “lei”, no mesmo sentido rígido que está a matéria. Experimenta só suaves forças, que fazem meramente que o mais provável é que atue em uma direção dada, distinta da que de outro modo adotaria. Tem sempre uma certa

---

<sup>75</sup> CARROLL, 1998, p. 22

<sup>76</sup> PEIRCE, Charles Sanders. La ley de la Mente, 1892 . Traducción castellana de José Vericat. Disponível em: <<http://www.unav.es/gep/LawMind.html>> acesso em 25/11/11

<sup>77</sup> Então a incerteza da ação mental confere a própria atividade intelectual. Já que a plasticidade é a própria atividade intelectual.(CP 6.86)

quantidade de espontaneidade arbitrária em sua ação, sem a qual estaria morta.<sup>78</sup>

Dessa forma, Peirce elimina qualquer tipo de determinismo absoluto, como se fosse possível “determinar a priori as leis de um mundo inacabado e superar (aufheben) a história, sempre aberta ao futuro, por meio de uma reflexão que em si mesma não é prática”<sup>79</sup>. O mundo não está pronto.

Depois da descida pela toca do coelho Alice percebe que seus hábitos ou regras de ação com as quais ela estava familiarizada não regem os acontecimentos daquele lugar. Há certamente um equívoco nesta minha afirmação, pois ela parece supor que cada fato singular do universo e do mundo que vivemos é determinado com precisão por alguma lei<sup>80</sup> e que ao descer pela toca do coelho Alice se encontre em um mundo regido por outras leis. Está certo que as experiências do País das Maravilhas não parecem as que costumam regularmente acontecer com Alice, mas isso só significa dizer que Alice não está familiarizada com tais experiências. Os fatos não são determinados por lei, mas as leis são generalizações dos fatos. Por isso não cabe dizer que no País das Maravilhas os acontecimentos são regidos por outra lei, mas sim que vivenciando os fatos surpreendentes daquele país, Alice terá de formar novos hábitos que a ajudem compreendê-los.

Dizer que nosso universo ou o País das Maravilhas obedeça a leis é afirmar uma estrita doutrina determinista que acredita que “o estado de coisas existentes em qualquer momento, junto com certas leis imutáveis, determina completamente o estado de coisas em qualquer outro momento”<sup>81</sup> como se o universo fosse regido por uma lei cega que não deixa lugar para a variedade e espontaneidade. “Assim, dado o estado do universo na nebulosa originária, e

---

<sup>78</sup> PEIRCE, 1892

<sup>79</sup> APEL, Karl-Otto. El camino del pensamiento de Charles S. Peirce. Madrid: Visor, 1997. p. 21

<sup>80</sup> PEIRCE, La Doctrina de la Necesidad Examinada, , 1892 , Traducción castellana de Georges Delacre  
Disponível em:< <http://www.unav.es/gep/DoctrineNecessityExamined.html>> Acesso 25/11/2011

<sup>81</sup> Ibid., p. 3

dadas as leis da mecânica, um cérebro suficiente potente poderia deduzir desses dados a forma precisa de cada volta de cada letra que estou escrevendo”<sup>82</sup>.

Durante uma série de artigos publicados na revista ‘The Monist’<sup>83</sup> a partir de 1891, Peirce sustentou e desenvolveu a tese de que o acaso é uma propriedade do universo e esta propriedade recebeu o nome de *Tiquismo*<sup>84</sup>. Ele pergunta ao determinista como explicar a diversidade e a irregularidade do universo<sup>85</sup> criticando a posição de uma doutrina da necessidade segundo a qual as leis do universo possam ser postuladas. Assim, Peirce admite a pura espontaneidade, como a própria vida “característica do universo, que atua sempre e em todas as partes”<sup>86</sup> reconhecendo assim a variedade como a “característica incomparavelmente mais notável do universo.”<sup>87</sup> Ainda que exista no mundo regularidade – e existe – são diversidade e variação que permitem as maravilhosas adaptações da natureza assim como o próprio crescimento, do qual “nenhum mecanismo pode dar conta”<sup>88</sup>.

A mesma coisa seria admitir que somos regidos também por leis, e que toda ação nossa possa ser explicada mecanicamente, considerando “todo funcionamento mental como parte do universo físico”<sup>89</sup> desse modo “o que chamamos de vermelho, verde e violeta são em realidade só diferentes frequências de vibração”<sup>90</sup>. Assim como Peirce, não tenho razões para aderir a tal teoria e entendo que se vivesse sob leis que determinassem estritamente sua ação, Alice jamais poderia entender e vivenciar o País das Maravilhas, assim como não teria

---

<sup>82</sup> PEIRCE, 1892

<sup>83</sup> Os artigos que compõe a *The Monist Metaphysical Series* são: “The Architecture of Theories”(1981) “The Doctrine of Necessity Examined”, “The law of Mind”e “The Man`s Glassy Essence”(1892) e por fim, “Evolutionary Love” (1893)

<sup>84</sup> O Tiquismo não é apenas uma mera propriedade, mas uma verdadeira força evolutiva no universo.

<sup>85</sup> PEIRCE, 1892.

<sup>86</sup> Ibid.

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Ibid.

<sup>89</sup> Ibid.

<sup>90</sup> Ibid.



nenhuma atividade que pudesse ser atribuída ao intelecto, muito menos a criação. É justamente por sua principal característica, a plasticidade, que os hábitos tornam o mundo razoável.

A consequência mais importante de considerar a unidade entre mente e matéria – admitindo as leis do universo como hábitos adquiridos da matéria e sendo esta uma classe de mente – é que essas leis não são rígidas, ou seja, possuem também uma plasticidade, e sendo uma classe de mente, possui a tendência de formar hábitos infinitamente. Sob essa perspectiva não faz sentido dizer que as leis que governam a natureza são definitivas ou necessárias. Somente se tirarmos a principal propriedade do hábito – seu caráter plástico – poderíamos dizer que o mundo está predeterminado, e que toda a natureza é regida por alguma lei absoluta. Sob essa perspectiva, podemos dizer que as leis com as quais Alice está familiarizada, nem sempre favorece seu curso de ação dentro da configuração do País das Maravilhas, de modo que é entendendo seu curso de ação dentro deste País e desenvolvendo hábitos de ação através da experiência, Alice é capaz de entender o que se passa.

O auto controle é justamente a ação pela qual o homem pode revisar constantemente seu curso de ação. Exercer controle sob si mesmo permite que o homem torne o universo razoável através do desenvolvimento de hábitos. Dessa maneira o ser humano é um ser criativo, como defende Sara Barrena<sup>91</sup>: ser racional é ser criativo, estar sempre gerando de forma construtiva novos cursos de ação, inventando novas possibilidades para prosseguir a semiose, para crescer e criar novas formas de encarnar razoabilidade em todos os âmbitos de ação humana, na vida pessoal, na ciência e nas artes. Isso implica que não há nada que seja ininteligível, embora possamos estar diante de situações que ainda não conseguimos expressar. Como bem define, mais uma vez, Lispector em seu processo de descoberta:

Às vezes – às vezes nós manifestamos o inexpressível – em arte se faz isso, em amor de corpo também- manifestar o inexpressivo é criar. No fundo

---

<sup>91</sup> BARRENA, 2007.

somos tão, tão felizes! Pois não há uma forma única de entrar em contato com a vida, há inclusive as formas negativas! Inclusive as dolorosas, inclusive as quase impossíveis<sup>92</sup>

Admitir a variedade fortuita é admitir o novo. Não há apenas uma maneira de entrar em contato com a vida, há sempre a possibilidade do novo porque estamos sempre sujeitos, no mínimo, ao crescimento. Todo novo conhecimento envolve um conceito novo, uma descoberta, e desse modo a ação de conhecer é uma ação criativa, assim como é nossa razão. Dentro do contínuo do nosso pensamento, a partir de nossas experiências somos capazes de – através de um processo contínuo, que não parte de um ponto zero – criar. Este pensamento está intimamente ligado a raciocínio a que Peirce chama Abdução, partindo do princípio de que a dedução e a indução – as duas clássicas formas de raciocínio – não adicionam nada novo que já não sabíamos com as premissas.<sup>93</sup> Nos convida então a “to peep thorough the big end of the telescope”<sup>94</sup> onde há uma riqueza de detalhes pertinentes que precisam ser revisados.

O *eu* é um sujeito que aparece ao mesmo tempo como um resultado e um transformador do hábito, de forma que este não é um tipo de atitude que se impõe energeticamente a nós, alguma forma ou padrão de reação muscular, ou algo que determine a ação do sujeito, é uma prática de significação que se dá dentro de um processo contínuo. Peirce, usando como exemplo a palavra, afirma que pessoas e signos educam reciprocamente uns aos outros<sup>95</sup>. Não somos nem escravos dos signos, tampouco os signos dependem de nossa prática ou habilidade de domina-los. “O autor não é nada além de um aspecto do texto assim como o remetente (sender) não é nada além de um aspecto da mensagem”<sup>96</sup> A Relação

---

<sup>92</sup> LISPECTOR, 2009. p.142

<sup>93</sup> Discutiremos isso melhor no próximo capítulo.

<sup>94</sup> CP 6.475

<sup>95</sup> CP 5.313

<sup>96</sup> COLAPIETRO, V., *Peirce's Approach to the Self: A Semiotic Perspective on Human Subjectivity*, State University of New York Press, Nova York, 1989.

dialética entre ação e semiose é tal que, precisamente porque é uma relação dialógica, nem a autonomia dos fenômenos semióticos, nem a autonomia do sujeito ativo precisam ser sacrificadas.

É preciso frisar que, como discutiremos a seguir, o sujeito não é uma fonte caótica de pensamento livre de qualquer influência e que se dilua em infindáveis possibilidades de conduta, senão que é um sujeito temporal, enraizado em seu tempo e lugar. O sujeito tem um caráter temporal, considerando que nossa maneira de agir, pensar e sentir resultam das circunstâncias em que vivemos, de maneira que algumas regularidades influenciam, embora não completamente, nosso entendimento e nossa conduta, mas essas regularidades não são nem devem ser leis mecânicas que engolem o homem<sup>97</sup>. Não é através de um tipo desse de leis que podemos entender o mundo e a nós mesmos com toda a riqueza da diversidade.

É preciso coragem para descer pela toca do coelho e abdicar dessas regularidades, já que nenhum hábito adquirido pelo sujeito é estável a ponto de ser necessariamente invariável. Tal coragem de se encontrar um meio de entrada para o pensamento é essencial para chegarmos a compreender o mundo e a nós mesmos e, como discutimos no primeiro capítulo, perder o medo de viver o que não entendemos, como GH e Alice:

Porque não tenho coragem de apenas achar um meio de entrada? Oh, sei que entrei sim. Mas assustei-me porque não sei para onde dá essa entrada. E nunca antes eu me havia deixado levar, a menos que soubesse para o quê.<sup>98</sup>

De qualquer forma, nossa consciência e nossa liberdade são ambas, pelo menos em suas manifestações mais elevadas, não tanto presentes, mas conquistas, não tanto coisas conferidas a nós de fora, mas coisas que ganhamos por nossa própria coragem. A ligação entre coragem e consciência é intrínseca: é preciso coragem para nos abrir a possibilidade de tornar-nos conscientes de quem nós somos.<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> CP 7275

<sup>98</sup> LISPECTOR, 2009 p. 10

<sup>99</sup> COLAPIETRO, 1989.

### 2.3 – Temporalidade, *Sinequismo* e Incompletude

Somos seres históricos, o sujeito tem uma característica temporal, sua radical abertura não dilui suas ações em um caos completo, pois este está embebido de seu tempo e lugar, a consciência semiótica abrange a consciência histórica<sup>100</sup>, “ainda que isso não restrinja completamente seu pensamento e conduta”.<sup>101</sup> Admitir que nenhuma ação é necessariamente invariável, é afirmar que estamos sujeitos a vida, pois estivessem essas ações cristalizadas, seríamos matéria morta. Nossas ações mentais sofrem apenas suaves forças e fluem conjuntamente em um contínuo.

Como dissemos anteriormente, conhecemos nossa própria existência por inferência a partir de ignorância e erro. Isso não significa que não possuímos autonomia nem autoconsciência, pelo contrário, essas são características centrais do sujeito e vão sendo construídas através do tempo, de nossa relação com o mundo e com os outros. Desse modo, nossa “personalidade , como qualquer ideia geral, não é uma coisa que possa ser apreendida em um instante. Tem que ser vivida no tempo”<sup>102</sup> Ao invés de naufragar o sujeito nessa infinidade de possíveis relações, “a personalidade é uma força viva no presente e uma orientação flexível até o futuro”<sup>103</sup> e “vem marcada precisamente pela continuidade no tempo”<sup>104</sup>.

Na ideia de evolução sustentada por Peirce, se inclui um princípio de continuidade que ele denomina *sinequismo* e que está presente e operativo em todo universo. A continuidade é a lei da ação mental, enunciada por Peirce em 1892 no artigo intitulado *A Lei da Mente*:

A análise lógica aplicada aos fenômenos mentais mostram que não há mais que uma ideia de mente, a saber , a que as ideias tendem a propagar-se de forma contínua e afetar a outras determinadas que se encontram em uma

---

<sup>100</sup> COLAPIETRO, 1989

<sup>101</sup> COLAPIETRO apud BARRENA, Sara, 2007. p. 62

<sup>102</sup> PEIRCE, 1892. (CP 6.155)

<sup>103</sup> COLAPIETRO apud BARRENA, Sara, 2007. p. 62

<sup>104</sup> BARRENA; NUBIOLA, 2007

relação peculiar de afetabilidade a respeito daquelas. Ao propagar-se perdem intensidade e especialmente o poder de afetar a outras, mas ganham em generalidade e acabam por mesclar-se com outras ideias.<sup>105</sup>

A continuidade é uma característica do sujeito que terá grande importância para entendermos a ação de Alice, de maneira que ela não é um sujeito ilhado senão que está imersa em uma rede de interrelação com o mundo e com outros *eus*.

Há uma continuidade verdadeira afetando as ideias. Existe uma continuidade tanto do eu com os demais eus, como dentro dos atos que formam a própria subjetividade. Por um lado, o eu não é algo completamente separado dos demais, não é algo privado que depois se comunique, não há uma ruptura absoluta senão uma continuidade, por virtude do caráter sógnico, comunicativo, da subjetividade<sup>106</sup>

Através desta continuidade podemos entender como conjugar a manutenção regular das ideias –a persistência de reações e a consistência do pensamento– e a espontaneidade que permite que uma ideia completamente nova surja. Antigo e novo não são duas esferas separadas, mas dois aspectos do mesmo contínuo. Esse é o caminho que pretendo tomar para entender que essa continuidade não quer dizer que cada ideia do presente já esteja determinada pela ideia anterior, senão que há justamente na incerteza da ação mental, um espaço para espontaneidade, o ponto onde floresce a atividade mental e se aproxima do que chamei no primeiro capítulo de inauguração do pensamento.

Dizer que uma ideia passada afeta uma ideia no futuro só é possível se admitirmos que essa ideia não está completamente passada. Só pode estar sendo, “infinitesimalmente”<sup>107</sup> passada, menos passada que qualquer data determinada. (...) o presente está relacionado com

---

<sup>105</sup> PEIRCE, 1892. (CP 6.104)

<sup>106</sup> BARRENA, 2007. p 63

<sup>107</sup> “a palavra infinitesimal é simplesmente a forma latina de infinitesimo, ou seja, um ordinal formado de infinitum, como centesimal é formado de centum. Por tanto a continuidade supões quantidades infinitesimais” (PEIRCE, 1892 – CP 6.125)

o passado por uma série de passos reais infinitesimais”<sup>108</sup>. Dessa forma as ideias não são individuais, mas contínuas. O *sinequismo* supõe a continuidade, de maneira que não há uma real ruptura entre passado, presente e futuro, senão que eles estão ligados por uma conexão infinitesimal que os convertem em contínuo.

As possibilidades precisam de um organismo que tenha uma existência temporal, para serem exploradas coerentemente. É dessa maneira que o caráter temporal do ser humano corresponde a uma atualização de suas possíveis relações. Todas as relações vividas no passado vão se atualizando no presente ao longo do tempo. No final de seu artigo, *A Lei da Mente*, Peirce se vale do princípio do *sinequismo* para uma melhor compreensão do fenômeno particular da personalidade que é “extremamente importante para nossa própria consciência”<sup>109</sup>

Como signo o homem está inserido em um processo de semiose universal e infinito e sendo signo vai dando origem a outros signos indefinidamente. É da própria natureza dos signos e consequentemente das ideias se espalhar. Nossa personalidade está embebida de passado, mas é caracterizada por uma abertura ao futuro, é uma espécie de “coordenação ou conexão de ideias”<sup>110</sup> e segundo o princípio da continuidade, o *sinequismo*, “consideramos que uma conexão entre ideias é ela mesma, uma ideia geral, e uma ideia geral é uma sensação viva”<sup>111</sup>. A personalidade tem que ser vivida em um tempo, mas nenhum tempo finito pode dar conta de toda sua plenitude. A lei da continuidade está profundamente ligada a nossa tendência primordial a aquisição de hábitos e Peirce deixa claro que “nada senão um princípio de hábito, ele mesmo devido ao crescimento por hábito de uma tendência a adquirir hábitos é

---

<sup>108</sup> PEIRCE, 1892. (CP 6.109)

<sup>109</sup> PEIRCE, 1892 (CP 6.155)

<sup>110</sup> Ibid.

<sup>111</sup> Ibid

o único ponto que pode ligar o vazio entre a mescla casual do caos e o cosmos da ordem e da lei.”<sup>112</sup>

Aplicando a lei ao fenômeno da personalidade, Peirce caracteriza o homem mais uma vez não pela individualidade, mas pelo seu caráter contínuo. Defini-la como uma coordenação de ideias significa sobretudo uma harmonia entre o que fomos e o que viremos a ser, de modo que frisa que essas ideias não tem caprichos individuais e não são completo caos. A lei do *sinequismo* exige apenas que sejam influenciadas e influenciem umas as outras, mas não de maneira determinista, pois essa coordenação de ideias “implica uma harmonia teleológica nas ideias, e no caso da personalidade, esta teleologia é algo mais que uma execução intencionada de um fim pré-determinado, é uma teleologia desenvolvimentista.”<sup>113</sup> A personalidade é algo sempre em desenvolvimento e portanto

não é uma estrutura rígida, mas sim uma conexão temporal de ideias, de pensamentos entre os quais há uma continuidade. Nessa continuidade há inexauríveis possibilidades, o contínuo não pode ser preenchido senão que cada parte, cada ideia está aberta a mais inteligibilidade.<sup>114</sup>

Por não poder ser apreendida em um único instante, a personalidade é viva, e “o que vive, neste momento sente”<sup>115</sup>. Mas, sentir é algo que, sem coordenação alguma, é potencia, tem sua variabilidade implícita e se for considerada apenas pela sua arbitrariedade e individualidade, é mero nada.<sup>116</sup> Portanto, esse sentir carrega consigo a tendência a generalização e não deve ser entendido como ponto de partida, mas como parte de um contínuo, tendendo a uma regularidade, mas sempre com um traço de espontaneidade – sem o

---

<sup>112</sup> PEIRCE, 1892

<sup>113</sup> PEIRCE, 1892 (CP 6.156)

<sup>114</sup> BARRENA, 2007, p. 65

<sup>115</sup> CP 6.585

<sup>116</sup> CP 6.585

qual seria matéria morta. É a continuidade no tempo e entre os sujeitos e os ações e também a “radical incompletude do presente”<sup>117</sup> que constituem o indivíduo.

Sendo a personalidade uma ideia geral, ou seja uma conexão entre ideias, nenhum tempo finito pode abarca-la em toda sua plenitude.

Mesmo assim, ela está presente e viva em cada intervalo infinitesimal de sua própria experiência real. Mas, considerando que a personalidade é essencialmente temporal, ela não é só sempre incompleta mas também, inerentemente irrealizável: Dada a finitude da existência humana, nenhuma pessoa realiza completamente quem ele ou ela é. No entanto, a essencial incompletude da pessoa, não exclui a presença viva desta pessoa em qualquer momento real da existência finita. A pessoa é, em certa medida, realizada no presente e em medida muito maior não realizada no curso de sua vida. Pessoas são simultaneamente quem elas tem sido, quem elas são agora, e alguma outra coisa e muito mais do que isso.<sup>118</sup>

“Em toda sua vida, nenhum filho de Adão jamais manifestou plenamente o que havia nele”<sup>119</sup>. A essencial continuidade e incompletude fazem da personalidade uma força viva no presente e essa força viva é, na minha opinião, a única coisa que podemos realmente chamar de liberdade. Mesmo que embebido do que foi, o sujeito é marcado por essa orientação não necessária até o futuro, “até a consecução de uma inteligibilidade ainda não possuída, que se intui e se ama.”<sup>120</sup> É essa incompletude conferida pelo futuro possível conjugada com as vivências passadas que nos permite entender o que ainda não entendemos e nos coloca em uma posição de continuo crescimento que marca nossa ação no mundo como uma ação criativa. Essa é a liberdade do homem, uma liberdade viva. Supor essa liberdade é aceitar nossa incompletude, e isso significa dizer que jamais poderemos compreender completamente a nós mesmos em um sentido de ter entendimento que abarque o que somos por completo,

---

<sup>117</sup> NUBIOLA; BARRENA, 2007.

<sup>118</sup> COLAPIETRO, 1989

<sup>119</sup> CP 1.615

<sup>120</sup> BARRENA, 2003, p. 91



pois nunca somos por completo. Como bem assinala Lispector: “Minha liberação só se fará se eu tiver o despudor de minha própria incompreensão”<sup>121</sup>

Podemos recapitular o que fomos e a partir disto tentar entender o que estamos a ser, mas isso não significa que saberemos o que seremos, isso seria uma prisão. Desta maneira, a resposta para a grande charada de Alice e de todos nós, nunca é completamente respondida. Compreender a si mesmo é ir compreendendo, Alice se dá conta de que o mundo não está pronto e nem estará, e quem somos nós, conseqüentemente, não está dado e nunca estará. E podemos enxergar isso inclusive (em um exemplo que é limitado, mas ilustra) em nosso corpo físico, estamos sempre em um caminho sem volta, nascemos de um jeito, mudamos de tamanho, cara, cor, morremos de outro. A perspectiva semiótica sobre o ser humano é uma perspectiva evolutiva de desenvolvimento.

Se os hábitos se cristalizam a ponto de perder sua plasticidade (que é sua característica fundamental), se em nossas ações não vemos nenhum traço de espontaneidade, somos como matéria morta<sup>122</sup>. No entanto, como já discutimos, temos frequentemente nos entregado a uma existência mecânica. Não porque somos adeptos a algum tipo de determinismo estrito, mas porque a faculdade de pensar tem se tornado cada vez mais equivocada. Vivemos em um estado de conforto e tendemos a pensar que o mundo ou a natureza – e por vezes o ser humano – é algo que obedece leis, enquanto a verdade é que isso a que chamamos *leis da natureza* não são senão generalizações que fazemos para torna-la inteligível, e não regras cristalizadas as quais a natureza e nós temos de seguir. Nenhum físico ao apontar uma nova lei da física, o faz sem considerar uma possibilidade estatística do erro. Assim, o conhecimento é infundável e a capacidade de entendermos o mundo e a nós mesmos é infinita. O universo é infinito; infinito é sobretudo uma qualidade e não a dimensão do universo. Mesmo que o organizemos em sistemas finitos (falíveis e provisórios) para entendê-lo

---

<sup>121</sup> LISPECTOR, 2009 p. 136

<sup>122</sup> CP 6.585

melhor, existirá sempre a potência, e sempre a possibilidade e isso é que permite o crescimento ilimitado, a evolução.

Que pretensão dizer que nossa tentativa de entender o universo é o próprio universo, isso é um conforto. Alice quando desceu pela toca do coelho, estava toda desorganizada, e a organização a que chamava mundo se desfez e o mundo se tornou possibilidade. Esse é o desconforto e a dúvida, é também o exercício do que chamamos pensar, sinalizado por G.H. :

Minhas antigas construções haviam consistido em continuamente tentar transformar o atonal em tonal, em dividir o infinito numa série de finitos, e sem perceber que finito não é quantidade, é qualidade. E meu grande desconforto nisso tudo tinha sido o de sentir que, por mais longa que fosse a série de finitos, ela não esgotava a qualidade residual do infinito.<sup>123</sup>

O passeio de Alice é o desafio. Alice manifesta, de maneira definitiva no País das Maravilhas, sua capacidade de crescer e criar novas formas de entender o mundo. Sua capacidade de perguntar sobre as coisas é característica de todo ser humano, embora as vezes ignoramos essa nossa faculdade. Os seres humanos são essencialmente criativos e através da ação criativa podem sempre expandir as ideias para prosseguir o processo infinito da semiose, desenvolvendo hábitos que nos ajudem a viver e nos expressar melhor. Por isso sua charada inicial é repetida tantas vezes ao longo da travessia.

A resposta para pergunta ‘quem sou eu?’ é que somos e nunca paramos de ser. Fiquemos ocupados em ser, “numa intertroca tão fluida e constante – como a de viver”<sup>124</sup> pois, nenhuma outra resposta poderia dar conta da pergunta, a menos que se postule uma forma de determinismo ou uma resposta pronta. “Postular uma proposição não é senão ter a esperança de que seja verdadeira”<sup>125</sup> e então nos apegamos a essa esperança de ser o que sempre fomos ou o que supomos arbitrariamente que somos. Para usar as palavras de Clarice,

---

<sup>123</sup> LISPECTOR, 2009, p. 141

<sup>124</sup> Ibid. 151

<sup>125</sup> PEIRCE, 1892

que tanto me ajudam a entender o movimento de Alice, ser é uma desesperança. “Prescindir da esperança – na verdade significa ação (...) significa que eu tenho que passar a viver, e não apenas me prometer vida”<sup>126</sup>. Podemos dizer algo sobre nós mesmos, inferir algo que diga algo de nós, mas será apenas uma inferência provável que “pode no máximo supor algo verdadeiro com maior frequência ou bem aproximadamente verdadeiro, mas jamais algo verdadeiro sem exceção no universo inteiro.”<sup>127</sup>

A lição da lagarta<sup>128</sup> é essa desesperança, é onde podemos encontrar a resposta de quem somos: a incompletude e constante transformação (manifesta pela plasticidade do hábito). Na desesperança se situa a atividade intelectual, nosso crescimento e nosso maior direito: o de sermos falíveis e poder nos aperfeiçoarmos. Essa é a toca de Alice, não houvesse espaço para tornar o novo inteligível, não poderia entender jamais o País das Maravilhas, nem sequer expressá-lo.

Diante a lagarta, Alice se acua por não poder responder a pergunta: “Quem é você?”. E como já dissemos, o fato de não conseguir responder a pergunta naquele momento e não conseguir expressar a si mesmo não é porque é completamente incompreensível, mas porque Alice não pode capturar em um instante quem ela é. Soma-se a isso o fato dela se encontrar em uma situação de tamanha desorganização onde os acontecimentos desviam da regularidade que está familiarizada. Peirce , ainda que falasse dos desvios usuais da regularidade do equilíbrio instável do protoplasma, nos mostra como esses desvios, que são seguidos por outros ainda maiores, tendem a romper o hábito: “os grandes desvios da lei assim produzidos tenderão a romper leis, supondo que estas são da natureza do hábito.”<sup>129</sup> Essas rupturas são a renovação da espontaneidade.

---

<sup>126</sup> LISPECTOR, 2009, p. 147

<sup>127</sup> PEIRCE, 1892

<sup>128</sup> O capítulo V do livro de Carroll se intitula “O conselho de uma lagarta” p. 60

<sup>129</sup> PEIRCE, 1892

“É a ruptura das expectativas que surgem dos hábitos-crenças, ou seja, os fatos que de alguma maneira nos surpreendem, o que provoca o desafio aos hábitos já estabelecidos e a busca de outros novos”<sup>130</sup> É por haver espaço para os hábitos se transformarem que há crescimento, nossa subjetividade cresce através da plasticidade de nossos hábitos. A personalidade de Alice, assim como a nossa, é algo que vai sendo construído e se consolidando através de nossas vivências e nossa relação com o mundo. É “minha identidade tocando na identidade das coisas”<sup>131</sup> que faz o que sou.

Da mesma forma que o mundo e os hábitos, a personalidade não é rígida ou determinada, mas um contínuo evolutivo de ideias e pensamentos, composta de nossa continuidade ao longo do tempo e nossa essencial incompletude. Dessa maneira Alice jamais conseguiria dar uma resposta pronta para a Lagarta, não por algum tipo de ignorância, mas justamente por que inaugurando seu pensamento sobre si mesma se torna consciente da sua incerteza:

‘Acho que infelizmente não posso me explicar, minha senhora’. disse Alice, ‘porque já não sou eu, entende?’

‘Não entendo’, disse a Lagarta.

‘Receio não poder me expressar mais claramente’, respondeu Alice muito polida, ‘pois para começo de conversa, não entendo a mim mesma. Ter muitos tamanhos num mesmo dia é muito confuso’

‘Não é’, disse a Lagarta.

‘Bem, talvez ainda não pense assim’, disse Alice. ‘Mas quando se transformar em uma crisálida – o que vai acontecer um dia, sabe – e depois disso numa borboleta, acho que vai se sentir um pouco esquisita, não acha?’

‘Nem um pouco’, disse a lagarta.<sup>132</sup>

A sabedoria da lagarta está em dizer que não há nada de errado em se transformar. O eu é dinâmico, “não nascemos sendo um eu, mas chegamos a sê-lo a medida que

---

<sup>130</sup> BARRENA, 2007. p. 76

<sup>131</sup> LISPECTOR, 2009. p 134

<sup>132</sup> CARROLL, 1998 p. 61

crescemos”<sup>133</sup>. Alice está crescendo em seu contato com o País das Maravilhas se transformando continuamente para tentar entender. O conselho da lagarta é sábio. Em seu *ser-lagarta*, já está subentendido uma transformação em borboleta, e quando é borboleta não deixa de ser o que foi, mas admite a mudança como parte de si, evoluciona. Não há nada de estranho em não ser o que sempre fomos.

‘Volte!’ chamou a Lagarta. ‘Tenho algo importante a dizer!’

Isso parecia promissor, sem dúvidas. Alice virou-se e voltou para perto do cogumelo. ‘Não perca as estribeiras’<sup>134</sup> disse a Lagarta.<sup>135</sup>

Não poderia deixar de fora a parte mais sábia do conselho da lagarta. O ser é marcado sim pela incompletude e abertura, mas como já dissemos anteriormente, essa ruptura de expectativas, a que chamei desesperança não é uma entrega ao caos completo, se fosse chamaria desespero. Prescindir da esperança é pensar e se manifestar como algo vivo, não desesperar. Dizer que estamos sujeitos ao crescimento e a transformação é supor a continuidade. *Keep your temper*, o *eu* de agora existe por referência ao antigo e é inerente a continuidade do nosso pensamento, pois algo que se forje completa e extravagantemente novo não pode se quer se expressar.

Sobre essa base do sujeito iremos examinar no próximo capítulo a abdução, que nos permitirá entender o processo pelo qual somos capazes de reconfigurar nossos hábitos e tornar possível a descoberta.

---

<sup>133</sup> BARRENA, 2007 p. 70

<sup>134</sup> *Keep your temper* (versão original CARROLL, *Alice in Wonderland*, 1865. BOSON BOOKS , p. 23 disp. em : <http://www.bosonbooks.com/boson/oldies/Alice.pdf> - Acesso: 25/11/2011)

<sup>135</sup> CARROLL, 1998 p. 62

### **CAPÍTULO 3 – O processo lógico-abdutivo**

No capítulo anterior vimos que o sujeito da ação pragmatista aparece sempre aberto e em relação ao mundo dentro de uma malha de possibilidades onde ele compreende o que está experimentando e a si mesmo. A subjetividade desse sujeito é marcada pela relação e se manifesta até o exterior, dando condições para ação criativa e consequentemente ao crescimento. Criar, nesse sentido, é conhecer, encontrar maneiras de deixar algo que ainda não compreendemos razoável. Através dos hábitos controlamos, entendemos e modificamos nossas ações. Nosso exercício de pensar se encontra nessa possibilidade de mudança ou adaptação que se instaura e nos demanda compreensão quando somos surpreendidos por um estado de dúvida

O mundo não está dado ou pronto – ele nos provoca constantemente – consequentemente, nós também não estamos, de modo que não existem leis definitivas ou necessárias que determinem nossa ação ou as quais a natureza tenha que seguir. É justamente pelo caráter plástico dos nossos hábitos que nós e Alice podemos revisita-los e criar novos que nos torne capaz de entender o que está acontecendo. Quando Alice sai do cotidiano a qual estava familiarizada e desce pela toca do coelho ela inicia um processo vívido de descoberta. Neste capítulo vamos tentar entender esse processo, ou seja, de que forma podemos chegar a descobrir algo novo e tornar algo que pareça confuso mais claro, em outras palavras, conhecer. Através da articulação de alguns conceitos, entenderemos melhor como Alice investiga e através de tentativas vai descobrindo o País das Maravilhas e explicando os fatos surpreendentes deste lugar.

A investigação é um processo vivo e fundamental para o conhecimento. Se estamos tentando entender como podemos chegar a novas ideias e a novos conhecimentos, ou seja, descobrir o mundo, precisamos falar de abdução. Por esse motivo, esse conceito fundamental e característico da obra de Peirce vai permear todo este capítulo. Começaremos tentando

clarificar o que é esse tipo de inferência e explicar brevemente como ele aparece na obra de Peirce. Procuraremos articular alguns elementos que nos ajudam compreender o processo abdutivo como um processo de descoberta e nesse ponto falaremos de  *musement*  e imaginação.

A abdução é um processo de raciocínio fundamental para entendermos a travessia de Alice. Ora, se estou procurando entender como Alice descobre o mundo e entende a experiência que está vivenciando no País das Maravilhas, estou claramente estudando o seu processo abdutivo. Ela não está a procura de respostas específicas, mas procurando entender o mundo que a surpreendeu quando ela desceu pela toca do coelho. É um movimento de compreensão. Todo processo dela, as tentativas que ela faz é de interesse da inteligibilidade, o caso de que ela ainda não conheça ou não compreenda não quer dizer que o País das Maravilhas não pode ser conhecido e compreendido. Portanto, nesse sentido o impossível não existe. A atitude abdutiva é o que nos permite descobrir o mundo através de um jogo das possibilidades que faz inaugurar o pensamento e entender o que se vivencia. Procuraremos, antes de chamar a Alice para o jogo, entender alguns conceitos.

### **3.1 – Abdução em Peirce**

A abdução é uma das noções mais originais e características da obra de Peirce, principalmente no que diz respeito a metodologia. Peirce se empenha em mostrar que além dos dois modos de inferência tradicionalmente explorados pela filosofia, a saber a dedução e a indução, há um terceiro modo, ou melhor, um primeiro modo relacionado com a origem das hipóteses e com a novidade. A abdução é onde se originam novas ideias, é a semente do descobrimento e sua lógica é essencial em todo pragmatismo de Peirce.

Sendo um conceito tão importante em sua obra, seria uma tarefa muito difícil e específica para um trabalho de graduação, abarcar a totalidade desse conceito ao longo dos escritos de Peirce. Certamente eu precisaria de mais tempo e de muito mais coragem, de

qualquer forma esse não é o objetivo deste trabalho. Procuraremos então, expor nesse capítulo os aspectos que julgo importantes para o entendimento de nossa ação no mundo e como esse processo lógico pode nos ajudar a compreender a experiência da travessia de Alice.

“A abdução é um raciocínio mediante hipóteses, ou seja, mediante a explicação que surge de maneira espontânea ao ponderar o que em uma circunstancia concreta nos surpreendeu”<sup>136</sup>. A inferência abdutiva é o início da investigação.

A sugestão abdutiva advém-nos como num lampejo. É um ato de intuição (insight), embora de uma intuição extremamente falível. É verdade que os diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes antes; mas é a ideia de reunir aquilo que nunca tínhamos sonhado reunir que lampeja a nova sugestão diante nossa contemplação<sup>137</sup>

Por ser um conceito amplo e fundamental na obra de Peirce, sendo aperfeiçoado por ele ao longo de sua vida, esta forma de raciocínio vem sendo muito analisada pelos estudiosos peirceanos. Sara Barrena aponta que existe uma certa “controvérsia sobre se o conceito de abdução inclui só a justificação da hipótese ou também seu surgimento”<sup>138</sup>. Nesse sentido em algumas ocasiões a abdução é estudada como lógica do descobrimento, ou seja, a lógica pela qual se gera uma nova hipótese; enquanto em outras ocasiões ela é vista como uma lógica de justificação que consiste em valorar, selecionar ou dar preferência a uma hipótese em comparação com outras hipóteses possíveis; ou ainda pode ser vista como uma teoria da plausibilidade experiencial na medida que adota uma hipótese que é aceita por ser uma explicação plausível<sup>139</sup>.

---

<sup>136</sup> BARRENA, 2003 p. 121

<sup>137</sup> PEIRCE, C. S. *Semiótica*. Tradução para o português: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 226

<sup>138</sup> BARRENA, 2003 p. 122

<sup>139</sup> BARRENA mostra que H. Pape aponta essas diferentes visões sobre a lógica abdutiva em seu livro ““Abduction and the Topology of Human Cognition”, *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, XXXV/2 (1999). (Sara Barrena, 2003 p. 122)



Em meus estudos sobre o assunto e em discussões sobre o processo abduativo, compartilho ponto de vista de Sara Barrena<sup>140</sup> de que a abdução permite explicar “não só a justificação da hipótese mas também seu surgimento, ou seja, não só permite examinar as circunstancias em que se produz o descobrimento mas também analisar o próprio processo”. Entendo a abdução, então como a potencialidade que temos para formar hipóteses, uma forma de raciocínio que me permite compreender, não mais a partir de dedução e indução, mas a partir de uma inferência abduativa. Dessa processualidade ou dinâmica abduativa, origina-se uma hipótese possível que nos permita, ainda que provisória e falivelmente, compreender algo – que vem a ser a mesma coisa que elege-la entre várias outras possíveis hipóteses. Dessa forma, a abdução não é simplesmente um ato, um momento em que nos chega uma explicação de um fato que nos surpreendeu, mas um processo que engloba inclusive nossa surpresa sobre esse fato.

Inicialmente esse conceito é introduzido por Peirce como um terceiro tipo de inferência lógica, assim, abdução, indução e dedução aparecem como três tipos de inferência distintos, independentes e irreduzíveis entre si. Em sua fase mais madura<sup>141</sup>, Peirce passa a considera-las não como inferências independentes, mas como fases de um único processo de investigação, podendo ser entendidos como tipos de raciocínio ou classes de argumentos. Peirce “leva a cabo uma ampliação do conceito de inferência até o de raciocínio para incluir a função metodológica”<sup>142</sup>. As três inferências são consideradas ações mentais que fazem parte de um conjunto metodológico, sendo estados independentes, mas que colaboram para um todo dentro da investigação, passos de um único processo.

A parte abduativa está relacionada com a produção original e a

---

<sup>140</sup> BARRENA, 2003 , p. 122

<sup>141</sup> BARRENA em sua tese de doutorado aponta para duas etapas cronológicas diferenciadas na história desse conceito. Essas etapas não são contraditórias, mas correspondem a uma evolução do pensamento de Peirce acerca da investigação. Para nosso estudo nos concentraremos na fase mais madura do pensamento de autor.

<sup>142</sup> BARRENA, 2003 p. 125

proposta de hipóteses explicativas; a fase dedutiva tem a ver com a elaboração lógica dessas hipóteses; e a fase indutiva trata da confirmação ou falsificação dessas hipóteses por parte da experiência futura<sup>143</sup>

Peirce chama atenção para o fato de que para um teoria ser nova e explicar algo que ainda não entendemos deve produzir-se por mais que uma generalização a partir do que observamos ou de um reconhecimento de uma regra geral aplicado a um caso particular. Supera assim, com a abdução, o paradigma da dedução e da indução -os dois tipos básicos de inferência lógica, que não são capazes de explicar a novidade ou a descoberta.

A investigação se inicia com um fato que nos surpreenda, que nos reclama compreensão, instaurando a inquirição, problematizando a dúvida para chegar a acalmá-la. A abdução é o salto lógico que a mente dá para fazer uma suposição que nos ajude a entender essa surpresa- ainda que seja uma lógica só possamos entender posteriormente, quando submetermos a hipótese a análise. Nesse salto, Peirce integra à sua noção de razão aspectos como a imaginação e o instinto<sup>144</sup>, considerando o ser humano racional sempre aberto em relação ao mundo. A abdução esta relacionada então, com a origem da hipótese provável que pode explicar o fato surpreendente seja no raciocínio científico ou no nosso pensamento ordinário e cotidiano.

Se vamos dar os nomes de Dedução, Indução e Abdução as três grandes classes de inferências, então a Dedução deve incluir todo intento de demonstração matemática, se referindo a casos isolados ou a “probabilidades”, isto é, razões estatísticas, a indução deve significar a

---

<sup>143</sup> DELANEY apud BARRENA, S. *Un argumento olvidado en favor de la realidad de Dios*. Introducción, Cuadernos de Anuario Filosófico, 1996. p. 32

<sup>144</sup> não iremos abordar essa faceta da abdução, mas é interessante notar o a admissão de algo instintivo na lógica abdutiva para Peirce. O instinto para ele não deve ser entendido como intuição ou cognição não determinada por uma cognição prévia. Divergindo completamente da intuição cartesiana o instinto para Peirce é em certo sentido mediado, sujeito a interpretação e falível, sempre suscetível a investigação. O Instinto também aparece mais tarde, como uma certa capacidade de adivinhar (guess) cedo ou tarde explicações para o fenômeno da natureza que se dá pela afinidade entre a mente e a natureza, chamando-o as vezes *de il lume naturale* (CP4.477 e CP 5.604)

operação que leva ao consentimento de uma proposição já posta, com ou sem modificação quantitativo, considerando-se esse consentimento ou consentimento modificado como o resultado provisório de um método que deve, eventualmente, trazer a verdade à luz; enquanto a abdução deve incluir todas as operações pelas quais se engendram as teorias e as concepções.<sup>145</sup>

O conhecimento para Peirce é conjectural, ou seja, baseado e organizado por hipóteses. A abdução é a base de todo conhecimento, pois é a operação peculiar da mente em que surgem hipóteses que, ainda que falíveis, vão nos permitir explicar “não só a aparição de novos dados, de nova informação, mas também de novos conceitos qualitativamente distintos dos anteriores. Permite explicar o salto em que o entendimento dá no vazio, o descobrimento.”<sup>146</sup> Por isso o processo abduativo é o processo de conhecer, é o que permite avançar o entendimento do mundo e de nós mesmos - ter algo novo - aumentando a inteligibilidade no mundo que nos cerca.

Abdução é o processo de formar uma hipóteses explicativa. É a única operação lógica que introduz alguma ideia nova; porque a indução não faz mais que determinar um valor, e a dedução meramente exhibe as consequências necessárias de uma hipótese pura. A dedução prova algo que *deve ser*; a Indução mostra que algo *é efetivamente* operativo; a abdução sugere tão somente algo que *pode ser*. Sua única justificativa é que a partir de tal sugestão a dedução pode extrair uma predição verificável pela indução, e em que, se queremos aprender algo ou compreender os fenômenos, deve ser mediante a abdução.<sup>147</sup>

Genova<sup>148</sup> nos chama atenção nessa citação para distinção entre “pode ser”, “é efetivamente” e “deve ser” que, em Peirce, dialoga com classificação triádica da modalidade de um raciocínio que diz respeito a segurança de sua conclusão que corresponde

---

<sup>145</sup> PEIRCE, *Cómo Teorizar (Sobre la selección de hipótesis)* 1903, Traducción castellana de Sara Barrena (CP 5.590-604) Disponível em <<http://www.unav.es/gep/ComoTeorizar.html>> Acesso: 25/11/2011

<sup>146</sup> BARRENA, 2003 p. 131

<sup>147</sup> PEIRCE (CP 5.171) apud GENOVA, Charles S. Peirce: La lógica del descubrimiento, Cuadernos de Anuario Filosófico, Pamplona, 1997, p. 57 – grifo dele. Disp. em: <http://www.unav.es/gep/Genova/cua45.html> Acesso: 25/11/2011

<sup>148</sup> GENOVA, 1997, p. 57

respectivamente possibilidade, atualidade e necessidade<sup>149</sup>. Por isso a abdução se caracteriza pela sua probabilidade, por ser uma possível explicação que ao investigador parece plausível. Isso acarreta em seu aspecto de insegurança mas, ao mesmo tempo e sobretudo de sua fertilidade. Seu cunho de primeiridade revela sua ligação com os sentimentos, emoções e principalmente sua potencia. A ruptura de um hábito está acompanhada de uma renovada espontaneidade, uma intensificação do sentir<sup>150</sup> de onde nasce a abdução. O que Peirce nos diz é que além da segurança e da justificação, é preciso levar em conta a fecundidade do raciocínio, por isso a inferência abdutiva é extremamente falível e fraca, mas no entanto é a única capaz de gerar novas ideias. A atividade criadora da abdução é o que nos permite entender o mundo.

Peirce entende que o raciocínio é organizado mediante hipóteses ou seja, mediante as explicações que surgem “de modo espontâneo ao ponderar o que em uma circunstancia concreta nos surpreendeu”<sup>151</sup>, a abdução supõe a formulação de uma conjectura explicativa que envolve uma novidade, pondera-se os fatos e se supõe uma possível explicação, introduzindo uma ideia nova – não contida nas premissas– e dessa forma, a inferência abdutiva constitui o primeiro passo para qualquer conhecimento. A indução e a dedução não podem nos explicar o surgimento de novos conceitos, é portanto, a abdução que nos permite avançar diante um fato ainda desconhecido, como um ponto de partida - ainda que dentro de um contínuo - para uma teoria que nos torne possível o entendimento.

Esse conceito tem um papel fundamental, então, na epistemologia de Peirce, já que é “a base do avanço do conhecimento”<sup>152</sup>. Podemos explicar dedutivamente e provar e

---

<sup>149</sup> Embora essas modalidades não sejam tratadas de forma direta nesse trabalho, esse é um ponto pertinente apontado por Genova (1997, p. 57), que ainda observa que “Las tres modalidades, a su vez, se corresponden con las ya mencionadas categorías peirceanas de primeridad, segundidad y terceridad.”

<sup>150</sup> PEIRCE, 1892.

<sup>151</sup> BARRENA, 2007. p. 81

<sup>152</sup> BARRENA, 1996 p. 35

classificar indutivamente, formulando uma regra geral para nossas hipóteses surgidas em um processo abdutivo. No entanto, todo novo conhecimento parte da abdução, de modo que a investigação tem sua força criativa nas inferências abduativas.

Dessa maneira, descobrir é um processo criativo. Alice, para entender aquele país, se ocupa das possibilidades, não caoticamente nem ao léu, mas percebendo o mundo presente e vividamente. Um mundo do qual faz parte. Jogando com a imaginação, revisitando experiências anteriores e atenta, Alice dá lugar a uma terceiridade, a um hábito que lhe permite entender e expressar esse mundo de possibilidades. Procura fazer razoável o País das Maravilhas a partir da sua vivência, abusando das tentativas, exercitando o processo abdutivo para ir adiante na semiose. Fazendo uma abdução a cada passo, Alice faz com que a variedade da experiência em que vive, ainda que seja infinita e inapreensível em sua totalidade, seja razoável, criando maneiras de entender.

### **3.2 – Abdução e Experiência.**

Já foi dito que Alice entende o mundo a partir de sua experiência, por inferências abduativas. Vamos procurar entender agora o que significa a experiência para Peirce e como ela deve ser abordada. Ainda que seja um processo onde se origine ideias novas, a abdução tem sempre origem na observação, Alice observa os fenômenos e os pondera procurando alcançar uma conjectura que apareça como possível explicação.

Em seu texto “Pragmatismo e abdução”<sup>153</sup> Peirce amplia suas considerações sobre a relação da abdução com o Pragmatismo, comentando três proposições chaves<sup>154</sup> do qual o

---

<sup>153</sup> PEIRCE, 2005 p. 225 (Publicado em CP 5.180-212 sob o título de *On pragmatism and abduction*. – o texto corresponde a última das sete lições de Harvard e foi deixada por Peirce sem título, em 1903)

<sup>154</sup> Peirce denomina essas proposições de “Três proposições cotárias” suscitadas em sua sexta lição de Harvard (CP 5.151- 179) são comentadas na sétima (CP 5.180 – 212) são elas: 1) *Nihil est in intellectus quod non prius fuerit in sensu* [Que nada está no intelecto que não esteja primeiro nos sentidos] (2) Que os juízos perceptivos

pragmatismo se segue. A terceira dessas proposições cotárias entende a abdução como um processo que se inicia na observação, de maneira que não há uma linha limite que demarque a diferença entre a inferência abdutiva e o juízo perceptivo, ajudando-nos compreender como Peirce entende a experiência. Nesse sentido, não inferimos sobre determinada experiência ou observação senão que a própria experiência já é uma inferência abdutiva.

em outras palavras, nossas primeiras premissas, os juízos perceptivos, devem ser encarados como um caso extremo das inferências abduativas, da quais diferem por estar absolutamente além de toda crítica. A sugestão abdutiva advem-nos como um lampejo. É um ato de introvisão (insight), embora de uma introvisão extremamente falível. É verdade que os diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes antes; mas é a ideia de reunir aquilo que nunca tínhamos sonhado reunir que lampeja a nova sugestão diante de nossa contemplação<sup>155</sup>

No pensamento de Peirce se fundem um rico conhecimento da tradição filosófica e uma ampla experiência como lógico e científico, de modo que a experiência tem uma importância fundamental em sua teoria, principalmente do ponto de vista metodológico. “Não podemos conhecer nada exceto o que diretamente experimentamos”<sup>156</sup>. Estar aberto a experiência é deixar que o mundo nos afete. É por isso que não há contradição em dizer que todo conhecimento tem sua semente na abdução e sua raiz na experiência. A abdução surge quando determinada experiência nos surpreende ao não corresponder as expectativas com as quais estamos familiarizadas. Por esse motivo, a abertura de Alice ao exterior sempre se manifestando em relação ao mundo que vivencia (como destacamos no capítulo anterior) supõe que ela esteja aberta à experiência e atenta a importância desta para nosso conhecimento.

---

contêm elementos gerais e 3) Que a inferência abdutiva se transforma no juízo perceptível sem que haja uma linha tênue de demarcação entre eles.

<sup>155</sup> PEIRCE, 2005 p. 226

<sup>156</sup> CP 6.492

No entanto, não é excesso reforçar que experiência direta, da maneira como Peirce a caracteriza, não pode ser reduzida a meras percepções do sentido, enquanto apenas dados. Essas percepções são para Peirce criações hipotéticas da metafísica nominalista, das quais Peirce não nega a existência, mas não admite que a experiência possa ser reduzida a elas<sup>157</sup>. Não há conhecimento imediato que não seja inferencial, “as percepções são indubitáveis, mas não proporcionam conhecimento; o que levamos conosco, afirma Peirce, são fatos perceptivos, ou seja, a descrição do intelecto sobre a evidência dos sentidos”<sup>158</sup>. “Por experiência deve se entender a produção mental completa”<sup>159</sup> então, como fica claro na passagem anterior, não podemos separar claramente os dados do sentido de nossas inferências. Uma palavra não pode significar nada além da ideia que ela evoca de modo que jamais seria possível reduzi-la a uma mera percepção de audição, afecções da visão quando lemos ou qualquer coisa deste tipo. Ainda nesse sentido Peirce nos diz:

Alguns psicólogos irão me deter aqui para dizer que, enquanto admitem que a experiência é mais do que mera sensação, eles não podem estendê-la ao produto mental todo, pois isso incluiria alucinações, ilusões, imaginações supersticiosas e falácias de todas as espécies; e que eles limitariam experiência a percepções sensíveis. Mas replico que meu enunciado é o único lógico. Alucinações, ilusões, imaginações supersticiosas e falácias de todas as espécies são experiências, mas experiências mal-entendidas; por sua vez, reduzir todo nosso conhecimento meramente à percepção sensível é dizer que não podemos conhecer nada – nem mesmo equivocadamente – acerca de assuntos mais elevados, como honra, aspirações e amor.<sup>160</sup>

“As percepções como tais não podem ser conhecidas, nada é absolutamente presente, não podemos conhecer nada fora a continuidade de nossos pensamentos. Só podemos

---

<sup>157</sup> CP 6.492

<sup>158</sup> BARRENA, 2003 p. 150

<sup>159</sup> CP 6.492

<sup>160</sup> CP 6. 492

conhecer o juízo perceptivo, que é a apreensão da percepção”<sup>161</sup>. De certa maneira, sendo juízos, essas percepções possuem uma natureza interpretativa, por isso toda percepção é abdutiva em algum sentido. Percepção e abdução estão dispostas em um contínuo inseparável. No juízo abdutivo se conjectura a experiência presente – incluindo as meras percepções – e nosso conhecimento anterior, sugerindo uma hipótese explicativa que envolve uma ideia nova – solucionando dessa maneira uma possível controvérsia entre continuidade e novidade. Assim, a abdução faz com que seja possível entender e pensar a respeito de nossas percepções, torna a experiência inteligível. Por isso, nunca podemos estar completamente seguros do que seria um juízo meramente perceptivo ou um juízo exclusivamente abdutivo, de forma que as primeiras impressões do sentido fazem parte da experiência, mas a experiência nunca se reduz a ela. Como dissemos anteriormente, não inferimos sobre uma experiência, só podemos tomar conhecimento dela inferencialmente.

É como o desenho de Saint-Exupéry; da primeira vez que o olhamos pode até dar a impressão de que a ideia de chapéu está dada pela percepção ou dados do sentido. Porém quando olhamos o desenho número dois e vemos que não se trata de um chapéu, mas de uma jiboia engolindo um elefante, essa imagem se torna um pouco mais familiar e já conseguimos enxergar o primeiro desenho dessa forma. O fato é que há dois modos de entender o assunto, dois modos gerais de classificar o desenho. “Mas, a preferencia resoluto de nossa percepção por um modo de classificar o percepto demonstra que essa classificação está contida no juízo perceptivo”<sup>162</sup>. A experiência é um elo conectivo entre abdução e percepção.<sup>163</sup> Se a experiência fosse de uma tal natureza que estivesse completamente desligada de inferências abdutivas seria de se esperar que fosse inteiramente livre de qualquer caracteres que são próprios a interpretações e nesse caso não haveria o que discutir e ponderar a respeito do

---

<sup>161</sup> BARRENA, 2003. p. 149

<sup>162</sup> PEIRCE, 2005 p. 227

<sup>163</sup> PEIRCE, 2005 p. 227



chapéu-jiboia. Como não pode deixar de apresentar esses caracteres, a experiência é uma série contínua de abduções discretamente realizadas, não precisamos ir além das atividades ordinárias e de nossas observações comuns para encontrar toda “uma variedade de modos amplamente diferentes pelos quais a percepção é interpretativa”<sup>164</sup>

Essa concepção de experiência, como ação mental completa, nos permite conhecer não só o que diretamente experienciamos, mas também sobre assuntos mais elevados. Assim, é também a partir da experiência que Alice pode se conhecer. O método de Peirce – que não se reduz a verificações empíricas no sentido estrito – é completamente passível de ser aplicado também a assuntos tratados pela metafísica, permite que conheçamos desde o que nos é sensível em uma experiência ordinária até a própria experiência de Deus<sup>165</sup>.

### 3.3 – Abdução e *Musement*

“Peirce denomina *musement*<sup>166</sup> a peculiar experiência que fará possível que surja a abdução”<sup>167</sup> e consequentemente o conhecimento. Este conceito aparece no Argumento Negligenciado<sup>168</sup> como um peculiar estado da mente que torna possível a experiência de Deus o de todo conhecimento. “Se trata de uma experiência peculiar, que para Peirce só pode ser

---

<sup>164</sup> PEIRCE, 2005 p. 227

<sup>165</sup> O *Argumento Negligenciado em favor da realidade de Deus* de 1908 (CP 2.755-772) se dedica a uma investigação acerca da realidade de Deus, e como qualquer outra investigação, essa também deve começar na experiência. Para Peirce, uma ideia como a de Deus advém da experiência que, como não se reduz a meras percepções de nosso sentidos, torna possível a experiência de Deus e será possível a partir do *musement*.

<sup>166</sup> Sigo a orientação de Barrena que preferiu manter os termos originais ingleses no caso do *musement* e no caso do *Muser* (aquele que pratica o *musement*) derivados do verbo *muse* (meditar, ponderar, estar absorto em pensamentos) por não haver em português (nem em castelhano) nenhuma expressão que se ajuste bem ao que Peirce queria dizer. (BARRENA, 2007 p. 82 – nota de rodapé)

<sup>167</sup> BARRENA, 2007 p. 82

<sup>168</sup> PEIRCE, Un argumento olvidado en favor de la realidad de Dios, 1908. (CP 2.755-772) Traducción castellana de Sara Barrena in: BARRENA, S. Un argumento olvidado en favor de la realidad de Dios. Introducción, traducción y notas, Cuadernos de Anuario Filosófico, 1996.

entendida desde a recusa da ideia nominalista de experiência”<sup>169</sup>.

Vamos nos dedicar um pouco a essa experiência do pensamento, que é muito interessante para entendermos como nasce a abdução. O *usement* é uma “certa ocupação agradável da mente”<sup>170</sup> que a deixa livre para ir, sem seguir qualquer regra, de uma coisa a outra. “É o que está na base de toda abdução”<sup>171</sup> e “não envolve outro propósito senão o deixar de lado todo propósito sério”<sup>172</sup> Peirce o caracteriza como um Puro Jogo, um jogo sem regras, “exceto a mesma lei da liberdade. Sopra onde quer”<sup>173</sup>.

“Observe a única ordem do jogo, a lei da liberdade”<sup>174</sup>. O movimento é se deixar levar pela meditação, por um controle passivo de nossa observação, sem complicar nosso conhecimento com restrições, sem impor regras a nossa experiência. “O *usement* não se reduz ao estudo científico ou a análise lógica e é precisamente nessa não redução que Peirce cifra as possibilidades muito mais amplas que ele oferece.”<sup>175</sup> Assim, o autor adverte: “Não há nenhuma classe de raciocínio que eu queira desconsiderar para o *usement*, e lamentaria encontrar alguém que o limitara a um método de fecundidade tão limitada como a análise lógica”.

Deixar nos levar pelo *usement* é como entregar-se a imensidão do oceano, todos os lados e cada um são possibilidades de mar. Podemos nos levar pelo vento, nos deixar flutuar, ficar a deriva esperando por uma onda, pensar no eterno do mar, na beleza que é o encontro do mar com o céu, até deixar nosso pensamento ser esse mar - tão infinito quanto são as moléculas de água que o faz, que são tantas e uma só água, tantos movimentos novos, mas

---

<sup>169</sup> BARRENA, 1996, p. 40

<sup>170</sup> PEIRCE, 1908 in: BARRENA, 1996 p. 71

<sup>171</sup> BARRENA, 2003 p. 138

<sup>172</sup> PEIRCE, 1908 in: BARRENA, 1996 p. 71

<sup>173</sup> Ibid. p. 72

<sup>174</sup> Ibid. p. 73

<sup>175</sup> BARRENA, 2003 p. 138

sempre no balanço de uma contínua corrente marítima.

Sobe ao bote do *musément*, empurre-o ao lago do pensamento, e deixe que a sopro dos céus infle suas velas. Com seus olhos abertos, acorde para o que está próximo ou dentro de você, e abra conversação consigo mesmo, para isso é toda a meditação. No entanto, não é uma conversa só com palavras, mas ilustrada, como uma conferência, com diagramas e experimentos<sup>176</sup>

O *musément* é uma meditação calma que permite que nosso “coração –que também é um órgão perceptivo”<sup>177</sup> se abra para experiência. Esse particular estado de atenção não focada, de controle passivo, é “uma peculiar mescla de sentimento, imaginação e razão”<sup>178</sup>. É um livre jogo das faculdades mentais, um estado “que se produz quando o homem considera as maravilhas do universo.”<sup>179</sup> É também o estado de Alice ao considerar as maravilhas daquele país. A ideia de jogo ajuda-nos muito compreender a abdução, que não é senão um livre jogo da mente com as ideias em que nos deixamos afetar pelo mundo. Então escutamos as possibilidades, tentamos e ensaiamos até que “tudo alcance seu lugar e surja a ideia criativa. Não há ciência nem arte sem abdução, nem há abdução sem jogo.”<sup>180</sup>

O exercício do *musément* está ligado ao abrir-se a experiência, o mundo não está dado e nos provoca na medida que o experimentamos. Podemos com esse voo do pensamento combinar coisas jamais sonhadas e entregar-nos –ainda que embebidos de passado– à incompletude conferida por um futuro possível, deixando nosso pensamento, dentro do fluxo contínuo de que faz parte, conjugar essas possibilidades. No *musément* exercitamos um pensamento vivo, pois a lei da liberdade é a lei da vida. O exercício da força livre de nosso pensamento, que é criativo, permite que o mundo entre em nós e floresça.

O raciocínio que faz avançar o conhecimento não seria possível sem a

---

<sup>176</sup> CP 6.461

<sup>177</sup> PEIRCE, 1908 in: BARRENA, 1996 p.100

<sup>178</sup> BARRENA, 2003 p. 141

<sup>179</sup> Ibid., p. 141

<sup>180</sup> Ibid., p. 124

consideração do que nos chama atenção, sem a surpresa, sem a meditação pausada acerca desses fenômenos, sem o *musément*, sem esse peculiar estado em que deixamos que o mundo nos afete, sem essa diferença na atenção, sem deixarmos de algum modo nos invadir pelos fenômenos e permitir que nossas faculdades conjuguem as diferentes possibilidades. Os materiais disponíveis no *musément* influem na abdução que surgirá<sup>181</sup>

Dar espaço para a espontaneidade, para que possamos jogar com as ideias em um estado de liberdade, sem constrange-las. “No jogo se formam associações imaginativas entre os objetos, ações ou ideias que não estariam relacionados em uma mente menos livre”, toda associação é possível. A experiência do *musément* se assemelha com os sonhos, onde a mente pode se ocupar livremente de pensamentos. Não podemos definir exatamente um problema, nem saber qual caminho devemos tomar para solucioná-lo, estamos abertos a descoberta, com o pensamento inaugurado para um conhecimento recente que vem somar-se. A descoberta supõe sempre algo extraordinariamente novo e inesperado nascido da experiência, pois “o muser tem a capacidade de fazer presentes mais coisas que aquelas que usualmente se presta atenção, de ter diante a mente mais elementos que quando se presta atenção direta e voluntariamente em uma coisa”<sup>182</sup>.

O que Peirce chamava atenção é que quando estamos com atenção muito focada, o objeto de nossa atenção nos ocupa tanto que as outras tantas coisas que há em nossa mente e na experiência passam despercebido. O esforço consciente para resolver uma questão pode chegar a paralisar a mente,

Todos sabem como a autoconsciência deixa a pessoa desajeitada e pode até paralisar a mente. Ninguém pode fracassar ao reparar que performances mentais que são processadas levemente estão aptas a serem mais astutas que aquelas nas quais cada pequeno detalhe é estudado enquanto a ação procede, ou o quanto um grande esforço – diga-se para escrever uma particularmente chistosa carta – ou até para lembrar uma palavra ou nome que tenha

---

<sup>181</sup> BARRENA, 2009 p. 85

<sup>182</sup> BARRENA, 2003 p. 148

escapado da memória pode atrapalhar o sucesso da pessoa. Talvez isso aconteça porque, ao tentar arduamente, nós estamos pensando sobre nosso esforço ao invés de pensar sobre nosso problema que temos em mãos. De qualquer maneira, minha própria experiência é que a autoconsciência e, especialmente o esforço de consciência, estão aptos a me carregar a beira da idiotice enquanto as coisas que eu fiz espontaneamente foram as melhores que fiz.<sup>183</sup>

Não podemos conhecer nada fora da continuidade de nossa experiência e conhecimentos, mas toda nossa experiência vivida e nosso conhecimento anterior não determinam nossa história futura, sempre há mais mundo para desbravarmos, sempre há mais coisas para conhecermos e, inclusive, sempre podemos compreender mais sobre nós mesmos. Fazemos isso através de processos abduativos, que nascem da experiência do *usement*.

Ainda que a liberdade faça parte de sua natureza e que nasça de uma experiência em que nos deixamos levar pelo voo do pensamento, a abdução é um raciocínio lógico e nesse sentido é um processo autocontrolado, “mas é um raciocínio lógico peculiar que exerce uma forma de controle peculiar, limitado e indireto.”<sup>184</sup> É esse controle passivo, para usar as palavras de Barrena<sup>185</sup>, que permite as novas associações, possibilita que juntemos imagens e ideias que nunca havíamos pensado. Esse controle não plenamente consciente, “que ocorre em um estado mental em que a atenção está desfocada”<sup>186</sup> é crucial. Pelo fato de estar mais difusa, a atenção torna-se também mais ampla e é precisamente isto que ocorre na experiência do *usement*, que pressupõe esse pouco controle, um controle passivo. Por isso, também se diferencia veementemente da introspecção cartesiana “não é só uma questão de vontade, pois se nos propomos atender uma coisa, provavelmente já não estamos atendendo ela, mas a

---

<sup>183</sup> CP 7.45

<sup>184</sup> BARRENA, 2003 p. 146

<sup>185</sup> BARRENA, 2007 p. 86

<sup>186</sup> BARRENA, 2003 p. 147

nosso propósito de atendê-la. Portanto, não é somente algo voluntário”<sup>187</sup>.

Nesse sentido, o  *musement*  inaugura um pensamento e nele exercitamos a liberdade vívida de escolher, mesmo que de maneira passiva, caminhos que ainda não conhecemos, que nos fará chegar em um lugar novo. Nenhuma caminho já determinado levaria-nos a um País das Maravilhas e é por isso que, como veremos a seguir, nenhuma regra ulterior pode limitar ou excluir alguma hipótese abdutiva possível.

Se já soubéssemos onde queríamos chegar, trilharíamos caminhos já conhecidos. Se já houvesse uma solução para dúvida que se instaura em nós antes de exercitarmos o pensamento, não haveria dúvida e não haveria descoberta. “Poderia me dizer, por favor que caminho devo tomar para sair daqui?”<sup>188</sup> pergunta Alice para o gato de Cheshire. Se Alice soubesse exatamente onde queria chegar ou se já conhecesse a maneira de sair, trilharia um caminho já pronto. O caminho da dúvida é o caminho da descoberta, o  *musement*  nos leva a lugares ainda não conhecidos onde habita o novo. “ ‘Você vai certamente chegar a algum lugar’, disse o Gato, ‘se caminhar bastante’. ”<sup>189</sup>

### 3.4 – Abdução e Pragmatismo

O processo abdutivo tem tanta importância em sua obra, que Peirce chega afirmar em 1903: “Se os senhores examinarem com atenção a questão do pragmatismo, verão que ela nada mais é exceto a questão da lógica da abdução”<sup>190</sup>. Admitindo a inferência abdutiva como o primeiro passo da investigação, Peirce engloba a razão dimensões que durante muito tempo ficaram à deriva, proporcionando uma visão mais unitária da racionalidade. A imaginação, então, ganha um lugar de destaque no seu pragmatismo.

---

<sup>187</sup> BARRENA, 2007, p. 88

<sup>188</sup> CARROL, 1998 p. 84

<sup>189</sup> Ibid., p. 84

<sup>190</sup> PEIRCE, 2005, p. 232

“A inferência abductiva não seria possível sem imaginar qual é a possível solução ou forma de expressão que buscamos.”<sup>191</sup> A hipótese não é admitida aleatoriamente, mas que surge de uma situação fortuita e extraordinária diante a qual, jogando com nosso conhecimento, imaginamos uma solução. Nesse sentido, “a hipótese não pode ser admitida, mesmo enquanto hipótese, a menos que se suponha que ela preste contas dos fatos ou de alguns deles”.<sup>192</sup> Esse requisito para formação da hipótese não impede o livre jogo com as possibilidades, mas coopera com ele. Não é uma regra, senão uma característica do próprio processo abductivo que consiste em levantar conjecturas para explicar os fatos, manifestando a tendência da mente de sair do estado de dúvida e atingir o estado de crença; não faria sentido levantar hipóteses que não corrobore com essa tendência. Assim, esse requisito é na verdade um traço característico da abdução, e não uma regra lógica, ou uma lei, pois

o pragmatismo propõe uma certa máxima que, se sólida, deve tornar desnecessária qualquer norma ulterior quanto a admissibilidade das hipóteses se colocarem como hipóteses, isto é, como explicações dos fenômenos consideradas como sugestões auspiciosas; e mais ainda, isto é tudo que a máxima do pragmatismo pretende realmente fazer.<sup>193</sup>

Por esse motivo a abdução nasce de um jogo cuja única regra é a liberdade. O que a máxima do pragmatismo diz, revisitando-a, é que uma concepção ou um conceito não pode ter efeito lógico algum, salvo na medida em que possam – tomado em conexões com outras concepções– concebivelmente ter efeitos práticos sobre a nossa conduta. Bem, para Peirce é indiscutível que nenhum filósofo poderia admitir qualquer regra que proibisse a “investigação sobre como deveríamos moldar nossa conduta prática”<sup>194</sup> portanto, a máxima pragmatista não precisará de nenhuma regra ou lei que vise excluir qualquer hipótese como sendo

---

<sup>191</sup> BARRENA, 2007 p. 108

<sup>192</sup> PEIRCE, 2005. p. 229

<sup>193</sup> Ibid., p. 232

<sup>194</sup> PEIRCE, 2005 p. 232

inadmissível.<sup>195</sup>

Sob essas circunstâncias, a máxima do pragmatismo recobre toda a lógica da abdução que nasce de um jogo sem regras – o *musément* – pois não se pode excluir dessa forma (por simples regras lógicas) qualquer hipótese admissível que possa ter, mesmo que não manifeste concretamente, concebivelmente efeitos práticos:

Se o pragmatismo é a doutrina de que toda concepção é uma concepção de efeitos práticos concebíveis, isto faz com que a concepção tenha um alcance muito além da prática. Permite qualquer voo da imaginação, contanto que essa imaginação se depare, em última instância, com um efeito prático possível; assim, pode parecer à primeira vista que muitas hipóteses são excluídas pela máxima pragmática, quando não o são.<sup>196</sup>

Nesse sentido a abdução não oferece nenhuma garantia. As hipóteses são extremamente falíveis, mas caracterizam-se pela fertilidade. Os diferentes tipos de raciocínio para Peirce não são apenas importantes pela sua validade efetiva ou sua seguridade, mas principalmente pela sua fecundidade, um valor de produtividade, seu poder de fazer o conhecimento caminhar<sup>197</sup>. A investigação começa sempre quando alguma experiência “choca contra os hábitos, o acontecimento contrário às expectativas, a ruptura da crença”<sup>198</sup>. O processo abdutivo entra em jogo propondo ou buscando propor, uma explicação para essa ruptura, tornar essa situação nova inteligível, mesmo que provisoriamente, através de uma proposição plausível e aceitável, mas sem nenhuma outra garantia. É um processo de tentativas.<sup>199</sup>

---

<sup>195</sup> Ibid., p. 232

<sup>196</sup> Ibid., p. 233

<sup>197</sup> PEIRCE (CP 8.384) apud GENOVA, 1997 p. 58

<sup>198</sup> GENOVA, 1997, p. 69

<sup>199</sup> GENOVA (1997, p.70) Observa que: “En este sentido la abducción, aun siendo el origen de la explicación, es un argumento ineficaz, puesto que no puede por sí misma reformar los hábitos racionales, las creencias, sin el complemento de la deducción y la inducción: Las inferencias abductivas no ofrecen ninguna garantía de que la conclusión sea correcta.”



A abdução está na maneira de ser de Alice quando tenta compreender aquele lugar e também em situações ordinárias –como quando decidimos pegar um ônibus que pareça ser melhor para nossa rota. Para entender a situação que vivencia, Alice não deve excluir nenhuma hipótese que possa ajuda-la a compreender. A lógica da abdução é a lógica da descoberta e é operante em toda travessia da menina, se tornando ainda mais imperativa sempre que algo a surpreende e demande sua compreensão.

### **3.4 – Abdução e Imaginação**

Não é difícil perceber que a imaginação joga um papel fundamental no entendimento de Alice. É através da faculdade imaginativa que ela pode compreender, por exemplo, as histórias mirabolantes contadas pelos personagens do País das Maravilhas. Imaginando a situação contada, ela consegue elaborar perguntas, supor situações e dialogar os novos fatos com todo conhecimento que ela tinha. Vamos, então, tentar entender qual o papel dessa maravilhosa capacidade humana dentro do processo abdutivo.

Como já comentamos, o processo lógico-abdutivo aglutina todas as dimensões que estão emaranhadas a nossa razão, não fosse assim não poderia surgir a hipótese nova. É tentando entender, buscando uma possível explicação, que acordamos nossa compreensão e colocamos ativo nosso pensamento. A abdução não é possível sem a faculdade da imaginação que tem um papel fundamental na nossa vida e se mostra completamente ligada a nossa razão.

A imaginação foi sempre associada a artistas ou lunáticos, vista como uma faculdade sem regras distante de ‘qualquer coisa da que chamamos realidade’. Falamos de um mundo da imaginação, uma terra *tão tão distante* longe da nossa experiência real, um reino longínquo relegado aos artistas e as crianças, “ou aquele que não quer um emprego sério e rigoroso da razão”<sup>200</sup>. Dentro da ciência essa faculdade é constantemente esquecida e nem sempre lhe dão todo o seu valor. A abdução peirceana constitui uma reivindicação da nossa competência

---

<sup>200</sup> BARRENA, 2003 p. 167

imaginativa –que é uma “capacidade indissolúvelmente ligada a criatividade da razão humana”<sup>201</sup> sendo indispensável para que se avance no processo infinito da semiose.

As pessoas que constroem castelos no ar, em sua maior parte, não alcançam muito, é verdade; mas todo homem que alcança grandes coisas elabora castelos no ar e depois os copia penosamente em solo firme. De fato, o raciocínio completo e tudo o que nos faz seres intelectuais se desempenha na imaginação. Os homens vigorosos geralmente depreciam a mera imaginação; e nisso teriam bastante razão, se houvesse tal coisa. Não importa o que sintamos; a questão é que faremos. Mas esse sentimento que está subordinado a ação e a inteligência da ação é igualmente importante; e toda a vida interior está mais ou menos assim subordinada. A mera imaginação seria realmente insignificante, mas a imaginação nunca é mera. ‘Mais do que o que está abaixo de sua custódia, vela por sua fantasia’, disse Salomão, ‘porque dela saem os assuntos da vida’<sup>202</sup>

A imaginação, como diz Peirce, nunca é mera. Quando um homem deseja conhecer a verdade, a primeira coisa que deve fazer é imaginar qual possa ser essa verdade<sup>203</sup>. “Pode contemplar estupidamente os fenômenos, mas na ausência da imaginação não poderá conectá-los de modo racional”<sup>204</sup>. A faculdade imaginativa amplia nosso entendimento, nos ajuda a compreender melhor a unidade do ser humano e está na base de todo conhecimento, no nosso dia a dia, em nossas posturas éticas, na arte, na ciência e na religião, pois todos esses âmbitos de nossa vida “a mente avança através da abdução, que não poderia ocorrer sem imaginação”<sup>205</sup>

“Pode dizer-se que a imaginação é o que media o pensamento e a vida, é o que possibilita uma nova ideia de racionalidade como criativa que permite superar os dualismos

---

<sup>201</sup> BARRENA, 2007 p. 105

<sup>202</sup> PEIRCE apud BARRENA, 2007 p. 105

<sup>203</sup> CP 1.46

<sup>204</sup> *ibid.*

<sup>205</sup> BARRENA, 2003 p. 169

aos quais tem sido submetida a noção de ser humano.”<sup>206</sup> Ela ordena nossa experiência na medida em que é com ela que podemos imaginar como as coisas acontecem, através dela exercitamos nossas expectativas e também imaginamos como resolver uma situação de surpresa. Nesse sentido ela está intimamente ligada ao hábito, o que nos chama atenção para outra característica da qual compartilham: a plasticidade. A imaginação nos permite construir hábitos, pensar sobre o mundo, criar expectativas para agir, entender os seres com que nos relacionamos e a nós mesmos. E longe de ser uma capacidade de fantasiar separada de qualquer tipo de razão, ela está intimamente ligada a nossa experiência e ação, é portanto, dentro do pragmatismo, uma faculdade que não pode ser separada de qualquer ideia feita de racionalidade.

O pensamento, nos diz Peirce<sup>207</sup>, tem lugar na imaginação, e para inaugurarmos nosso pensar havemos que abrir as portas e janelas e deixar a imaginação manifestar seu papel construtivo em todas as dimensões de nossa vida. Onde se desenvolvem nossas ideias, onde estão a semente do nosso imprescindível crescimento senão na imaginação? Ela não é algo que nos isole do resto do mundo, como se houvesse um mundo no qual entramos, mas pelo contrário, se caracteriza, assim como nossa subjetividade, pela abertura. “A imaginação nos abre possibilidades, nos permite sair de nós mesmos para estar de verdade em outros”<sup>208</sup>

Dessa forma os voos da imaginação, os exercício mentais, são responsáveis também pelo desenvolvimento das ideias de Alice naquele país. As resoluções que a menina faz – imaginando quais são as possibilidades de ação que a ajudariam sair daquela situação de dúvida – são exercícios interiores que a ajudam entender melhor o mundo e a ela mesma, afetando as determinações reais e reformulando seus hábitos. Os movimentos da imaginação são agentes reais dentro do nosso conhecimento, o *usement* e as meditações sobre as

---

<sup>206</sup> BARRENA, 2007 p. 124

<sup>207</sup> CP 3.160

<sup>208</sup> PEIRCE, apud BARRENA, 2006 p. 121

possibilidades se convertem em um guia para a ação.

Tudo nasce na experiência, mas é nossa imaginação que dá sentido a essa experiência e organiza-a. Este emparelhamento de experiência e imaginação não significa confusão. Para Peirce “toda pessoa sã vive em um mundo duplo, o mundo de fora e o mundo de dentro, o mundo da percepção e o mundo da fantasia”.<sup>209</sup> Os dois mundos não se confundem mas interagem e integram juntos o mundo que vivemos, contribuem dialogicamente para formação dos nossos hábitos de ação, que são tendências a agir reiteradamente em situações parecidas, ou seja, sob situações similares de percepções e fantasias. “Isto quer dizer que a mente não só se molda pela experiência exterior, pela influência do mundo sobre ela, mas também por sua própria ação interna, em particular, pela ação da imaginação”<sup>210</sup>

Nunca é demais lembrar que esse mundo interno da fantasia não é algo que nos isola, mas faz parte de nossa subjetividade que, como vimos no segundo capítulo, é marcada pela sua abertura e comunicação com o mundo e com os outros, por estar dentro de um fluxo contínuo onde é embebida pelas experiências e conhecimentos passados que caracterizam uma orientação para um futuro possível, ainda que incerto. Por isso a imaginação desenvolve um papel fundamental na compreensão da subjetividade nos ajudando a compreender a unidade do ser humano e sua contiguidade com o mundo.

O exercício de conhecer é resultado de um processo abduutivo e portanto está intimamente ligado a imaginação. A peculiar experiência do *musement* é um exercício de uma mente viva, que observa a experiência deixando que o mundo entre em nós e frutifique, alçando um voo livre com nosso pensamento, explorando através da imaginação as possibilidades que vão nos permitir que a semiose prossiga e “que os signos cresçam em sentidos que não estão determinados”<sup>211</sup>.

---

<sup>209</sup> CP 5.487

<sup>210</sup> BARRENA, 2007, p. 119

<sup>211</sup> BARRENA, 2007 p. 123

A imaginação pragmatista está intimamente ligada a nossa ação criativa. Ela não é privilégio das crianças ou dos artistas mas uma característica da razão de todo homem. Alice experimenta um fato surpreendente e quer compreendê-lo, então presta atenção em suas percepções dessa situação e deseja conhecer a verdade. Assim acontece com todos nós quando um fato maravilhoso aparece aos nossos olhos, costumamos ser como uma espécie tímida de Alice, quando desejamos ardentemente conhecer a verdade, nosso primeiro esforço será o de imaginar a verdade. O mundo não está dado, precisamos conhecê-lo e nada além da imaginação pode nos fornecer uma noção de verdade. Então, assim como Alice, esse homem pode olhar estupidamente para os fenômenos e fatos dados pela experiência, mas na ausência de imaginação ele não pode conectá-los de maneira racional. Milhares de homens observaram durante séculos que maçãs caem se as soltarmos no ar, e esse evento, para eles, não era mais que uma maçã caindo. Relacioná-la com a lua como fez Newton, nos lembra Peirce, era para eles algo fantasioso demais.<sup>212</sup>

O pensamento se caracteriza pela sua abertura e tem lugar na imaginação. Na experiência do *musément* e conseqüentemente na abdução, quando não está constrangido por nenhuma regra a não ser a liberdade, ele tem sua máxima expressão. Embebido pela continuidade do que já sabemos e vivificado pela espontaneidade imaginativa, o processo abduutivo nos leva a uma melhor compreensão do mundo e de nós mesmos. A abdução, que nasce do jogo livre das ideias, pode ver-se precisamente como um esforço imaginativo, construtivo, não constrangido nem, tampouco, puramente espontâneo da racionalidade humana.

### **3.5 – Abdução, criatividade e inteligibilidade**

Como já vimos, a abdução surge quando algo nos surpreende, quando nossas

---

<sup>212</sup> CP 1.46

expectativas em relação a algo familiar são quebradas, ainda que não sejamos completamente conscientes disso. Isso nos chama atenção para dois aspectos importantes desse tipo de raciocínio: a continuidade da ideia nova com nossas experiências anteriores - não existe novidade absoluta - e a abertura ao exterior para deixarmos nos surpreender pelas possibilidades deixando que o mundo floresça em nós de maneira razoável – esses aspectos conjugados conferem inteligibilidade a hipótese. Somos capazes de entender a ideia nova porque ela não é completo novo – que atropela tudo que já foi – mas porque ela é infinitesimalmente nova, inserida no fluxo *sinequista* inerente ao pensamento.

Voltamo-nos até as memórias dos fatos observados; nos esforçamos por reordena-los, por vê-los desde uma perspectiva nova tal que a experiência inesperada não apareça mais como surpreendente. Isto é o que chamamos de explica-la, que sempre consiste em supor que os fatos surpreendentes que observamos são só uma parte de um sistema mais amplo de fatos, cuja outra parte ainda não entrou no campo de nossa experiência, sistema mais amplo que, tomado em sua totalidade, apresentaria um certo caráter de razoabilidade, que nos inclina a aceitar a conjectura como verdadeira ou provável.<sup>213</sup>

Dessa maneira descobrir é uma atividade criativa. Somos levados a problematizar a dúvida através da inquirição e procurar entender o que nos surpreende, fazendo inteligível uma ideia nova. O processo abduutivo, que é um processo criativo é um movimento para tornar nossa vivência razoável.

O tipo mais elevado de síntese é aquela que a mente é compelida a realizar não pelas atrações interiores dos próprios sentimentos ou representações, nem por uma força transcendental de necessidade, mas sim, no interesse da inteligibilidade, isto é, no interesse do próprio ‘Eu penso’ sintetizador; e isto a mente faz através da introdução de uma ideia que não está contida nos dados e que produz conexões que estes dados, de outro modo, não teriam.<sup>214</sup>

---

<sup>213</sup> BARRENA, 2003 p. 153

<sup>214</sup> PEIRCE, 2005, p. 17

Ao contrário do que muitas vezes se tem falado, a criatividade não é um evento, um momento específico que tem como fruto uma obra genial, ou uma teoria científica nunca antes pensada, senão que é, sobretudo, ação. A atitude criativa está encarnada na abdução e faz parte do modo de ser do ser humano, sempre aberto, contínuo e incompleto, capaz de crescer e conhecer ilimitadamente. A ação criativa é a ação do conhecimento e se dá em todos os aspectos de nossa vida, em cada passo. Assim, como nos diz Barrena,

a criatividade é para mim uma propriedade intrínseca desse modo de funcionar da razão, de sua capacidade de dar um salto, de produzir desenvolvimento e crescimento, e não do resultado exterior, ainda que em ocasiões esse salto se faça de forma mais ou menos mecânica quando a explicação já é conhecida e nos encontramos só diante um novo caso de sua aplicação<sup>215</sup>

A criatividade é este processo abduutivo onde se busca conhecer algo que ainda é desconhecido, é um processo de descobrimento. Alice, se volta até as recordações dos fatos que observou, se esforça por reordena-los, por vê-los desde uma perspectiva nova tal que a experiência inesperada não apareça mais como surpreendente<sup>216</sup>. A Abdução dá liberdade para que Alice explique, ainda que provisoriamente, de maneira razoável o que é aparentemente –e por enquanto– inexplicável. “Todo processo de descobrimento criativo se produz através da abdução, que concede ao sujeito um máximo de liberdade para explicar verossimilmente o inexplicável, sem mais limite que a imaginação.”<sup>217</sup>

Alice experimenta o País das Maravilhas inferencialmente, assim a abdução se manifesta no seu modo de ser. Toda sua experiência, *musement*, imaginação – todo seu

---

<sup>215</sup> BARRENA, 2007 p. 91

<sup>216</sup> CP 7.36

<sup>217</sup> BARRENA, 2007 p. 222

processo abdutivo – perseguem um ideal de tornar razoável a situação que vivencia.

Tentaremos entender o que é esse ideal, chamado por Peirce de razoabilidade.<sup>218</sup>

---

<sup>218</sup> Reasonableness



## CAPÍTULO 4 – Alice e o ideal de razoabilidade

No capítulo anterior, procuramos entender o processo lógico-abdutivo que, nascido junto a experiência e consequência do singular jogo do *usement*, torna possível o conhecimento e manifesta uma razão integradora que engloba diferentes dimensões do ser e, em razão disso, a imaginação ocupa um lugar central na racionalidade: é onde o nosso pensamento tem lugar. O ser humano manifesta na abdução sua unidade e incompletude a fim de entender uma situação, o mundo e a si mesmo.

A abdução é uma processualidade que parte do desentendimento, de uma situação de incompreensão que a princípio não tem nenhuma explicação ou teoria a vista, mas é motivada por um fim, pela ideia de que se pode conhecer, de que existe e precisamos de uma explicação para os fatos surpreendentes. O propósito do pensamento é tornar as coisas inteligíveis. A abdução persegue uma teoria, junta as ideias, imagina, sente e intui a fim de tornar a experiência razoável, trabalha em interesse de alcançar inteligibilidade. O ser humano é capaz de exercer controle sobre si mesmo através do desenvolvimento de hábitos, e esse auto controle se faz em referencia a ideia de tornar as coisas razoáveis, comparando nossas ações com um ideal: a razoabilidade<sup>219</sup>.

Neste capítulo, tentaremos entender o que é esse ideal e como à luz dele podemos pensar o processo lógico-abdutivo de Alice. O processo de descoberta de mundo, assim como as descobertas de Alice, é um processo vivo. Toda descoberta é viva. É na atividade de

---

<sup>219</sup> Peirce (CP 1.474) nos chama atenção para que não se confunda um ideal de conduta com um motivo para a ação. Toda ação é motivada, mas um ideal faz referencia a uma linha de conduta deliberada, ou seja onde cada ação ou cada ação importante é revista pelo autor e seu julgamento determinará se sua conduta futura será ou não como essa. A conduta deliberada, é passível de uma auto crítica da qual se seguirá uma resolução mais ou menos consciente que estimulará a formação de um hábito. O ideal de conduta é atraído após a revisão, poderá ou não modificar uma ação futura, mas não será a causa dessa ação. O ideal de razoabilidade vai encarnando-se através de nossas ações.

conhecer que exercemos toda nossa liberdade. No ultimo tópico tentaremos entender melhor como a atividade abdutiva pode ser um processo lúdico, sempre em desenvolvimento, que nos permite vivenciar a dúvida e jogar com as possibilidades de maneira criativa. Conhecer o mundo é criar, fazendo a cada passo uma abdução, prosseguindo na semiose infinita em busca de razoabilidade.

#### 4.1 – O ideal de Razoabilidade

O homem pode, ou se desejam, está obrigado a fazer sua vida mais razoável. Que outra ideia distinta a essa, gostaria de saber, pode se atribuir a palavra liberdade?<sup>220</sup>

Longe da visão dos racionalistas, Peirce integra à razão, como já vimos, outras dimensões do ser humano, como a imaginação, o sentimento e o instinto. Diferente da noção moderna, a razão peirceana não é aquilo que está fechado no homem, algo excludente que chega a verdade sob a luz de uma intuição pura, clara e infalível, mas é um ideal em desenvolvimento que está em algum sentido presente, mas em outro sentido é futuro: “a racionalidade do pensamento reside em sua referencia a um futuro possível”<sup>221</sup>. É um ideal que nos permite orientar nossas ações futuras e portanto nossa vida. “Assim, seres racionais significa seres criativos, em crescimento, que buscam expandir as ideias”<sup>222</sup>, desenvolvendo hábitos que nos ajudam a entender o mundo e a nós mesmos, “viver e comunicar-se melhor”<sup>223</sup>. A razão se caracteriza pela sua relação com os fins e portanto não pode ser uma

---

<sup>220</sup> PEIRCE, C. S. *Qué hace sólido un razonamiento?*, 1903. Traducción castellana de Sara Barrena. In *Utopía y Praxis Latinoamericana* 40 (2008), pp. 111-125 Disp. em / Acesso em: 25/11/2011

<<http://www.unav.es/gep/RazonamientoSolidoUtopia.html>>

<sup>221</sup> **PEIRCE, C. S. Que la significación del pensamiento reside en su referencia al futuro, 1873 Traducción castellana . Juan Pablo Serra. Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/SignificacionPensamiento.html>> Acesso:25/11/11**

<sup>222</sup> BARRENA, 2007 p.240

<sup>223</sup> Ibid. p. 240

faculdade imóvel e trancada na mente, mas deve ser dinâmica e manifesta em relação ao mundo. A ideia de razoabilidade, presente no pensamento peirceano, é vista como a capacidade e o objetivo do ser humano de introduzir nova inteligibilidade no mundo “de dar sentido e tratar de fazer razoável sua própria vida e ao seu redor”<sup>224</sup>.

Esta peculiar ideia de razão como algo em desenvolvimento supõe uma mudança na concepção do ser humano, pois este já não é um ser que possui uma razão, mas algo aberto que busca um fim, essa perspectiva permite superar as limitações e cisões do racionalismo<sup>225</sup>

A razoabilidade de Peirce, esse ideal que vai se encarnando através da ação do ser humano no mundo, não só rechaça mas, sobretudo, amplia a visão moderna de razão. Diante desse ideal podemos entender melhor a unidade das dimensões do ser humano e sua continuidade com o mundo. Para desenvolver-se, a razoabilidade envolve nossa imaginação, nossos sentimentos e nosso instinto, pressupõe nossa abertura e nossa ação criativa através da abdução, confere unidade aos distintos níveis da subjetividade humana que se manifestam através desse ideal de tornar razoável o nosso pensamento, nossa personalidade e o mundo que nos cerca. As diferentes esferas da subjetividade se integram na busca da Razoabilidade.

Peirce considera que a razoabilidade é o fim último, o ideal que todos devem buscar e desenvolver, um ideal que cresce em cada pessoa, que se encarna através de hábitos e em interconexão com os diferentes níveis da subjetividade humana. Na essência do ser humano está a razão entendida nesse sentido peculiar, como fim, como algo que tem que ser aumentado, como o ideal que temos de amar e buscar.<sup>226</sup>

Sara Barrena<sup>227</sup> caracteriza a Razoabilidade como razão criativa, considerando, assim, o homem como criador que tem a potencia e a finalidade de introduzir nova

---

<sup>224</sup> Ibid. p. 240

<sup>225</sup> Ibid. p. 240

<sup>226</sup> BARRENA, 2003 p. 372

<sup>227</sup> BARRENA, 2007.

inteligibilidade, dar sentido a suas descobertas e consequentemente a sua própria vida. Uma capacidade e um ideal que se manifesta e se atualiza através da abdução e do pragmaticismo, se efetivando em nossas ações de modo criativo. É um movimento que parte da experiência e na continuidade do pensamento, considerando as estruturas imaginativas, volta à experiência em forma de ação.

#### **4.2 – Abdução e Razoabilidade**

Ao admitir descoberta como um processo lógico, efetivado pela inferência abductiva e considerar que a questão da lógica da abdução é a questão de seu pragmatismo, devemos notar que Peirce considera a lógica em um sentido muito mais amplo do que entendem os racionalistas. A lógica dedutiva não é a lógica da liberdade e da possibilidade<sup>228</sup>, tão menos a da novidade e da descoberta. O processo abductivo é, para Peirce, decisivo na busca da razoabilidade. Isso evidencia que, apesar da mente altamente científica de Peirce, há em sua noção de razão elementos que não são estritamente lógicos e racionais no sentido moderno, mas “que tem a ver com a imaginação e com a possibilidade no âmbito da ação e que podem conjugar-se com o razoável como fim.”<sup>229</sup>

A lógica abductiva permite avançar no conhecimento da natureza – ter algo novo, aumentando a inteligibilidade do mundo que nos cerca – mas, por isso, engloba uma lógica muito mais ampla do que concebia o racionalismo. “A aceitação da abdução como operação lógica supõe admitir que há uma operação lógica cujo resultado é só provável, e que inclusive pode ser equivocado”<sup>230</sup> entretanto, é a única operação capaz de dar conta da descoberta, da novidade, de dar um passo em direção ao que ainda não conhecemos para torna-lo razoável.

“Aparece aqui outra característica importante que vai possuir a nova noção de

---

<sup>228</sup> CP 6.219

<sup>229</sup> BARRENA, 2003 p. 376

<sup>230</sup> BARRENA, 2007 p. 244

razoabilidade: admite o erro e a dúvida, mas exige sempre trabalho e a continuidade.”<sup>231</sup> O processo abduativo e a aceitação do falibilismo que essa operação acarreta é nossa oportunidade de se aperfeiçoar, de ir adiante na estrada infinita da semiose, assumindo nossas incertezas, ultrapassando as determinações e assumindo o caráter evolutivo do universo que pressupõe uma inteligibilidade crescente e autocorrigível.

O mais inseguro dos raciocínios é também o mais fértil, o mais fraco é também o mais decisivo. A abdução, de certa forma, é a base de todo nosso conhecimento e contribui para seguirmos em frente no ideal de razoabilidade do universo: dá lugar a uma explicação razoável<sup>232</sup>. É uma inferência no sentido que é operada através de signos, mas não está constrangida por leis ou regras lógicas senão que nasce de um jogo sem regras, a regra da abdução é a regra da liberdade. A potência do mundo se tornar razoável, encarnada no processo abduativo, nos possibilita entender a razão peirceana como uma atividade sempre em desenvolvimento, de caráter dinâmico e processual e que engloba, assim como abdução, essencialmente um elemento *senrazão*, mas capaz de fazer-se razoável.

É possível que a razoabilidade requeira essencialmente um elemento *senrazão* [unreason], de força bruta, sobre a qual e com a qual possa se levar a cabo; mas nesse caso esperamos que essa *senrazão* possa fazer-se capaz de ser imbuída de razão. Não deve haver nada irremediável e finalmente não razoável, ou senão a filosofia não teria propósito e sua esperança seria vã.<sup>233</sup>

Perseguindo e encarnando um ideal de razoabilidade, a abdução resulta um pouco misteriosa: é a linha pouco clara e contínua entre o que não conhecemos e passamos a

---

<sup>231</sup> BARRENA, 2003 p. 380

<sup>232</sup> Ibid. p. 378

<sup>233</sup> PEIRCE apud NUBIOLA, *La razonabilidad de Peirce*, 2008 III Jornadas “Peirce en Argentina”. Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/IIIPeirceArgentinaNubiola.html>> Acesso em: 25/11/2011 – Interessante observar que, essa citação de 1899, de acordo com as pesquisas de Nubiola, é a primeira aparição do termo razoabilidade em Peirce.

conhecer, entre o azar e a espontaneidade, entre o determinado e o possível. Regida pela lei da mente – o princípio *sinequista* – é através de inferências abduativas que a evolução, a mudança e a novidade se tornam razoáveis. Esse apetitoso mistério pode, inclusive, parecer paradoxal se não superarmos o pensamento dualista com o qual seria impossível conjugar, como conjuga o processo abduativo, a razão e o sentimento recuperando a unidade do ser humano em plena inerência com o mundo e articulação com sua experiência vital no universo. A noção integradora de razão de Peirce, permite-nos entender porque não é controverso que o erro, dúvida e nossa incompletude possam ser exatamente o que nos incita a conhecer e aperfeiçoar sempre nosso conhecimento. Mas não é também a fome que nos move atrás de alimento?

A busca por tornar razoável nosso mundo é uma busca viva e por isso é manifesta em um processo livre, como é a abdução. Vivemos um ideal de razoabilidade: não compreendemos e por isso vivemos em busca de compreender. No entanto, se compreendêssemos tudo, de modo que nada mais possa ser descoberto e nenhuma descoberta pudesse ser aperfeiçoada, morreríamos daquilo que nos mantém vivos. Por isso compreender é uma coragem, é a coragem de ser livre sob a condição de uma completude inerentemente irrealizável, de perder o medo de fantasiar e falhar. Vivemos com medo do delírio e do erro, no entanto não é precisamente o erro e o delírio que nos fazem essencialmente humanos, livremente vivos e pensantes?

Meu erro, no entanto, devia ser o caminho de uma verdade: pois só quando erro é que saio do que conheço e do que entendo. Se a verdade fosse aquilo que posso entender, terminaria sendo apenas uma verdade pequena, do meu tamanho<sup>234</sup>

Nossa incompletude é nosso motor, esse estado de incipiência encarnado constantemente pelo processo lógico abduativo é a inauguração de um pensamento que, por ser movido pela razoabilidade - que enquanto ideal, nunca pode estar completamente perfeita e

---

<sup>234</sup> LISPECTOR, 2009 p.109 e 110.

definitivamente encarnada - e na sua incompletude assume sua disposição ao constante e sempre possível crescimento. O conhecimento não é um ponto de partida nem chegada mas travessia, desenvolvimento: encarnando razoabilidade prosseguimos na infinita e dinâmica semiose.

Assim, então, a essência da Razão é tal que seu ser nunca pode ter chegado a completa perfeição. Sempre deve estar em um estado de incipiência, de crescimento. É como o caráter de um homem, que consiste nas ideias que conceberá e nos esforços que realizará e que só se desenvolve a medida que surgem as ocasiões. Contudo, nenhum filho de Adão já manifestou completamente o que havia em si. De modo que, então, o desenvolvimento da Razão requer como uma parte dele, a ocorrência de mais eventos individuais que podem alguma vez acontecer. Requer também todo o colorido de todas as qualidades de sensação, incluindo o prazer em seu lugar apropriado entre o resto. Este desenvolvimento da Razão consiste, como se observará, em encarnação, isto é, em manifestação. A criação do universo, não teve lugar em uma certa semana movimentada no ano de 4004 a.C., senão que está sucedendo hoje e nunca estará acabada, é este mesmo o desenvolvimento da Razão. Não vejo como alguém pode ter um ideal mais satisfatório do admirável que o desenvolvimento da Razão assim entendido. A única coisa cuja admirabilidade não é devida a uma Razão subsequente é a Razão em si mesma compreendida em sua plenitude, ao passo que nós podemos abarca-la. Sob essa concepção, o ideal de conduta será executar nossa pequena função na operação da criação dando uma mão para tornar o mundo mais razoável na medida que, como se diz coloquialmente, ‘depende de nós’ faze-lo.<sup>235</sup>

Nessa extensa citação de Peirce, podemos reconhecer que a razão está sempre em desenvolvimento em um processo infinito no qual a semiose vai adiante. É a potencialidade criadora do homem, que torna o universo inteligível e sempre em crescimento. Conhecemos o mundo e a nós mesmos através de sucessivos passos abduativos, visando ou revisando sempre

---

<sup>235</sup> PEIRCE, 1903

nosso ideal de tornar o que nos cerca razoável. Este processo não é um trabalho que o homem se sente para fazer e logo termine<sup>236</sup>, mas uma um caminho que continuará enquanto houver vida no universo, sendo uma contínua evolução que se desenvolve e se manifesta na própria vida. Enquanto tiver um único homem sobre a terra, a experiência proporcionará continuamente situações mais ou menos surpreendentes que nos mova em direção a esse ideal.

É em busca de razoabilidade, e não de um coelho branco de relógios, que Alice se entrega a descoberta e mergulha na toca que a leva a um país surpreendente. É também a surpresa que inaugura o pensamento da menina, no exercício do processo lógico-abdutivo pelo qual ela combina diferentes componentes de sua experiência, conhecimento e imaginação de maneira criativa a fim de tornar razoável o extraordinário País das Maravilhas que é o universo. Sem constranger a razão com regras imóveis, a descida pela toca do colho é acompanhada por uma nova forma de entender o mundo e entender a si mesma.

Tal qual um país de maravilhas, o universo sempre nos convidará, através da experiência, a exercitar nosso pensamento, “praticar o imaginário na lúdica tarefa da invenção”<sup>237</sup>, nos levará, movidos por um ideal de razoabilidade, sobre o bote do *usement*, a conjugar no pensamento coisas que jamais colocaríamos juntas e, submersos na processualidade abductiva, a razão nos encorajará reconhecer uma hipótese que é fecunda de explicação, ainda que falível. É também a experiência que, quando de volta ela, conjecturadas as possibilidades e transformadas em ação, vai nos mostrar se esta é satisfatória e se pode, em um futuro provável, orientar nossas ações em situações semelhantes e nos fazer reconhecer, “por momentos, o encanto poético do não”<sup>238</sup> que objeta, que nos mostra falíveis e que

---

<sup>236</sup> CP 1.599

<sup>237</sup> IBRI, Ivo Assad, *O Paciente Objeto da Semiótica*, s/d. Disponível em: <http://www.maiszero.org/downloads/textosanarcosindicais/oPacienteObjetoDaSemióticaIvoIbri.pdf>

Acesso em 25/11/11

<sup>238</sup> Ibid.



reafirma “esta exterioridade sempre desafiadora, que denominamos Mundo, Natureza”<sup>239</sup> nos convidando sedutoramente, mais uma vez à “decifração pela ciência, produção infinita de arte no dizer de Schelling”<sup>240</sup>. Ainda que em passos débeis, a razão sempre se manifestará a favor da inteligibilidade, mostrando que sempre se pode conhecer um pouco mais do universo, não na sua completude, por que ele também está sujeito, tal como nosso conhecimento, a evolução inexorável, e sendo dinâmico, nenhum instante pode abarca-lo totalidade.

Assim também é, pois, nossa personalidade, fecundada pela experiência, tão parte do mundo quanto o que costumamos chamar ordinariamente de mundo, e por ser aberta e manifestante, só se pode reconhecer como um processo sempre em desenvolvimento. Nossa essencial incompletude - que apenas significa dizer que somos ilimitados e propensos ao crescimento infinito - constitui a condição de possibilidade para atuarmos criativamente e tornarmos o mundo mais razoável, esse também é o sentido do que chamamos liberdade.

#### **4.3 – O processo logico-abdutivo de Alice**

Sob a luz da razoabilidade podemos entender melhor o movimento de Alice. Ela não é diferente do filósofo que especula sobre as novas formas de compreender a ordem cósmica ou a nós mesmos, ou do artista que encarna, em sua obra, razoabilidade em um sentimento. A postura de Alice é, de certa maneira uma postura científica, já que ciência, do ponto de vista de Peirce, não é uma mera convenção, mas uma atividade movida pela possibilidade de conhecer a realidade. Quando Alice desce pela toca do coelho ela manifesta sua disposição em penetrar profundamente no mistério que está tentando compreender.

A travessia de Alice, sob a luz do pragmatismo, nos permite pensar no amplo horizonte da investigação e procurar entender os processos efetivos mediante os quais os seres humanos - cientistas, profissionais da lógica, artistas e cidadãos comuns – chega a novas

---

<sup>239</sup> IBRI, Ivo Assad. O Paciente Objeto da Semiótica, s/d.

<sup>240</sup> Ibid.

ideias, a novos conhecimentos<sup>241</sup>. A abdução – o coração das atividades humanas e base do nossa compreensão – é o que permite Alice o descobrimento do País das Maravilhas. O Pragmatismo, como método, “não é uma disciplina de obediência estrita, mas uma orientação geral do pensamento”<sup>242</sup>. A superação dos dualismos e da razão como algo fechado em nossa mente, vai permitir um pensamento que é vivo, e por esse motivo, só poderia efetivamente se manifestar - inaugurar-se- não por regras lógicas ulteriores, mas por uma lei da liberdade.

A razão criativa de Alice é o que a permite entender o mundo que experimenta. Longe de ser uma passagem para outro mundo, a toca do coelho é o início de uma investigação, de uma busca por razoabilidade na qual Alice submerge e se entrega. Nesse processo seu corpo e mente também ficam suscetíveis a mudanças e crescimento, tal qual a lagarta está suscetível a ser borboleta, porque entender o mundo é também uma transformação. Quando compreendemos nos transformamos em alguém que compreende: crescemos. Alice, como todo ser racional, está inclinada por natureza a escapar da dúvida e alcançar um estado confortável de crença, sua travessia é a inquirição, que move Alice em busca pela razoabilidade.

Por ter descido pela toca, sua experiência parece estar menos constrangida pela familiaridade e por condutas prévias de ação, de maneira que Alice se encontra absorta em um intenso exercício do pensar, que não é senão tentar compreender. Não estar constrangida, ou estar menos constrangida e exposta a surpresas aviva a busca pela razoabilidade através do *musément*, inaugurando o processo abdutivo.

A queda de Alice é uma queda livre. A toca é na verdade a via de entrada para o pensamento. Alice entra para o jogo do *musément*, onde exerce toda sua abertura e inclinação

---

<sup>241</sup> NUBIOLA, J. “La abducción o lógica de la sorpresa”, 2001. Razón y palabra, 21 Disp. em <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n21/21jnubiola.html>> Acesso em: 25/11/2011

<sup>242</sup> NUBIOLA, J. *Charles S. Peirce y Richard Rorty: Pragmatismos y razonabilidad*. 2010. Al hilo del Pragmatismo: Jornadas de Trabajo, Universidad de Alcalá.

ao crescimento: cair é abrir-se para a experiência, não é só a via de entrada para o País das Maravilhas, mas também abertura pela qual esse país entra nela. É o início de um processo de descoberta.

Justamente por não saber onde vai chegar, a única saída é seguir, ou cair, livremente. Alice ganha, por sua própria coragem de se entregar a queda, liberdade, abrindo a possibilidade de tornar compreensível aquele país tão estrangeiro onde, mais do que em qualquer outro lugar, precisa abandonar velhos hábitos para dar lugar a outros que a permitirão entender sua experiência. Alice se atira toda em direção a dúvida, se entrega ao mistério do desconhecido que é, também, a possibilidade de conhecer. Desconhecer não a impede, mas a ultrapassa, transcende a determinação e cria o novo.

Alice teve bastante tempo de olhar ao redor enquanto caía, se deixando guiar passivamente através do que não conhecia e em direção ao que não conhecia. A menina olha para as paredes do poço cobertas de guarda louças, prateleiras de livros, mapas, desenhos pendurados e até um pote vazio de geleia de laranja – objetos todos do mais simples e banal reconhecimento, ordinários, mas que no entanto, ainda que dispostos desorganizadamente na queda, não caíam com ela e não pareciam sujeitos a lei que, tal qual a gravidade, a fazia cair. Logo sua observação se converte em meditação, uma meditação que a permite ver, ainda que não claramente, o que prescinde o pensamento. Não era uma visão alucinatória – assim como não é alucinatório pensar que a lua, com sua superfície aparentemente pétrea pode estar sujeita a atração da terra tal qual uma pedra ou bem como um microscópio que aumenta cento e sessenta mil vezes um objeto, e ainda que não se reconheça por estar monstruosamente grande, a visão apresentada não é um desvario.

Com os olhos abertos, Alice desperta o que está ao redor e dentro dela e, em um diálogo consigo mesma, calcula desordenadamente a queda, “gostaria de saber quantos

quilômetros já caí a essa altura’ disse em voz alta”<sup>243</sup>, “devo estar chegando perto do centro da terra”<sup>244</sup>, “e se eu atravessar a terra inteira!”<sup>245</sup>. Maravilhosamente, seguindo a única regra do jogo do *usement*, Alice deixava que o mundo inteiro a atravessasse. É uma *muser* que, caindo, aprecia bem, em sua amplitude e profundidade, a indizível variedade de fenômenos daquele universo e, mais do que uma atenção passiva ao que se passava na queda, era todo o processo de queda que nela, inaugurava o pensamento. A queda era o único caminho que se impunha para o descobrimento, o caminho da liberdade.

Sem complicar o reconhecimento daquela terra estrangeira com restrições, Alice, caindo de um modo bastante passivo e calmo, bebendo da impressão que tinha daquele lugar, é inerente a queda e ao mundo a que foi arremessada. A situação era irremediável. “A toca continuava reta como um túnel por algum tempo e depois afundava de repente, tão de repente que Alice não teve como pensar em parar antes de começar a cair”<sup>246</sup>. Não foi um passo completamente voluntário descer pela toca da dúvida, foi provocado por uma surpresa, e ninguém se surpreende voluntariamente.

“O detonante de qualquer genuína investigação é a surpresa. Não é a simples admiração que nos move a investigar, mas aquela que nos surpreende e que demanda nossa compreensão.”<sup>247</sup> A surpresa nasce da ruptura de um hábito, com um novo fenômeno que viola algum tipo de expectativa. O coelho é o tiro de largada de Alice em sua corrida atrás de razoabilidade. É interessante apontar que a travessia no País das Maravilhas não é uma investigação estritamente lógica que leva a uma conclusão final racional - aos moldes dos racionalistas- mas um movimento que se engloba em algo mais amplo, a inquirição. Não é uma busca de certezas incorrigíveis, mas uma procura por uma compreensão razoável.

---

<sup>243</sup> CARROL, 1998 p. 14

<sup>244</sup> *ibid.* p. 14

<sup>245</sup> *ibid.* p. 14

<sup>246</sup> *Ibid.* p. 12 e 13

<sup>247</sup> NUBIOLA, 2001.

A travessia de Alice é um processo abduativo. Ela passa a viver um mundo de possibilidades. A surpresa e a instauração da dúvida são a via de entrada que inaugura a ação de pensar, inicia o exercício abduativo das tentativas. Filosofia é tentativa, a tentativa de formar uma concepção geral e informada sobre o todo <sup>248</sup>. É porque o entendimento escapa de Alice que o pensamento dela vive e manifesta a atividade humana de conhecer. Essa busca é sempre enriquecedora, ainda que se levante hipóteses falhas, porque conhecer é um aperfeiçoamento. E sendo o conhecimento um atributo humano ele manifesta a característica mais irredutível do homem: sua falibilidade, *Errare hominum*<sup>249</sup>.

Alice conhece o mundo em um processo contínuo de inferência que, assim como a criatividade, não é um ato pontual seguido de um grito de Eureka!, senão uma conjectura que se desenvolve processualmente, continuamente e em busca de um ideal que é a razoabilidade. Alice manifesta, tal qual a atividade científica pragmatista, um conhecimento vivo, capaz de se aperfeiçoar através de tentativa e erro. Peirce era um falibilista e como tal acreditava que “todo logro científico está siempre abierto a posteriores refutaciones”<sup>250</sup>, assim, cada vez que nos arrebate uma dúvida real devemos caminhar em uma forma de compreendê-la, estando dispostos, como está Alice a abandonar suas crenças e fazer novas suposições, ainda que estas sejam, também, sujeitas a falha.

A dúvida e o erro são as chaves que permitirão Alice destrancar algumas das portas da possibilidade e dar chance ao entendimento. O erro, ao qual está sujeita toda conjectura pela qual Alice tenta entender, tem um efeito positivo para o aperfeiçoamento porque, admitindo ele, admitimos também a possibilidade de correção, que nos faz seguir adiante no ideal de razoabilidade sem ter que colocar tudo que conhecemos por terra, mas pelo contrário, dentro do contínuo do nosso conhecimento reconhece, como faz Alice, o valor e a fertilidade da

---

<sup>248</sup> CP 7.579

<sup>249</sup> NUBIOLA, 2010.

<sup>250</sup> NUBIOLA, 2010

tentativa.

Assim, quando a menina desce pela toca, ela está imbuída de uma coragem de, tal qual o homem da ciência, abandonar e aperfeiçoar uma ou todas suas crenças sempre que sua experiência se oponha a elas<sup>251</sup>. É por esse motivo que a toca é uma via de entrada cuja saída, se houver, não é um fim definitivo, certo e incorrigível, mas um ideal que nos move. Alice, mesmo que se suponha que foi um sonho, não volta nunca ao mesmo ponto de onde saiu, ela está em um fluxo evolutivo pois, sendo viva, ela não é estática e determinada. Alice, como nós e o universo, é um ser crescente. Nesse sentido, ela não sai nunca da toca da semiose, mas entra justamente num caminho de aperfeiçoamento do entendimento onde ela está, estava e estará.

#### 4.4 – Razoabilidade, uma busca lúdica

O livre jogo do *usement*, inserido em um jogo maior, o das possibilidades abduativas, ilustrados por uma aventura de uma menina curiosa me faz refletir quão lúdico é o ato de conhecer – não só pelo jogo, mas também pela espontaneidade e pelo exercício do plano da imaginação que dá capacidade de fantasiar situações diversas, representar papéis e, bem como faz Alice, conversar com ela mesma e ouvir histórias. Como poderia Alice, não fosse por uma razão integradora e sempre em desenvolvimento, entender as histórias da tartaruga falsa, desafiar a autoridade<sup>252</sup> da rainha e aceitar sua continua transformação? Nesse jogo, sua razão criativa, a partir do fluxo do que já conhece e da experiência que vivencia elabora suas

---

<sup>251</sup> CP 1.635

<sup>252</sup> Este é um ponto interessante. A rainha de Copas adota uma postura que se assemelha ao método da autoridade, descrito por Peirce em *A Fixação da Crença*, mandando cortar as cabeças dos súditos que a contrariasse. Alice, adota de certa maneira uma postura científica ao desafiar a Rainha no julgamento sobre o caso das tortas. (“Quem roubou as tortas” e “O depoimento de Alice” correspondem ao Capítulo XI e XII do livro de Carroll)

possibilidades e conjecturas para um entendimento de uma situação que é nova e precisa ser compreendida.

É uma atividade lúdica porque não importa só o resultado, mas sobretudo o movimento vivo do conhecimento. Alice mostra que conhecer é um jogo criativo com o mundo que a afasta de um ser imóvel e fechado em si mesmo e que permite superar as consequências do isolamento do eu. Ao se apresentar como um signo, Alice se manifesta aberta e, em um exercício divertido do pensamento, experimenta todas as coisas promovendo encontros e variações, conjugando regularidade, multiplicidade e novidade em interesse da inteligibilidade. Inserida dentro do fluxo da lei da mente e manifestando sua essencial incompletude, Alice é uma força viva no presente manifestando a liberdade de descobrir o mundo através de sua experiência. Lúdico é o processo de conhecimento que, imbuído dessa liberdade, inventa maneiras, cria conjecturas e promove razoabilidade.

A razão criativa que move Alice ao entendimento pertence a todos os âmbitos da vida, não há limitação. O Pragmatismo de Peirce aponta um caminho para uma razão dinâmica e evolutiva onde o homem pode construir novas perspectivas de tornar o mundo razoável. A razoabilidade constitui um ideal supremo e valioso que manifesta uma visão integradora da relação do homem com o mundo e entende que a razão não é um atributo fechado no homem, mas uma atividade humana verdadeiramente livre.

Alice em sua experiência sensível, conhece o País das Maravilhas de várias formas, como uma criança que em contato com um objeto novo não hesita em colocar a língua para sentir seu gosto. Atua de forma lúdica, no âmbito das amplas possibilidades, em uma intertroca constante e fluida que integra todas as dimensões do seu ser, tentando, abduzindo, sintetizando a lição que o País das Maravilhas e o universo nos permite aprender, enriquecendo e aprimorando seu conhecimento em um ideal de razoabilidade.

Me agrada, inclusive, que Alice seja uma criança, pela disposição de curiosidade e observação. Nunca satisfeita com as respostas que lhe dão prontas, a criança está sempre

faminta pra experimentar e investigar as provocações do universo. Sempre pronta pra maravilhar-se com o novo – embora não cegamente – se expõe a qualquer perigo pela vontade de conhecer. Alice, descendo pela toca do coelho, mergulha com todo seu ser e penetra, literalmente, na experiência mesma. Como uma menina que, querendo conhecer a lama, jamais teria medo de se sujar, ou como Galileu, que como diz a lenda, querendo conhecer o sol, não teve medo de se cegar.

Uma criança nunca está satisfeita com respostas prontas. As coisas não a convencem com facilidade, não se esgotam nunca as perguntas porque não se esgotam as possibilidades. O mundo, pra criança, é um objeto como outro e vira um brinquedo, ou como para Peirce, um grande laboratório de descobertas, nunca se esgota o conhecimento possível acerca dele, em outras palavras, sempre demanda razoabilidade. Não é propriamente a idade de Alice, mas sua postura diante o País das Maravilhas - uma manifestação do seu ser criança - que permite que ela experimente e entenda o mundo fora das jaulas da atuação mecânica e engessada de como as coisas devem ser pensadas.

Falar desse ‘ser criança’ não significa infantilizar-se, mas manter viva a curiosidade e a ânsia por crescimento, estando sempre flexível e suscetível ao erro e ao descobrimento. Nenhuma regra ou lei condiciona a pergunta da criança, tampouco as tantas possibilidades de respostas. Assim como, nenhuma regra ou lei pode limitar ou tonar inadmissível qualquer hipótese abdutiva. Como diz Bachelard, “aceder a ciência é rejuvenescer espiritualmente.”<sup>253</sup> Não se freia facilmente o crescimento de uma criança, pois sua condição de aprendiz é a sua liberdade, por compreender que não compreende, nunca acha que sabe o suficiente. Tampouco seu conhecer se limita a cartilha escolar. Toda criança tem como professor o mundo em que vive, assim como todo ser humano tem, também, a experiência como sua única maestra.

---

<sup>253</sup> BACHELARD, 1996. p. 18



Aqueles que abandonaram completamente a juventude por uma vida totalmente adulta e monótona, convencidos de que a curiosidade matou o gato e de que a imaginação é tarefa de desatarefados, recuam diante qualquer possibilidade de transformação para proteger sua cabeça feita, mas “uma cabeça feita é, infelizmente, uma cabeça fechada”<sup>254</sup>. A criança sabe que não está pronta e da maneira mais inocente e tranquila aceita sua condição de incompletude que é também sua liberdade. Alice sabe que, nem ela nem o mundo estão terminados, mas que estão sujeitos a mudança tanto quanto estão sujeitos ao crescimento, assim descobre o País das Maravilhas como uma desbravadora. Desbrava, quebrando a braveza do imóvel e incorrigível, percorrendo um terreno que é sempre inesgotável e fecundo, como é a semiose. Possibilitando o conhecimento que não é aquisição, mas conquista.

São os grandes homens ora geniais, ora infantis, sempre incompletos. Consideremos que, ainda mesmo concedendo saia o gênio, submetido ao contraste da observação, isento de qualquer erro, tudo quanto tem descoberto em um domínio dado é quase nada em paralelo com o que deixa por descobrir. Brinda-nos a todos a Natureza com uma fortuna inesgotável, e não temos motivos para invejar os que nos precederam, nem exclamar, como Alexandre diante das vitórias de Felipe: ‘Meu pai nada vai me deixar para conquistar’<sup>255</sup>

Através de sua coragem e abertura, Alice descobre os segredos do desconhecido País das Maravilhas. É na dúvida que nasce a divertida inquirição onde, com uma atitude abduativa, ela está sempre tentando entender. Não há um ponto final para esse entendimento, o jogo da descoberta nunca acaba embora tenha ganhador: a razoabilidade. Como no exemplo de Peirce sobre os professores de lógica e o aluno atordoado, apresentado no primeiro capítulo, é

---

<sup>254</sup> BACHELARD, 1996, p.18

<sup>255</sup> RAMÓN Y CAJAL, S. *Preocupações do principiante. In: Regras e conselhos sobre a investigação científica.* SP: USP, 1979 [1920]; p.9 e 10

preciso, antes de se familiarizar com o resultado olhar para o raciocínio, antes de matar a jiboia com um chapéu, deixar viver a experiência.

Não se cala a dúvida com uma resposta pronta, é preciso inaugurar nosso pensamento, entender nossa incompreensão. No jogo lúdico do qual nasce o conhecimento, não corremos nunca o risco de perder. Nesse precioso impasse que o aluno se encontra, neste misterioso obstáculo da dúvida, diante um mundo de possibilidades, corremos criativamente atrás de um coelho branco chamado razoabilidade. Criar compreensão é uma transformação. Em Peirce encontramos uma racionalidade que engloba o ser humano universalmente, a lógica abdutiva nos ajuda entender que o conhecimento decorre de um processo lógico contínuo do qual o confronto com a dúvida e a formação de conjecturas são parte fundamental e inseparável do sentido do que estamos conhecendo. Não se trata de adquirir conhecimento como se fosse uma coisa, mas, inaugurando o pensamento com a experiência, transformar-se em quem compreenda ao mesmo tempo que promove a razoabilidade ao/no mundo, em um desenvolvimento contínuo e infinito, tal qual a semiose.

## CONCLUSÃO

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter a loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.<sup>256</sup>

Esta conclusão deve ser entendida não como desfecho, mas como parte de um processo contínuo de pensamento que não é, aqui, derradeiro. Talvez essa espécie de epílogo não seja a resposta, mas uma melhor formulação da pergunta. Abrir as portas do meu pensamento para Peirce, acredito, é um caminho sem volta, como é a busca pela razoabilidade: o fato de eu não conhecer não quer dizer que seja icognissível, e isso resulta uma perseguição. Por esse motivo Galileu olhou o céu até cegar-se e Kepler – o exemplo favorito de Peirce mesmo tendo vivido 300 anos antes – tentou incansavelmente e com sucesso entender a órbita de Marte. Eles também eram Alice, mantinham vivos o espírito de exploração e a ânsia de entender.

O processo abduativo não só nasce da observação mas, como vimos, é inerente a ela. Não uma observação externa dos fatos como na indução, nem realizada sobre as partes do diagrama como a dedução, mas exatamente por isso, a abdução é a observação realmente sincera. É como um modo de ser imposto a nossas vidas, pois somos levados a estar conscientes por uma força oculta do objeto que contemplamos: o ato de observar é uma entrega deliberada de nós mesmo a uma força maior<sup>257</sup>, a de entender. A rendição que Alice realiza através da abdução é uma rendição a insistência de uma ideia. “It is irresistible; it is

---

<sup>256</sup> LISPECTOR, C. *Não entender*. In: *Aprendendo a Viver*, 2004. Rio de Janeiro: Rocco p. 97

<sup>257</sup> CP 5.581

imperative. We must throw open our gates and admit it at any rate for the time being.”<sup>258</sup>

Ao insistir, essa ideia, através de conjecturas, vai ganhando cores, modificando-se, ampliando-se e corrigindo-se. É assim a investigação de qualquer tipo, tem a potência vital da autocorreção e do crescimento.<sup>259</sup> Motivada pelo desejo de aprender<sup>260</sup> que surge mediante a insatisfação ou instabilidade do conhecimento que já existe, a inquirição é provocada por uma dúvida: Isto não é um cachimbo. E, nos diz Peirce, o que é a dúvida senão, antes de tudo, uma sensação de que não sabemos algo, seguidos de um desejo de saber e um esforço e disposição para nos entregarmos a ela e trabalharmos a fim de entendê-la?<sup>261</sup>

O desejo de aprender está intimamente ligado à instabilidade do que conhecemos e à insatisfação diante nossa condição de entendimento. É por esse motivo que sempre há mais para avançar o pensamento, inaugura-lo para superar os protocolos automáticos e padronizados com os quais pensamos, e questionar o conhecimento acumulado do qual, familiarizados com as respostas, ignoramos qualquer que seja o processo que o originou, basta que tenha resultados. Inaugurar o pensamento é não sacrificar nosso intelecto a favor de um conhecimento que se confunde com manuais e cartilhas e é reduzido ao resultado.

Ah! esses resultados. Como meu próprio pensamento sobre eles me atrapalhou durante o processo. Me esquecia, por vezes, que a parte mais importante desse trabalho não era e, não deveria ser, esse amontoado de palavras, embora reconheça que ele seja parte importante do processo como um todo. Como herdeira, embora não cúmplice, de uma educação para resultados (cujo objetivo era apenas saber quais respostas pré-fabricadas deveria dar nas avaliações) me assombrava sempre que pensava no final da história de Alice: ela acordava. Pois então, por ser só um sonho, a descoberta se esvaía?

---

<sup>258</sup> Ibid.

<sup>259</sup> Ibid.

<sup>260</sup> CP 5.582

<sup>261</sup> CP 5.584

Nas minhas tentativas de organizar o fluxo de pensamento e dar inteligibilidade a essa inquietação a respeito da lógica-abdutiva, que me aparecia como um mistério maravilhoso e, na minha ansiedade de colocar as mãos em alguma coisa da espécie do coelho branco, tanto me perdi como me encontrei, virei criada da minha dúvida, entrei em um estado nervoso, inquieto, perdia e recuperava meu tamanho normal de forma que, quando eu começava a entender, já não entendia claramente nem meu próprio eu. Mas conhecer é uma transformação, e nesse momento conclusivo já não sou a mesma que era no início. Isso demanda também entendimento. Foi então que percebi que eu tinha me tornado Alice, e estava também submersa ao processo contínuo da inquirição. Era exatamente isso que me interessava.

Atinei para o fato de que, por não reificar os resultados, a história de Alice chamava-nos atenção justamente para o processo. O fim mesmo de todo caminho está presente no caminho todo. Era o processo e não o resultado que me interessava. O fato dela estar sonhando não atrapalhava, mas integrava à razão, como em Peirce, todas as dimensões do ser humano. Alice no País das Maravilhas é uma história sobre o desejo de conhecer, sobre a entrega à descoberta. Todo homem que pensa é também um sonhador definitivo, que sofre por não compreender alguma coisa e no entanto, sofreria muito mais se entregasse penosamente seu destino apenas ao que já foi conhecido e nada mais lhe aproovesse conhecer.

Parece-me satisfatório então, que esta conclusão não apresente resultados imóveis e indubitáveis, ainda que reconheça que este processo todo é, de certa forma e em outro sentido, também um resultado – um resultado que não se separa do processo e assim, pode seguir corrigindo-se, aperfeiçoando-se e alimentando meu eu-Alice que não se contenta, que quer conhecer mais ou no mínimo, continuar fazendo perguntas.

Neste momento conclusivo, devo também situar esse trabalho no lugar onde nos encontramos: a Faculdade de Comunicação, em um curso de Audiovisual onde, não poucas vezes, vi – da parte de alunos e de professores – uma preocupação desmedida com a falta de

recursos técnicos como equipamentos de captação, ilhas de edição, etc. e por outro lado, pouquíssima preocupação com a falta de recursos intelectuais. Há, acredito, uma série de motivos para isso que não cabe aqui explorar minuciosamente ficando, então, a provocação.

Há uma separação, que muitas vezes se resulta preconceituosa (de ambos os lados), entre a pesquisa e a produção Audiovisual. Acredito que essa discórdia do fazer e do pensar seja uma herança do pensamento moderno que reifica a razão tornando-a enjaulada e fragmentando as dimensões do ser, procurando verdades imóveis enquanto o fazer (produzir) é resultado de revelações das musas ou processos que, sob o legado cartesiano, parecem ser irracionais. Pergunto-me como um curso tão novo possa ser tão velho de espírito.

Sob a custódia do pensamento moderno, achamos que o processo criativo que envolve um roteiro, um filme ou uma fotografia, não se faz pelas vias da razão, e sob essa sombra distanciamos o pensar, julgamos que entre um artista e um cientista há um abismo. Respalhada por Peirce, estou certa de que não há ruptura mas uma continuidade e por isso, mais semelhanças que diferenças.

Nesse sentido, a razão criativa peirceana tem muito a nos ensinar. Em primeiro lugar porque, sob a luz dela, podemos entender melhor nossa unidade. Somos seres essencialmente racionais e isso significa dizer que pensamos, sentimos, imaginamos e sobretudo criamos. A razão nos é necessária justamente porque nos permite viver tal como somos, em todos os níveis, sendo a base não só da pesquisa, mas também de todo produto Audiovisual.

Em Peirce encontramos uma racionalidade que engloba o ser humano universalmente. A lógica abdutiva nos ajuda a entender que o significado decorre de um processo lógico contínuo do qual o confronto com a dúvida e a formação de conjecturas que favoreçam nosso entendimento são parte fundamental e inseparável do sentido de um produto. A provocação epistêmica que me rebate esse trabalho é que o produto – uma obra, um filme, uma fotografia – decorre também deste processo. Não é um ato pontual, mas um pensamento que se

configura em ato. Dessa maneira, como pode ser possível pensar a criação e ignorar o pensamento?

Superado o dualismo do pensar e fazer, acredito que poucos discordarão que se há um elemento que deva ser pensado neste curso, esse elemento é a criação. Tenho motivos para pensar que a criação é frequentemente vista apenas como resultado e a criatividade como um atributo de produto inusitado. Mas todo resultado é resultado de um processo e, estando dentro de um contínuo, é também um articulador de novos processos. A potencialidade de criar é um processo de pensamento e, dessa forma, incentivar a produção intelectual é também agregar valor a criação. Cabe aqui uma provocação: por criação audiovisual estamos entendendo um pensamento ou um produto?

Percebo que quando se foca muito nos produtos, ao invés do pensamento do qual decorre, somos levados sempre para os mesmos caminhos. Há uma produção excessiva de coisas iguais. Não estou colocando em jogo a qualidade do que é produzido, mas uma coisa maior, a possibilidade de aperfeiçoamento, não apenas técnico, mas criativo. Como vimos no decorrer do trabalho, é preciso manifestar a plasticidade dos nossos hábitos para caminhar para o novo, e só podemos fazer isso racionalmente. Não se pode considerar a criatividade como um ato, pois ela não se manifesta em um filme, mas ao contrário, o filme é uma manifestação do pensamento que resulta em criação.

O que, afinal, nos provoca o cachimbo de Magritte? Não é o caso de pensar se é um cachimbo ou não é, mas quanto isso nos movimenta, nos tira de uma posição confortável para perceber que as coisas não são e não podem ser tão definitivas e tão estáveis como estão. A descoberta e a novidade se tornam razoáveis por um processo lógico e infinito que ocorre dentro da continuidade do pensamento. As coisas não estão dadas nem prontas, é preciso dar abertura para que o pensamento se inaugure. Magritte mostra uma coisa que é e depois afirma que não é. Esse é o desconcerto do pensamento dualista. Não é uma dúvida que existe para ser resolvida, mas para ser problematizada.

Por fim, cabe pensar que o audiovisual – seu produto e sua pesquisa – tem um potencial enorme de subverter caminhos já traçados, de instigar e promover o conhecimento. Não pode ser reduzido, como tenho visto, ao seu produto ou ainda – o que é mais triste – a manejo de tecnologia. Ele deve ser fruto de um pensamento vivo e assim pode ainda mais: frutificar pensamentos. Através de um filme, podemos tornar razoável o País das Maravilhas, conjugar coisas jamais pensadas, deixarmos levar pela imaginação, chegar a novos territórios ganhando-os, assim, para a razoabilidade .

O produto audiovisual, como resultado de um processo, colabora para um mundo mais razoável que se mostra também um pouco mágico: “em lugar de esgotar-se, cresce com cada passo e nos orienta pelos labirintos do inesgotável continuo das possibilidades”<sup>262</sup>. No caminho em que tornamos nossa vida mais inteligível, tornamo-nos igualmente cada vez mais inteligíveis. Se fruto de um pensamento criativo, um filme é um convite a refletirmos como descobrimos e redescobrimos o mundo e quem somos nesse universo que evolui.

Todas essas são provocações que abrem caminhos para novas pesquisas. Nesse sentido, espero que esse trabalho se torne um sedutor convite a inauguração do pensamento *musément* sobre o mundo (e também sobre nosso curso), para transcendermos o comodismo imóvel que não quer ir além da facilidade momentânea das coisas. Um convite para subirmos ao bote do de Peirce, indo das primeiras impressões do sentidos, deixando que a mente vá livre e ultrapasse determinismos, tendo a coragem da dúvida que nos permite avançar o conhecimento, na “solidão científica do coração”<sup>263</sup>. Livremo-nos dos pudores e arrogância (amém!) que são como obstáculos para o conhecimento. Estar vivo é o que nos move a conhecer além do que nos é dado, conquistar conhecimento, ampliar o olhar e ver como são infinitas as possibilidades do mundo e, como Magritte, não se intimidar em duvidar da ordem

---

<sup>262</sup> BARRENA, 2007, p.274

<sup>263</sup> PEIRCE, 1908 in: BARRENA,1996.



das coisas, se perguntar, por exemplo, se é mesmo o pássaro que atravessa o céu ou o céu que atravessa o pássaro.



MAGRITTE, René, L'Oiseau de Ciel, 1966

## Referências Bibliográficas:

ANDACHT, F., Una (Re)visión del mito y de lo imaginário desde la semiótica de C.S. Peirce, 2001. Cuadernos nº 17, FHYCS-UNJu.

ANDACHT, F., *El lugar de la imaginación en la semiótica de C. S. Peirce*, Anuario Filosófico, XXIX/3 (1996), 1265-1289.

APEL, Karl-Otto. *El camino del pensamiento de Charles S. Peirce*. Madrid: Visor, 1997.

BACHELARD, Gaston. *A noção de obstáculo epistemológico*. In: A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996

BARRENA, S.; NUBIOLA, J. *Antropología pragmatista: el ser humano como signo en crecimiento*. Publicado en J. F. Sellés (ed.): *Propuestas antropológicas del siglo XX*, Eunsa, Pamplona, 2007, 39-58. Disp. em:

<<http://www.unav.es/gep/IIPeirceArgentinaBarrenaNubiola.html>> Acesso em 25/11/2011

BARRENA, Sara. *La creatividad en Charles S. Peirce: Abducción y razonabilidad*, 2003. Tesis doctoral, Universidad de Navarra, 2003. Disp. em:

<<http://www.unav.es/gep/TesisDoctorales.html>> Acesso em 25/11/2011

BARRENA, Sara. *La Razón Creativa - Crecimiento y finalidad del ser humano según C. S. Peirce*. Madrid: RIALP, 2007

BARRENA, Sara. *Un argumento olvidado en favor de la realidad de Dios. Introducción, traducción y notas*, Cuadernos de Anuario Filosófico, 1996. Disp. em:

<<http://www.unav.es/gep/TesisDoctorales.html>> Acesso em 25/11/2011

BOUDIEU, P. ; CHAMBOREDON J. e PASSERON, J. *O Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira Petrópolis: Vozes, 2004

CARROL, *Alice in Wonderland*, 1865. BOSON BOOKS - Disp. em:

<<http://www.bosonbooks.com/boson/oldies/Alice.pdf>> Acesso em 25/11/2011

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&MP, 1998

COLAPIETRO, V., *Peirce's Approach to the Self: A Semiotic Perspective on Human Subjectivity*, State University of New York Press, Nova York, 1989.

DESCARTES, R. *Discurso do Método*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960.

GENOVA, Charles S. Peirce: La lógica del descubrimiento, Cuadernos de Anuario Filosófico, Pamplona, 1997. Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/Genova/cua45.html>> Acesso em 25/11/2011

IBRI, Ivo Assad, *O Paciente Objeto da Semiótica*, s/d. Disp. em: <<http://www.maiszero.org/downloads/textosanarcosindicaais/oPacienteObjetoDaSemioticaIvobri.pdf>> Acesso em 25/11/11

LISPECTOR, C. *A Paixão Segundo G.H.*, 2009. Rio de Janeiro: Rocco

LISPECTOR, C: *Aprendendo a Viver*, 2004. Rio de Janeiro: Rocco

NUBIOLA, J. “La abducción o lógica de la sorpresa”, 2001. Razón y palabra, 21 Disp. em <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n21/21jnubiola.html>> Acesso em: 25/11/2011

NUBIOLA, J. *Charles S. Peirce y Richard Rorty: Pragmatismos y razonabilidad*. 2010. Al hilo del Pragmatismo: Jornadas de Trabajo, Universidad de Alcalá.

NUBIOLA, *La razonabilidad de Peirce*, 2008 III Jornadas “Peirce en Argentina”. Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/IIIPeirceArgentinaNubiola.html>> Acesso em: 25/11/2011

PEIRCE, Charles Sanders. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. [Citado CP, seguido pelo número do volume e número do parágrafo]

PEIRCE, Charles Sanders. *La esencia cristalina del hombre*, 1892. Traducción castellana de Carmen Ruiz. Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/MansGlassyEssence.html>> Acesso: 25/11/2011

PEIRCE, Charles Sanders. *A fixação da crença*. Popular Science Monthly, New York, v. 12, nov.1877 Tradução Anabela Gradim p. 10 -Disp.em: <http://www.lusosofia.net/textos/peirceafixacaodacrenca.pdf> . Acesso em: 25/11/2011

PEIRCE, Charles Sanders. *Qué hace sólido un razonamiento?* , 1903. Traducción castellana de Sara Barrena. In *Utopía y Praxis Latinoamericana* 40 (2008), pp. 111-125 Disp. em : <<http://www.unav.es/gep/RazonamientoSolidoUtopia.html>> Acesso em 25/11/2011

PEIRCE, Charles Sanders *Que la significación del pensamiento reside en su referencia al futuro*, 1873 Traducción castellana . Juan Pablo Serra. Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/SignificacionPensamiento.html>> Acesso:25/11/11

PEIRCE, Charles Sanders *Semiótica*. Tradução para o português: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. *Como tornar nossas ideias claras*. Popular Science Monthly, New York, v. 12, nov. 1877 – Tradução António Fidalgo - Disp. em: <[http://www.lusosofia.net/textos/peircecomo tornar as nossas ideias claras.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peircecomo%20tornar%20nossas%20ideias%20claras.pdf)> Acesso em: 25/11/2011.

PEIRCE, Charles Sanders. *La ley de la Mente*, 1892 . Traducción castellana de José Vericat. Disp. em:: <<http://www.unav.es/gep/LawMind.html> > acesso em 25/11/11

PEIRCE, *Cómo Teorizar (Sobre la selección de hipótesis)* 1903, Traducción Castellana de Sara Barrena (CP 5.590-604) Disp. em: <<http://www.unav.es/gep/ComoTeorizar.html>> Acesso: 25/11/2011

PEIRCE, *La Doctrina de la Necesidad Examinada*, 1892 , Traducción castellana de Georges Delacre - Disp. em:: <<http://www.unav.es/gep/DoctrineNecessityExamined.html>> Acesso em 25/11/2011

RAMÓN Y CAJAL, Santiago. *Preocupações do principiante*. In: *Regras e conselhos sobre a investigação científica*. SP: USP, 1979 [1920];

SAINT-EXUPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa, 2004. Rio de Janeiro: AGIR.

WALL, Cornelis de. *Peirce e o princípio do pragmatismo*. In: *Sobre pragmatismo*. São Paulo: Loyola, 2007.